

Maria Augusta D'Arienzo

**A FORMAÇÃO DE LEITORES PELO PROJETO  
LIVRO DO MÊS NA PERCEPÇÃO DE DISCENTES E  
DOCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS DE  
PASSO FUNDO/RS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Dickel.

Passo Fundo

2016

Dedico à Maria Carolina D'Arienzo Homercher,  
minha sobrinha e afillhada, com quem compartilho as  
leituras do Projeto Livro do Mês.

Agradeço à Profª Drª Tania Mariza Kuchenbecker Rösing, idealizadora das Jornadas Literárias, pelas conversas sempre entusiasmadas sobre livro, leitura, literatura e, principalmente, sobre a formação do leitor contemporâneo e por acreditar e me incentivar a cursar o Mestrado em Educação.

Aos estudantes e professores das escolas pesquisadas pela disponibilidade de expor suas percepções e opiniões acerca do projeto.

À amiga Fernanda Lopes pelas primeiras e últimas leituras, seu auxílio e companheirismo nos grupos focais, nas transcrições, na correção e formatação deste trabalho.

Aos professores da banca pelas considerações feitas durante a qualificação, fundamentais para o redimensionamento do trabalho.

À Profª Drª Adriana Dickel por me acolher com sua simplicidade e sabedoria na função de orientar a presente pesquisa, me ensinando a percorrer o desafio da pesquisa com confiança, paciência, respeito, o que contribuiu para minha formação.

A todos que foram atores, escritores e vozes desta história, meus sinceros agradecimentos.

“E isto é Passo Fundo. Colocar frente a frente autor e leitor. Porque escrever, como se sabe, é o mais solitário de todos os ofícios. Há pouco mais de um ano eu conversava com um amigo que havia abandonado o seu meio de trabalho – compor canções – para escrever um livro. E ele me dizia exatamente isso: como é profunda e desmesurada a solidão do escritor. Uma peça de teatro, dizia ele, você escreve, depois vem a etapa dos ensaios, que envolve muita gente, finalmente vem a montagem para o público. Uma canção, você termina, mostra para a mulher, para os amigos, para os músicos, grava, ouve no rádio, canta nos palcos. Mas um livro... bem, um livro, você termina e deixa de acompanhar seu destino. Não sabe como será a cara do leitor, se vai ler até o fim, se vai dobrá-lo e depois esquecê-lo num canto da casa, numa mesa qualquer, num banco de avião...Você vê o disco numa loja, mas ouve a canção no rádio. Você vê o livro numa vitrine e nunca mais saberá o que aconteceu com o que escreveu.

Em Passo Fundo, não. Você vê rostos numa plateia imensa, e esses rostos perguntam coisas, tentam saber o que muitas vezes o próprio escritor desconhece. O leitor satisfaz parte de suas curiosidades. O autor volta para casa com esta experiência inusitada.”

(Eric Nepomuceno, 1993, p. 34-35)

## RESUMO

O trabalho realizado pela formação de leitores por três décadas de Jornadas Literárias, na Capital Nacional e Estadual da Literatura, Passo Fundo/RS, teve seus desdobramentos por meio do Projeto Passo Fundo – Capital Nacional da Literatura e nele, do Projeto Livro do Mês, foco deste estudo. O Projeto Livro do Mês proporciona a estudantes e professores de diferentes níveis de ensino um encontro mensal com uma obra literária de autor contemporâneo, ratificando a metodologia das Jornadas Literárias, ou seja, leitura prévia da obra e posterior encontro presencial com o autor. Para aproximar os leitores em formação de textos de natureza literária, formar uma plateia apreciadora de diferentes manifestações artístico-culturais e, assim, formar leitores multimídiais, é desenvolvida uma prática leitora multimídia, que provoca a interação entre a obra do mês e outras leituras, em diferentes linguagens e em distintos suportes. Tomando esse processo de formação de leitores como universo de investigação, este trabalho tem a seguinte questão central: que percepções discentes e docentes manifestam acerca do Projeto Livro do Mês e que elementos de uma concepção de leitura literária adentram e se interiorizam na escola através desse Projeto? Pretende-se com isso investigar as percepções produzidas por estudantes e professores em sua participação no Projeto Livro do Mês e o alcance da concepção de leitura literária, que embasa o referido Projeto, junto a esses sujeitos. Para tanto, constituem-se aportes teóricos da investigação as contribuições sobre leitura, leitor contemporâneo e formação do leitor no contexto escolar de Rösing, Chartier, Zilberman, Bahktin, Santaella, Petit, Freire, Iser, Silva, Colomer, Paulino e Azevedo. A análise dos dados, produzidos mediante observação das práticas leitoras e da organização de grupos focais com estudantes e de entrevistas com professoras de escolas da rede pública de Passo Fundo, foi organizada em torno de três categorias descritivas: o Projeto Livro do Mês na escola, o leitor diante/com o Projeto Livro do Mês e as práticas de leitura na escola. Como resultados do trabalho, tem-se que: o Projeto Livro do Mês adentra a escola por duas vias distintas, a saber, pelo protagonismo do professor e pelo desejo da escola; desenvolve comportamento leitor e práticas de leitura ligadas a uma concepção de leitura literária nos leitores em formação; a sua interiorização no ambiente escolar depende do envolvimento de professores e estudantes nas diferentes etapas do Projeto e, para além delas, do trabalho realizado antecipadamente e posteriormente ao encerramento de cada edição mensal do Projeto; o processo de institucionalização do Projeto acontece em consequência do comprometimento da escola com a formação de leitores.

**Palavras-chave:** Leitura. Leitura literária. Leitor. Formação de leitores. Projeto Livro do Mês.

## ABSTRACT

The work carried out for the formation of readers in three decades of the Jornadas Literárias in the national and state capital of the literature, Passo Fundo, had its ramifications by means of the Projeto Passo Fundo – Capital Nacional da Literatura, including the Projeto Livro do Mês (Book of the Month Project), the corpus of this study. The Projeto Livro do Mês provides students and teachers from different levels of education a monthly contact with the literary work by a contemporary writer, ratifying the methodology of the Jornadas Literárias: the prior reading of the book and later the face meeting with the author. A multimedia reader practice is developed to stimulate discussion of the book among readers. This activity also shows the interaction between the literary work and other readings in different languages and different supports aiming to approach these readers in formation of literary texts and form an appreciator audience of different artistic and cultural expressions, in order to consolidate Passo Fundo as National and State Capital of Literature by means of the formation of readers. The central issue of this work is to define to what extent the Projeto Livro do Mês is internalized in school and if it captivates new readers and new ways of reading, and to what extent the proposal of reading developed by the project is incorporated in the reading practices of the students. While the objectives are to investigate if from the participation in the Projeto Livro do Mês there was some change in the relationship of students with reading; check if the participation in the project takes students to seek other readings; and establish if from the entrance of the Projeto Livro do Mês at the school there is a transformation in reading practice of teachers with students. Therefore, it seeks on the contributions of Rösing, Chartier, Zilberman, Bahktin, Santaella, Petit, Freire, Iser, Silva, Colomer and Azevedo the understanding of a concept of reading, who is the contemporary reader and how is developed the formation of the reader in the school context. The analysis was supported by the confrontation between the data described and the theoretical approaches mentioned based on the following categories: the Projeto Livro do Mês in school; the reader before/with the Projeto Livro do Mês; and the reading practices in school. Regarding the methodological procedures, two case studies were conducted gathering the perception of participation in the Projeto Livro do Mês of students and teachers from two schools of the state school system of Passo Fundo. The results of the analysis of the data produced are exposed on three topics that follow the categories mentioned above. The conclusion is that the Projeto Livro do Mês enters the school in two distinct ways: initiative of the teacher and school's desire. It captives new readers and its internalization in the school environment is by means of the involvement of teachers and students in the activities of its different stages and beyond. By the work done previously and after the end of each monthly edition of the project. Its institutionalization process happens because of the school's commitment to the formation of readers.

**Keywords:** Reading. Reader. Readers' formation. Jornadas Literárias. Projeto Livro do Mês.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>LEITURA, LEITOR E FORMAÇÃO DO LEITOR: POR UM AMÁLGAMA COERENTE COM OS TEMPOS ATUAIS.....</b>	<b>16</b>
<b>2.1</b>	<b>Leitura: uma prática social e cultural .....</b>	<b>17</b>
<b>2.2</b>	<b>Elementos da história do leitor e das maneiras de ler .....</b>	<b>24</b>
<b>2.3</b>	<b>O texto na relação com o leitor .....</b>	<b>29</b>
<b>2.4</b>	<b>Tipos de leitor .....</b>	<b>33</b>
<b>2.5</b>	<b>Formação do leitor contemporâneo .....</b>	<b>42</b>
<b>3</b>	<b>PROJETO LIVRO DO MÊS - DIÁLOGO ENTRE LEITORES E ESCRITORES</b>	<b>50</b>
<b>4</b>	<b>O PERCURSO INVESTIGATIVO .....</b>	<b>59</b>
<b>5</b>	<b>O PROJETO LIVRO DO MÊS E A FORMAÇÃO DE LEITORES.....</b>	<b>67</b>
<b>5.1</b>	<b>O Projeto Livro do Mês na escola .....</b>	<b>68</b>
<b>5.1.1</b>	<b>1ª etapa – Leitura prévia .....</b>	<b>68</b>
<b>5.1.2</b>	<b>2ª etapa – Prática leitora multimídia.....</b>	<b>76</b>
<b>5.1.3</b>	<b>3ª etapa – Seminário com o autor e seus desdobramentos.....</b>	<b>85</b>
<b>5.1.4</b>	<b>4ª etapa – Avaliação do Projeto Livro do Mês e sua continuidade na escola .....</b>	<b>92</b>
<b>5.1.5</b>	<b>5ª etapa – Necessidades, limitações, dificuldades, sugestões do e para o Projeto .....</b>	<b>100</b>
<b>5.2</b>	<b>O leitor diante/com o Projeto Livro do Mês.....</b>	<b>107</b>
<b>5.2.1</b>	<b>O leitor e o gosto pela leitura .....</b>	<b>107</b>
<b>5.2.2</b>	<b>O leitor e o diálogo com o autor.....</b>	<b>110</b>
<b>5.2.3</b>	<b>O leitor e a escolha de livros .....</b>	<b>112</b>
<b>5.2.4</b>	<b>O leitor e as diferentes linguagens e suportes .....</b>	<b>116</b>
<b>5.2.5</b>	<b>O leitor e o desenvolvimento cognitivo pela leitura.....</b>	<b>120</b>
<b>5.3</b>	<b>As práticas de leitura na escola .....</b>	<b>122</b>
<b>5.3.1</b>	<b>O trabalho com o texto .....</b>	<b>122</b>
<b>5.3.2</b>	<b>Atividades realizadas para além da leitura prévia de aproximação .....</b>	<b>125</b>
<b>5.3.3</b>	<b>Atividades realizadas com as obras na escola pós-seminário .....</b>	<b>126</b>
<b>5.3.4</b>	<b>O espaço pedagógico biblioteca escolar e a leitura .....</b>	<b>129</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>131</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>140</b>

<b>ANEXO 1 – Roteiro de entrevista com professores .....</b>	<b>145</b>
<b>ANEXO 2 - Roteiro de entrevista professora “Z” .....</b>	<b>146</b>
<b>ANEXO 3 - Autorização Direção da Escola, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, Termo de Assentimento do Menor. ....</b>	<b>147</b>
<b>ANEXO 4 - Roteiro do grupo focal .....</b>	<b>152</b>
<b>ANEXO 5 - Registro dos documentos coletados e utilizados no trabalho de campo/2014 .....</b>	<b>153</b>
<b>APÊNDICE 1 - Roteiros das práticas leitoras multimídiais criadas e desenvolvidas pela pesquisadora.....</b>	<b>155</b>
<b>1. Roteiro de prática leitora do mês de março/2014.....</b>	<b>155</b>
<b>2. Roteiro da prática leitora do mês de abril/2014.....</b>	<b>157</b>
<b>3. Roteiro da prática leitora do mês de maio/2014.....</b>	<b>160</b>
<b>4. Roteiro da prática leitora do mês de agosto/2014 .....</b>	<b>163</b>
<b>5. Roteiro da prática leitora do mês de setembro/2014.....</b>	<b>165</b>
<b>6. Roteiro da prática leitora do mês de outubro/2014.....</b>	<b>168</b>
<b>7. Roteiro da prática leitora do mês de novembro/2014 .....</b>	<b>170</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Passo Fundo é uma das dez cidades mais populosas do Rio Grande do Sul, com cerca de duzentos mil habitantes. Primeiramente, foi povoada por indígenas *tupi-guaranis*, *jês* e *caingangues*; logo, chegaram as famílias de imigrantes alemães, italianos e judeus. Em 1857, instituiu-se o município de Passo Fundo e hoje, após 158 anos, o município é referência na região e no estado nas áreas da saúde e educação.

Diferentes eventos artísticos e culturais são realizados no município: Feira do Livro, Festival Internacional de Folclore, Jornada Nacional de Literatura, Jornadinha Nacional de Literatura, Passodança, Rodeio Internacional de Passo Fundo, e tantos outros que mostram a importância da cidade no Planalto Médio Gaúcho.

A Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo é desenvolvida há mais de três décadas com o objetivo de formar leitores com foco no texto literário, nas diferentes linguagens e suportes, para e, a partir dele, compreender e interpretar as diferentes manifestações da cultura.

Em decorrência das jornadas literárias, o município de Passo Fundo, no ano de 2006, recebeu o título de Capital Nacional da Literatura, pela Lei Federal 11.264, de 02/01/2006, e de Capital Estadual da Literatura, por meio da Lei nº 12.838 de 13/11/2007, da Assembleia Legislativa/RS. A Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo passa a integrar o Patrimônio Histórico do Rio Grande do Sul, através da Lei nº 12.295 de 21/06/2005.

Por ser concebida como algo para além de um evento, como uma movimentação cultural permanente, integrantes da Universidade de Passo Fundo - UPF (Mundo da Leitura, Curso de Letras, Vice-Reitoria de Extensão) e da Prefeitura Municipal (Secretarias Municipais de Educação e Cultura), responsáveis pela organização das jornadas, organizaram outras ações que viessem a consolidar o trabalho realizado nesses 34 anos de formação de leitores, bem como pela formação de plateias apreciadoras de literatura e de diferentes manifestações da cultura.

Nesse contexto, cria-se o Projeto Livro do Mês, que integra as ações propostas pelo Projeto Passo Fundo - Capital Nacional da Literatura, o qual objetiva ratificar o trabalho de formação de leitores, concebido e desenvolvido pelas jornadas literárias, oportunizando aos alunos, de diferentes níveis de ensino, a leitura prévia de uma obra literária contemporânea e o diálogo com seu autor em seminário presencial, como forma de se tornarem entusiastas da leitura literária e vivenciarem uma sinergia com as diferentes linguagens e mídias.

O Projeto do Livro do Mês passa a ser desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Passo Fundo e pela Universidade de Passo Fundo, a contar do mês de junho de 2006. Alunos do Ensino Fundamental e Médio, incluindo as modalidades de Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial, universitários, professores universitários e da rede pública e privada de ensino são o público prioritário do projeto, porém há o propósito de acolher a comunidade em geral, interessada em literatura. A participação das redes de ensino difere. A rede municipal procura oportunizar a participação de todas as escolas ao menos em um seminário no ano. Já as redes estadual e privada participam por adesão. Professores e alunos do ensino superior são convidados a participar das edições, sendo oferecidos seminários no Campus I da UPF e, também, em alguns locais na estrutura multicampi. A comunidade em geral é convidada e sua participação ocorre por adesão.

São oferecidos três ou quatro seminários a cada edição, atendendo aos diferentes públicos do projeto. Os seminários possuem na sua dinâmica espaço para explanação do escritor, conversa entre os participantes e o escritor, com questionamentos acerca das suas curiosidades e dúvidas, e, por fim, ocorre a sessão de autógrafos. Em vista disso, o Projeto Livro do Mês mantém o princípio das Jornadas Literárias, priorizando a leitura prévia de obras literárias, seguida de encontro com o escritor.

No interior do projeto, desenvolvem-se práticas leitoras. Isto é, a cada edição, para auxiliar na leitura da obra, em escolas da rede estadual e particular de ensino de Passo Fundo, embasadas em um conceito expandido de leitura, da leitura de mundo à leitura das manifestações da cultura, passando do impresso ao digital, em diferentes suportes e mídias, são realizadas atividades envolvendo distintas linguagens.

Esse conceito de leitura difundido pelo Projeto pressupõe a cultura da interdisciplinaridade, já que valoriza a construção coletiva de conhecimentos e os saberes de diferentes natureza. Acredita-se que, para a compreensão e a interpretação de distintos conteúdos e em meio à propagação de tantas informações, a ação interdisciplinar é fundamental ao leitor em formação. Sustenta-se, também, que a leitura resulta do processo de significação que se instaura na relação entre autor, texto e leitor. Nela, reconhece-se o protagonismo de quem escreve, mas, também, do conteúdo e de sua expressão e do sujeito que reconstrói com base em seus conhecimentos prévios esse conjunto de informações.

Nesse sentido, a concepção de leitura que embasa o Projeto se filia ao conceito de leitura literária, considerada como a experiência plena de interação do leitor com o texto. Nela, destaca-se o papel do leitor no processo de significação do texto, em especial do

referencial desse leitor na atualização do texto, bem como a importância da biografia e da trajetória do autor e do contexto social e histórico emergente no texto.

Essa concepção, portanto, leva o texto ao encontro de outros textos, muitos deles difundidos em distintos suportes, do impresso ao digital e em diferentes linguagens. A leitura, nesse sentido, é compreendida como uma prática cultural. O ato de ler, como ato de construção de sentidos pelos leitores, espectadores, ouvintes, e a obra é observada a partir da pluralidade, polifonia, contexto e criatividade das relações que provoca.

Segundo o *Diccionario de nuevas formas de lecturas y escritura*, organizado pela Red Internacional de Universidades Lectoras, a leitura literária é definida como uma jornada por meio das palavras, que apresenta a verdade das coisas e nessa apresentação encontra-se o deleite estético. Concebe-se, nessa dimensão, a leitura como prazer e, por seu intermédio, o leitor pode saborear a obra de arte e o texto é transformado em arte pelo modo como é escrito.

Levando em consideração os propósitos do Projeto Livro do Mês e a concepção de leitura que o informa, a pesquisa de que trata esta dissertação voltou-se para o seguinte questionamento: que percepções discentes e docentes manifestam acerca do Projeto Livro do Mês e que elementos de uma concepção de leitura literária adentram e se interiorizam na escola por meio desse Projeto? Pretende-se com isso investigar como o Projeto Livro do Mês é vivido no interior de escolas que se engajam a ele e o alcance junto aos seus sujeitos da concepção de leitura literária que o embasa. Além disso, objetiva-se, ainda, recompor a história do Projeto Livro do Mês no contexto das Jornadas Literárias passo-fundenses; abordar, com base no ponto de vista dos jovens, as mudanças provocadas pelo Projeto em suas relações com o livro; e as necessidades que estudantes e professoras vivenciam acerca da leitura literária, resultantes da sua participação no Projeto Livro do Mês.

O desejo de pesquisar tal temática tem sua origem ainda em 2009, quando, professora da rede municipal de ensino de Passo Fundo, a pesquisadora foi convidada a assumir a função de coordenação da Universidade Popular, uma das coordenadorias da Secretaria Municipal de Educação, a qual tinha como um de seus núcleos o desenvolvimento de ações de leitura no município, entre elas: a Jornada Nacional de Literatura, a Jornadinha Nacional de Literatura e o Projeto Livro do Mês.

Como gestora municipal dessas atividades e a partir daquele momento como integrante da Comissão Interinstitucional responsável pela consolidação do título de Capital Nacional da Literatura, a pesquisadora passa a realizar uma reflexão solitária acerca da importância e do papel das práticas, ações, atividades desenvolvidas para a formação de

leitores no município. Essa situação se modifica quando, a partir de 2013, passa a atuar no Setor de Apoio às Jornadas Literárias, trabalhando diretamente com a organização das ações de promoção da leitura, do livro e da literatura. A relação da pesquisadora com essa movimentação cultural se intensifica, principalmente com o Projeto Livro do Mês, quando em 2014, assume a função de criar e desenvolver as práticas leitoras nas escolas participantes do projeto.

Em vista do exposto, constituem-se como fundamentais à presente pesquisa os seguintes conceitos: práticas leitoras, leitura, leitura literária, formação de leitores na escola. A prática leitora sustenta-se em uma concepção de leitura como uma forma de aprendizagem, uma vez que, nessa atividade, ocorre a apropriação, a invenção, a produção de significados. Trata-se de uma prática social que leva o leitor a explorar os implícitos do texto, o que favorece a sua constituição como um sujeito crítico, comprometido com as transformações sociais.

Concebe-se, portanto, como práticas leitoras as ações de leitura vivenciadas por alunos e professores que envolvem diferentes linguagens - verbal, musical, dramática, entre outras -, em suportes diversos e em diferentes mídias. Isso implica dizer que a leitura tem por objeto não somente o texto escrito, mas a partir dele também as diferentes formas de o ser humano se expressar, bem como as diversas estruturas em que são veiculados e que se materializam por distintos códigos.

As práticas leitoras intensificam o uso de recursos, como os visuais, a fotografia, o cinema, a animação, entre outros, os quais sustentam diálogos com os textos escritos. A cultura e as artes ultrapassam os grupos restritos e transformam-se em necessidade para a grande parte dos indivíduos, leitores em formação, enquanto as atividades desenvolvidas se utilizam das inovações proporcionadas pelos recursos multimídiais.

A leitura e a leitura literária resultante desse processo incita o leitor ao diálogo com o presente e o passado e com a transformação cultural. Trata-se, portanto, além de um processo dialógico entre leitor e autor, entre o leitor e o contexto histórico, social, cultural do texto. A interação do leitor com outros textos é uma forma de interação que possibilita a construção de significados e de novos conhecimentos. A seu tempo, nesta exposição, auxiliarão na reflexão e no aprofundamento dessa abordagem da leitura autores como Bakhtin (2006), Chartier (1998, 2014), Freire (2001), Kleiman (2000, 2013), Silva (2011).

Além da concepção de prática leitora e de leitura que embasa este trabalho, interessa o trabalho realizado pela escola no campo da formação de leitores. Considera-se que a escola

tem enfrentado problemas para dialogar com e responder às demandas do real onde se insere. Levando em conta a especificidade da escola, o trabalho escolar é elemento necessário ao desenvolvimento cultural e social. O professor contribui para a democratização e a transformação da sociedade à medida que coloca o aluno de posse de ferramentas necessárias para a compreensão da complexidade social e para a intervenção qualitativa na sociedade.

No contexto da escola, estudos entre os quais os de Aguiar (2011), Colomer (2003) e Aguiar e Bordini (1988) apontam que a concepção do ensino da leitura, geralmente, é a de leitura como competência, tornando o processo fragmentado. Assim sendo, é comum, nas atividades de sala de aula, analisar uma unidade linguística (palavra, frase, período, parágrafo, texto) destituída da intencionalidade, dos implícitos, da complexidade do que não está escrito, mas que constam inscritos nos textos, em especial, nos textos de natureza literária.

A construção do conhecimento que se dá por meio da leitura literária é realizada pela capacidade de dialogar com os aparatos tecnológicos e as diferentes linguagens, incentivando o leitor a criar novas interações, novas possibilidades de uso da informação, novas estratégias de atuação na sociedade, sendo mais criativos, mais audazes, autônomos, desafiados por meio de novos códigos de interpretação e de construção de sentidos.

A formação do leitor, portanto, precisa ser pensada nessa perspectiva, pois o perfil do leitor contemporâneo mostra o entusiasmo com os suportes com tela, do mesmo modo que ler um livro em papel é animador, circulando naturalmente entre esses suportes. Os suportes diferenciados de informação, especialmente os digitalizados e multimídiais, contribuem com mudanças nos paradigmas culturais e educacionais. O livro altera sua condição física de estática para a virtualidade interativa. O leitor submete a informação, textual ou não, à sua vontade e critérios, causando reconstruções desmembradas, deslocadas e recriadas por sua interpretação.

Para a abordagem do que se concebe como leitor, sua história, suas maneiras de ler, sua relação com o texto e com a leitura literária e a sua formação no ambiente escolar, serão tomados como referência os estudos de Azevedo (2004), Chartier (1999), Colomer (2003), Iser (1979), Petit (2008), Rösing (2014), Santaella (2004, 2013), Zilberman (2001, 2012) e Paulino (2009, 2011), além de outros que permitem e potencializam o diálogo com as práticas leitoras, desenvolvidas no âmbito do Projeto Livro do Mês, e com as suas implicações na formação do leitor literário.

A pesquisa em exposição é de abordagem qualitativa, uma vez que busca apreender no movimento do real um dado fenômeno educativo e as transformações que ele e sobre ele

operam. Estudos dessa natureza pretendem entender em profundidade tal fenômeno, levando em conta as necessidades dos próprios protagonistas do contexto educativo e de sua realidade. Optou-se pelo estudo de caso, como tipologia de pesquisa, uma vez que o objetivo da investigação voltou-se para a análise das percepções dos sujeitos sobre o Projeto Livro do Mês e seus efeitos sobre as práticas de leitura de jovens e seus professores. Para tanto, foram selecionadas duas escolas da rede estadual de ensino e suas respectivas professoras e alunos como universo de investigação, o qual foi acessado por meio dos seguintes instrumentos: observação, entrevista e grupo focal. Buscou-se nesses sujeitos as suas percepções e vivências do/no Projeto e do modo como ele se torna presente na escola. A análise dos dados produzidos no trabalho de campo respeita os princípios da triangulação dos conteúdos apreendidos das referidas fontes, confrontados com os propósitos do Projeto do Livro do Mês e com a bibliografia que sustenta esta investigação.

Com base nisso, pretende-se refletir sobre o processo de formação de leitores, por intermédio das distintas etapas do Projeto Livro do Mês – leitura prévia da obra selecionada, desenvolvimento de prática leitora, seminário com o autor - e sobre suas implicações no contexto escolar, trazendo para o estudo discussões a respeito da leitura, leitura literária, prática leitora e práticas de leitura na escola.

Esta dissertação está estruturada da seguinte forma: no capítulo 1, são apresentadas discussões sobre leitura, iniciando com a história da leitura, a sua relação com o texto e seus suportes, para, em seguida, abordar as práticas de leituras escolarizadas com objetivo de chegar a um conceito de leitura abrangente, confrontando-a com a concepção de leitura literária do Projeto Livro do Mês. O capítulo 2 trata da história do leitor, suas maneiras de ler ao longo da trajetória histórica, enfocando a relação do texto com o leitor e descrevendo o perfil cognitivo do leitor contemporâneo, para logo após trazer a discussão da leitura literária e da formação do leitor no contexto escolar, com vistas a olhar as práticas de leitura na escola e as práticas leitoras do Projeto Livro do Mês. O capítulo 3 apresenta o Projeto situando-o no percurso dos 34 anos das Jornadas Literárias de Passo Fundo, as ações desenvolvidas durante o ano de 2014, recorte temporal sobre o qual incide a pesquisa. O percurso metodológico consta no capítulo 4, no qual é apresentada a abordagem, o método e os instrumentos utilizados na pesquisa, bem como o *corpus* produzido, suas características e especificidades. Em seguida, no capítulo 5, é realizada a análise por triangulação dos dados produzidos, com base na qual são elaboradas as percepções de alunos e professoras participantes do Projeto Livro do Mês acerca de seu efeito sobre as práticas de leitura desses sujeitos e da escola. Por

fim, no capítulo 6, são apresentadas as considerações finais, mediante as quais são confrontados os objetivos da pesquisa com os seus resultados.

## **2 LEITURA, LEITOR E FORMAÇÃO DO LEITOR: POR UM AMÁLGAMA COERENTE COM OS TEMPOS ATUAIS**

“Faz-se necessário que crianças, jovens e adultos ainda não leitores se aproximem de textos contemporâneos, identificando-se com a linguagem empregada pelo autor, aprendendo a apreciar a originalidade com que um autor trata o tema selecionado. É preciso que aprendam, ainda, a reconhecer a ficcionalidade em que essa obra se constitui, de forma que cada um desses leitores em formação seja estimulado a se envolver, cada vez mais, com textos de natureza literária. A prática leitora multimídia permite o contato com outras linguagens em distintas mídias, formando não apenas leitores, mas um público qualificado para a apreciação das diferentes artes.” (RÖSING, 2014, p. 8)

Com base nas palavras de Rösing (2014), é possível perceber a que se propõe o Projeto Livro do Mês, tema da pesquisa em exposição. Esse projeto, ao trabalhar com a leitura literária em diferentes linguagens e distintos suportes, procura levar o leitor em formação, na contemporaneidade, a ser um apreciador de textos literários e ainda um apreciador das diferentes manifestações da cultura.

Mas donde vem essa preocupação com o leitor e a sua formação? Que concepção de leitura respalda a atividade em curso nesse projeto? Que concepção de leitura é necessária para fazer do ato de ler um ato de compreender o mundo, de participação mais crítica e ativa no processo de comunicação humana? Este capítulo tem como intenção sistematizar um conceito de leitura que a compreenda como uma prática social, política e também cultural, o qual necessita ser apropriado e estar em diálogo com as demandas produzidas na sociedade letrada contemporânea. Além disso, visa apresentar a história do leitor, o seu comportamento ao longo do tempo, bem como a sua relação com o texto. Também, intenciona mostrar esse leitor na atualidade, as habilidades e as práticas de leitura acionadas pelo desenvolvimento da leitura do impresso ao digital. E volta-se ainda, para os diferentes tipos de leitores que surgiram nesse percurso, para as diversas formas de compreender como se dá a formação desse leitor, principalmente, no universo escolar, e, pela leitura literária, para como todos esses aspectos são levados em consideração nas práticas leitoras multimídiais desenvolvidas no âmbito do Projeto Livro do Mês.



## 2.1 Leitura: uma prática social e cultural

A leitura tem importância na vida das pessoas, pois nos distintos materiais de leitura encontra-se o conhecimento construído por meio de processos diversos protagonizados pelo ser humano nas relações com o mundo. Traz, por consequência, grande parte do patrimônio histórico, cultural e científico da humanidade. Portanto, o acesso à cultura se dá, sobretudo, pela leitura.

No entanto, se retomada a história da leitura, veremos que nem sempre ela foi vista dessa forma. Em meados do século XVIII, a leitura era considerada prejudicial à saúde, já que produzia danos físicos no leitor como o cansaço da vista e o esgotamento dos nervos, resultado da concentração e meditação exigidas pelo ato de ler. Outros transtornos de saúde são atribuídos à leitura e conseqüentemente à escrita: “A ‘intemperança literária’ causaria perda de apetite, dificuldades digestivas, enfraquecimento geral, espasmos, convulsões, irritabilidade, atordoamento, taquicardia, podendo conduzir à ‘privação de todos os sentidos’.” (ABREU, 1999, p. 11). A saída para tantos distúrbios era a restrição à leitura e a prática de exercícios.

Afora as conseqüências físicas, não consideradas as mais graves, a leitura evidenciava ameaça para a alma e colocava a moral em perigo: “Dizia-se que os livros divulgavam ideias falsas, fazendo-as parecer verdadeiras, estimulavam demasiadamente a imaginação, combatiam o pudor e a honestidade.” (ABREU, 1999, p. 11). No que se refere à transgressão da moral, o que era mais ameaçador estava representado pelos textos literários, os quais expunham os leitores a cenas e situações que iam de encontro a um conjunto de valores no qual a sociedade precisaria alicerçar-se.

Além disso, o poder de alterar comportamento, imputado à leitura, levava as pessoas a transferir o que liam nos livros para a vida real. Levando em conta os sortilégios ocasionados pela leitura, principalmente de romances, sugeriu-se na França a elaboração de leis para a proibição da criação e venda de romances nacionais e internacionais.

Ainda no século XVIII, considerando a moral e a religião, fortes movimentos foram realizados para distanciar os indivíduos da leitura. Como exemplo, Abreu (1999, p. 12) refere o Alvará de 30 de agosto de 1791, no qual D. Maria I autorizava o Inquisidor Geral a agir contra aquele que comprasse, vendesse, tivesse, lesse e conservasse livros e escritos nocivos, profanos, imorais, como também contra a seus autores. Fica evidente a concepção de que há

mais malefícios naquilo que está escrito e impresso do que no que é praticado e expressado de forma oral. Segundo a autora, essa “preocupação levou, como se sabe, ao empenho em censurar, controlar e proibir a composição, publicação, venda e posse de livros tidos como inconvenientes.” (ABREU, 1999, p. 13).

As questões da moral e da religião eram adjacentes ao poder político. A leitura, ou seja, o acesso à educação formal, levaria as pessoas a enxergar as desigualdades sociais, o que ocasionaria descontentamentos e insubordinações. Para que os pobres não desejassem transformar sua realidade, não havia necessidade de nutri-los com ideias. Isso serviu de base para muitas das ações de censura ao livro e aos escritores, assim como a proibição de leituras.

As pessoas que combatiam certos livros entendiam que alguns deles valeriam a pena e poderiam, senão, deveriam ser lidos, pois não havia consenso na repulsa à leitura e nem todos os livros eram considerados prejudiciais ao leitor.

O repúdio ou o estímulo à leitura só podem ser bem compreendidos se forem examinados os objetos que tomam para ler e sua relação com questões políticas, estéticas e morais ou religiosas nos diferentes tempos e lugares em que homens e mulheres, sozinhos ou acompanhados, debruçaram-se sobre textos escritos. (ABREU, 1999, p. 15)

Então o texto, como objeto da leitura, é uma unidade de sentido, um acontecimento comunicativo atravessado por ações linguísticas, sociais e cognitivas. Segundo Marcuschi (2008, p. 72), tanto o texto oral como o escrito se caracterizam por ter coerência de sentido, ou seja, o significado de uma frase está relacionado e depende das demais que compõem o todo. O sentido do texto é designado pelo contexto explícito, em que as palavras o explicitam, ou implícito, se está subentendido no momento em que o texto é elaborado. Outra característica de um texto é o seu caráter histórico, a qual determina o tempo e o espaço em que foi construído, determina as convicções e as visões de um grupo social de uma dada época e sociedade. Para o autor, o “texto não é simplesmente um artefato linguístico, mas um evento que ocorre na forma de linguagem inserida em contextos comunicativos.” (MARCUSCHI, 2008, p. 75-76). Dessa forma, o texto ativa estratégias, expectativas, conhecimentos linguísticos e não linguísticos, os quais propiciam o diálogo entre autor e leitor, objetivando que o segundo construa sentidos.

Os sentidos do texto são elaborados pelo leitor na atividade da leitura. Nesse processo, são engajados e utilizados os conhecimentos adquiridos no decorrer das experiências de vida,

ou seja, os conhecimentos prévios do leitor, que não são somente de natureza linguística, mas também de mundo.

Em vista disso, é relevante conceber a leitura como

uma prática social que remete a outros textos e outras leituras. Em outras palavras, ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa socialização primária, isto é, o grupo social em que fomos criados. (KLEIMAN, 2013, p. 13)

Isso posto, é inegável que a alfabetização constitui o meio para se iniciar o processo de formação do leitor. Alfabetizar, portanto, é assegurar o acesso ao mundo da escrita, dando condições para que o sujeito além de ler e escrever possa fazer uso adequado dessa aprendizagem, como também utilizá-la enquanto ferramenta na construção da cidadania plena.

Paulo Freire (2001) afirma que se alfabetizar, ou seja, o ato de aprender a ler e escrever é, primeiramente, aprender a ler o mundo, a conhecer o seu contexto, não se satisfazendo em apenas escrever algumas palavras, mas desejando, por meio delas, entender o universo que liga a realidade e a linguagem. Quando o indivíduo não compreende o material impresso, conseqüentemente, não se coloca frente ao universo que envolve a escrita e, por conseguinte, a leitura. Assim, “ao analfabeto, em outras palavras, fica vedada a possibilidade de fruição dos bens culturais que compõem o patrimônio literário da sociedade.” (SILVA, 2011, p. 42).

Dessa forma, aprender a ler e a escrever tornam-se atos da educação e no contexto educacional a leitura é motivo de apreensão, de desafio, e é preciso assegurar uma prática efetiva, uma vez que “a leitura é uma “exigência” que está presente nas disciplinas acadêmicas oferecidas pela escola e, por isso mesmo, os respectivos professores são, implícita ou explicitamente, orientadores de leitura.” (SILVA, 2011, p. 38).

O desafio de criar discussões, reflexões e novas práticas de leitura passa pela relação entre professor, aluno e materiais de leitura, e, no processo de interação, o leitor em formação passa a compreender o texto. É por intermédio da conversa, ou seja, do diálogo acerca de aspectos relevantes do texto que há apreensão do mesmo. Segundo Kleiman, por vezes, muitos “aspectos que o aluno sequer percebeu ficam salientes nessa conversa, muitos pontos que ficaram obscuros são iluminados na construção conjunta da compreensão.” (2013, p. 36) Então, o papel do professor é o de potencializar conexões entre texto, aluno e autor.

Novas práticas de leitura surgem quando é superado o conceito de leitura baseado apenas na decifração exclusiva da palavra ou da linguagem escrita. É preciso ampliar essa concepção, já que o ato de ler, segundo Paulo Freire,

não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (2001, p. 11)

Logo, se a leitura de mundo precede a leitura da palavra, há entre ambas uma continuidade que necessita ser recuperada no texto. Por isso, a leitura também é precedida pela forma como escrevemos e reescrevemos nosso mundo, assim transformando-o por meio de nossa prática consciente. A leitura de mundo e a leitura da palavra movimentam-se juntas e essa dinâmica se dá na relação do sujeito com o texto, o qual poderá, por meio da leitura da palavra-mundo, construir sentidos, produzir compreensões sustentadas nas suas experiências e na herança cultural que o constitui. A leitura como um ato criador leva à modificação no universo do leitor em formação, pois, além de construir conhecimento, ele se apropria de informações e saberes os quais ativam sua curiosidade. Ao ler, desenvolve sensibilidade, criatividade, imaginação, satisfaz necessidades, realiza preferências e desejos.

Constitutiva dessa compreensão é a ideia segundo a qual a leitura é uma atividade enunciativa. Isso implica ir ao encontro da concepção bakhtiniana de linguagem, dotada de perspectiva histórica, cultural e social, que coloca em evidência os sujeitos e os discursos envolvidos na comunicação, bem como a efetiva comunicação. Com base nela, podemos dizer que todo enunciado está marcado por uma historicidade e materialidade, o que amplia a dimensão meramente linguística. Assim, “a enunciação se dá, formada por discursos que circulam socialmente, reiterando a integração constitutiva entre o plano verbal e os demais que lhe são constitutivos.” (BRAIT, 2013, p. 77). Segundo Voloshinov (s.d., p. 14),

o significado e a importância de um enunciado na vida [...] não coincide com a composição puramente verbal do enunciado. Palavras articuladas estão impregnadas de qualidades presumidas e não enunciadas. O que se chama de “compreensão” e “avaliação” de um enunciado (concordância ou discordância) sempre engloba a situação pragmática extraverbal juntamente com o próprio discurso verbal. A vida, portanto, não afeta um enunciado de fora; ela penetra e exerce influência num enunciado de dentro, enquanto unidade e comunhão da existência que circunda os falantes e unidade e comunhão de julgamentos de valor essencialmente sociais, nascendo deste

todo sem o qual nenhum enunciado inteligível é possível. A enunciação está na fronteira entre a vida e o aspecto verbal do enunciado; ela, por assim dizer, bombeia energia de uma situação da vida para o discurso verbal, ela dá a qualquer coisa linguisticamente estável o seu momento histórico vivo, o seu caráter único. Finalmente, o enunciado reflete a interação social do falante, do ouvinte e do herói como o produto e a fixação, no material verbal, de um ato de comunicação viva entre eles.

Nessa perspectiva, ler transforma-se em ato de “co-enunciação, o diálogo que o autor trava com o leitor possível, cujos movimentos ele antecipa no processo de geração do texto e também como atividade de atribuição de sentido ao texto promovido pelo leitor no ato da leitura.” (BRANDÃO, 2005, p. 272). Por ser uma atividade enunciativa, a leitura constitui-se como um processo dialógico entre leitor e autor, assim como, entre leitor e contexto histórico, social, cultural do texto. Assim, a compreensão é uma forma de diálogo que possibilita a construção de sentidos e de novos conhecimentos.

A produção de sentidos implica, segundo Bakhtin (2006 p. 132), dois movimentos que convergem para a capacidade de significar: a significação e o tema. A significação diz respeito ao sentido que as palavras assumem historicamente, no uso repetido que é feito delas. Refere-se, segundo Cereja (2013, p. 202), à “capacidade potencial de construir sentido, própria dos signos linguísticos e das formas gramaticais da língua.” Já o tema é inseparável da enunciação, pois é a expressão de uma situação histórica concreta. Ele é singular e não se repete. Em sua produção, operam “não apenas os elementos estáveis da significação mas também os elementos extraverbais, que integram a situação de produção, de recepção e de circulação.” (CEREJA, 2013, p. 202). Nesse processo, a significação também se renova, uma vez que incorpora o tema, o que é instável. Por fim, significação e tema resultam na construção de sentido.

O diálogo, outro conceito-chave bakhtiniano, constitui-se na interação verbal, a qual, segundo Bakhtin, não é apenas “a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja” (2006, p. 125). Já a palavra, nos trabalhos de Bakhtin, é concebida como interindividual, pois agrega em si a fala de todos que, historicamente a empregam ou empregaram. A palavra, expressada nas crenças, gostos, receios e valores, faz parte do contexto de mundo vivenciado pelo locutor. Cabe ao interlocutor entender, apreender, aprovar ou não esse ponto de vista.

Outro elemento importante para uma concepção ampliada de leitura é a noção de interdiscursividade, ou seja, o “diálogo que todo texto trava com outros textos”. (BRANDÃO, 2005, p. 271). Nos estudos de Bakhtin, a interdiscursividade apresenta-se por dialogismo. O

dialogismo acontece sempre entre discursos, isto é, do confronto, convergência e divergência, acordo e desacordo, complemento e embate, adesão ou recusa, entre o discurso do locutor e do interlocutor. Segundo Brandão (id. *ibid.*), “cabe ao leitor mobilizar seu universo de conhecimento para dar sentido, resgatar essa interdiscursividade, fonte enunciativa desses discursos outros que atravessam o texto.”

Quando a relação discursiva é materializada em textos, é utilizado o termo intertextualidade, o que quer dizer que a intertextualidade implica uma interdiscursividade. No entanto, o interdiscurso não depende de uma intertextualidade, assim como nem toda a relação dialógica manifestada no texto deve ser conceituada intertextual. A interdiscursividade é toda relação dialógica entre enunciados, enquanto a intertextualidade é uma espécie peculiar de interdiscursividade, em que se pode localizar em um texto duas materialidades textuais diversas. Fiorin (2012, p. 192) recomenda que, “para perceber o sentido, é preciso situar o enunciado no diálogo com outros enunciados e apreender os confrontos sêmicos que geram os sentidos. Enfim, é preciso captar o dialogismo que o permeia.”

Conceber a leitura como um processo em que mundo, palavra, compreensão, enunciação, sentido, diálogo e interdiscursividade interagem reciprocamente implica também conceber um leitor e um processo de formação desse leitor de um modo específico. Nesse sentido, evidencia-se a importância de se construir na escola os conhecimentos e as competências necessárias para que o leitor em formação seja capaz de assumir a sua posição no diálogo com o texto, levando-o a uma visão expandida de leitura, que implique a construção de sentidos, a investigação do texto, a busca de respostas textuais e contextuais.

Diante dessa compreensão, é essencial pensar no processo de aprendizagem da leitura, observando que no início é indispensável auxiliar a criança a construir o sentido do texto, a natureza social e ideológica do mesmo, ensinando os aspectos técnicos da linguagem, mas colocando “o ensino da forma, do código, no seu devido lugar enquanto instrumento para a leitura, e pondo o ensino da leitura no bom sentido da palavra, no seu devido lugar de foco do trabalho com o texto.” (KLEIMAN, 2013, p. 70).

Esse processo de aprendizagem se dá tanto no meio escolar como fora dele. No âmbito extraescolar, ela ocorre por intermédio da apreensão indireta da cultura escrita. Em vista disso, para a formação do leitor, é imprescindível uma metodologia de leitura que permita “ao aprendiz a compreensão da palavra escrita, a fim de funcionar plenamente na sociedade que impõe a cada dia mais exigências de letramento, isto é, de contato e familiaridade com a

escrita para a sobrevivência.” (KLEIMAN, 2013, p. 16-17). Além disso, é preciso experienciar o desejo e a satisfação de poder conhecer através do texto escrito. Roger Chartier destaca que

o importante é assegurar o deslocamento da aquisição das competências do ler e escrever até a produção do desejo de ler, a consciência que a leitura é uma prática essencial para compreender com mais lucidez o mundo social, o passado, o ser humano e, finalmente, si mesmo. Assegurar este deslocamento é uma tarefa que deve estar coletivamente partilhada entre a escola, as mídias, as instituições públicas. (2014, p. 21)

Para tanto, é preciso evitar estratégias rígidas, fixas, prováveis, pois, conforme Kleiman,

a compreensão de um texto escrito envolve a compreensão de frases e sentenças, de argumentos, de provas formais e informais, de objetivos, de intenções, muitas vezes de ações e de motivações, isto é, abrange muitas das possíveis dimensões do ato de compreender, se pensamos que a compreensão verbal inclui desde a compreensão de uma charada até a compreensão de uma obra de arte. (2000, p. 10)

Em vista disso, não se pode ler sempre da mesma forma artefatos culturais tão diversificados como os textos. Isso porque o leitor em formação se apropria “da literatura não apenas como um conjunto de textos, consagrado ou não, mas também como um repertório cultural que proporciona uma forma singular – literária – de construção de sentidos.” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 68). Expressa-se, assim, nessa dimensão, a concepção de leitura e a metodologia sustentadas pelo Projeto Livro do Mês. Para Tânia Rösing, coordenadora do Centro de Referência de Literatura e Multimeios da Universidade de Passo Fundo,

a leitura é entendida numa acepção ampla. Ler o mundo enquanto texto universal. Ler textos na dimensão do impresso ao digital. Ler literatura independentemente do suporte em que seja veiculada. Ler conteúdos apresentados em diferentes mídias. Ler manifestações da cultura sejam elas de domínio popular, ou mesmo requerendo erudição. (2014, p. 5)

Nas práticas leitoras não é suficiente a leitura da obra selecionada pelo Projeto. Ao mesmo tempo em que se estimula a realização de discussões sobre a obra com o objetivo de compartilhar experiências de leitura entre os leitores, esses sujeitos “são estimulados a identificar a presença de outros textos na construção da obra, valorizando a intertextualidade

como recurso que propicia o diálogo entre obras de domínio público.” (RÖSING, 2011, p. 5). Com base na abordagem bakhtiniana, poderemos dizer que os leitores competentes e experientes são capazes de apreender a interdiscursividade emergente de uma estrutura textual. Para isso, é necessária uma formação em caráter mais efetivo, que incentive crianças e jovens a, no ato de ler determinada obra, desenvolver a capacidade de significar o que está escrito, explícito, e também o que está implícito, não registrado pelo autor.

Por fim, reitera-se que a leitura é importante para o desenvolvimento do cidadão e da sociedade, visto que a cultura escrita enquanto prática social contextualizada cumpre diferentes funções, entre elas: a comunicação, a transmissão de informações, a construção de conhecimentos, a interação entre indivíduos, sociedade, cultura e mundo.

## **2.2 Elementos da história do leitor e das maneiras de ler**

Roger Chartier, historiador francês, introduz o texto *O leitor entre limitações e liberdade* com a pintura de Carl Spitzweg, do século XIX, a qual representa o leitor solitário, ao ar livre, demasiadamente dirigido ao livro de devoção, mostrando a ligação harmônica entre a natureza e a expressividade da palavra divina. Segundo ele, “o leitor é um caçador que percorre terras alheias” (1998, p. 77), pois ao ser absorvido pela leitura dá ao texto sentido que muitas vezes é diverso do pretendido pelo autor, editor ou comentador, caracterizando a liberdade do leitor que se insubordina àquilo que o livro pressupunha.

Porém, essa liberdade é limitada pelas diferentes práticas de leitura e suas capacidades, convenções e hábitos: “Do rolo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler”. (CHARTIER, 1998, p. 77). Essas práticas compreendem a relação entre o livro e o corpo, as diferentes formas de uso da escrita, assim como as habilidades cognitivas que possibilitam sua apreensão.

Nos séculos que antecederam o século XVIII, por meio da iconografia, é possível observar leitores lendo em espaços privados e distantes, sentados e imóveis. A partir do século XVIII, a história das práticas de leitura relata, por intermédio de gravuras e pinturas, ser a época da liberdade na leitura, pois é período em que os leitores apresentam hábitos variados e mais livres.

Com o surgimento do cinema e da fotografia, é possível notar a transformação nos modos de ler. O leitor aparece com comportamento mais relaxado e menos controlado.



Porém, não se pode afirmar que o fato de as pinturas e gravuras representarem o leitor de maneira inerte, imóvel, ou seja, evidenciando uma leitura legítima<sup>1</sup>, que todos os leitores liam no interior de gabinetes e salões. Chartier afirma que para a história das maneiras de ler é importante notar as diferenças entre o que é legítimo representar e o que são as ações efetivas, as práticas verdadeiras.

O cinema e a fotografia, ao se aproximarem do homem comum estão representando o mundo social. O jornal, por exemplo, nos séculos XVII e XVIII, possuía uma estrutura similar ao livro. Ao ganhar um novo formato, dimensão maior e distribuição amplificada, e venda na rua, é possível identificar a transformação do leitor com maneiras mais livres de ler, pois, a partir desse momento, o jornal é passível de ser carregado, dobrado, rasgado e também ser lido por muitos e em diferentes lugares. Então, aparecem na demonstração por meio do cinema e da fotografia, práticas de leitura não legitimadas e mais naturais.

Além de representar de modo mais próximo do vivido as práticas de leitura, tanto o jornal como o cinema provocam uma confusão nos papéis de leitor e redator, no primeiro caso, e de produtor e espectador, no segundo. Para Chartier, a “liberdade mais ampla dos gestos é ligada à democratização do acesso à representação e a uma certa interferência entre papéis que antes eram estritamente separados.” (1998, p. 84). No jornal, por conta das cartas dos leitores, há a confusão entre o papel do redator e do leitor, visto que não somente o primeiro tem espaço no jornal, mas tem de abrir espaço para o leitor que também passa a ter a sua voz registrada naquele suporte. No cinema, o produtor, ao dirigir a filmagem, conta com atores que serão posteriormente os espectadores do filme. Isso porque as filmagens se dão em ambientes nos quais esses sujeitos estão naturalmente inseridos.

No contexto da fotografia, o livro significava autoridade pelo saber que nele estava guardado, o que é possível verificar por meio de estudo acerca de fotografias oficiais de presidentes da República. “Pela representação do livro, o poder funda-se sobre uma referência ao saber. Assim, ele se mostra ‘esclarecido’.” (CHARTIER, 1998, p. 84). Exemplo disso são as fotografias oficiais de François Mitterand, de Gisèle Freund, em 1981, onde o livro aparece como objeto notável. Essa prática é recorrente no retrato de autoridades.

Mas, no século XIX, a pintura se distancia do livro; ele aparece apenas em retratos da burguesia e os pintores que reintroduzem a matéria escrita e impressa em suas obras o fazem com o objetivo de provocar uma reflexão sobre as relações entre as palavras e o mundo, o

---

<sup>1</sup> Para Chartier leitura legítima significa aquelas definidas pelo cânone, por exemplo, a leitura escolar, a leitura de textos mais densos culturalmente.

escrito e a imagem, bem como entre o espetáculo e o olhar. Chartier (1998, p. 85) menciona os pintores cubistas como os reintrodutores dos materiais de leitura nas suas obras, como por exemplo, Georges Braque<sup>2</sup> que utiliza o livro, o qual poderia ser visto por diferentes ângulos ao mesmo tempo, não mais como demarcador social, mas como parte da sua obra.

Pode-se observar, por meio do que ocorreu com a introdução do jornal, que as maneiras de ler foram se transformando à medida que o suporte que materializa o texto foi se modificando. A inovação na leitura não passa apenas pelas transformações da impressão, mas também pela modificação nas práticas de leitura. Chartier (1999, p. 23) organiza essas transformações em quatro ‘revoluções da leitura’: a passagem da leitura oral para a leitura silenciosa, a difusão do livro, a sociologia das diferenças e a introdução do texto em meio digital.

Em um primeiro momento, os leitores na Idade Média, deixam de vivenciar práticas de leitura oral para proceder à leitura visual, silenciosa. Essa é a primeira revolução. Indo de encontro a essa evolução, analisa Chartier, “nas sociedades ocidentais de hoje, [...] as pessoas são consideradas iletradas não somente pelo fato de não poderem ler de modo algum, mas também pelo fato de só serem capazes de entender um texto quando o leem em voz alta.” (1999, p. 23).

A segunda revolução ocorre do início do século XVIII até meados dos anos de 1780, quando há o aumento na produção do livro, o crescimento e a mudança dos jornais, o êxito dos livros de pequeno formato e a propagação de instituições, como bibliotecas, que possibilitaram a leitura de livros e periódicos sem a necessidade de comprá-los. Segundo o autor, essa “maneira de ler caracterizou os leitores populares, pelo menos até meados do século XIX, quando o desenvolvimento de escolas, o aumento das taxas de alfabetização e a diversificação da produção impressa permitiram novas práticas.” (CHARTIER, 1999, p. 26).

No século XIX, a história da leitura ficou marcada como a era da sociologia das diferenças e presenciou, segundo Chartier (1999, p. 26), a terceira revolução. No momento em que ocorre a industrialização da produção de impressos com novos materiais que resultam em novas maneiras de ler, novos leitores são apresentados à cultura impressa, entre eles crianças,

---

<sup>2</sup> Georges Braque (1882-1963) Pintor e escultor francês natural de Argenteuil, próximo à Paris, que com Pablo Picasso, foi um dos criadores do cubismo, movimento estético que acompanhou a evolução do pensamento e da ciência nas primeiras décadas do século XX. Em obra prevalecia naturezas mortas e retratos femininos, que deixam o foco central e representam pessoas ou objetos paralelamente de vários ângulos, transformando-os em formas segmentadas. Em 1908, em sua primeira exposição individual, Braque desenvolve essa inovação na perspectiva da arte. Nos próximos anos, apresenta esse estilo por meio de colagens com papel, jornais e aglomerado de madeira que integrava às suas obras. Criou, também, esculturas cubistas e obras de cerâmica, além de tudo dedicou-se à ilustração de livros e à produção de objetos de decoração.

mulheres, trabalhadores. Zilberman (2012, p. 16) relata que os mais beneficiados, nesse momento, foram aqueles que editavam os livros, pois as tentativas de promover o gosto pela leitura passavam pela aquisição da obra, fortalecendo o consumismo, comportamento característico da burguesia. Para solucionar esse revés, é transmitida essa função à escola, que a princípio era considerado um espaço neutro, pouco vinculado às atividades comerciais e lucrativas. Nesse caso, há o resgate da pedagogia, “em que o papel coercitivo exercido sobre a criança pelas instituições encarregadas de educá-la é discretamente omitido”. (ZILBERMAN, 2012, p. 16)

Dessa forma, o acordo realizado com a escola, para desenvolver uma política cultural baseada na importância do ato de ler, evidencia contradição sobre o assunto. A prática da leitura foi visivelmente desenvolvida pela pedagogia do século XVIII, “pois facultava a propagação dos ideais iluministas que a burguesia ascendente desejava impor à sociedade, esta dominada ainda pela ideologia aristocrática herdada dos séculos anteriores.” (ZILBERMAN, 2012, p. 17). Esses ideais tinham no livro um instrumento de cultura a ser usado contra a nobreza feudal, e que pretendiam destruir uma série de conceitos considerados, até o momento, inquestionáveis. Os pensadores iluministas empenharam-se em acabar com essa série de ideias e com a influência da magia e da religião sobre a visão de mundo das pessoas, instaurando uma forma de pensar fundamentada no uso do raciocínio e na investigação em resposta aos seus questionamentos.

Esses pensadores instauram uma teoria da leitura baseados na certeza de que a educação é premissa para o desenvolvimento social e de que os sujeitos por meio do acesso aos saberes presentes nos livros obterão, conseqüentemente, as aprendizagens necessárias a essa forma de pensamento. Com a escolarização da leitura e, por conseguinte, com a frequência à escola, o ato de aprender a ler passa a ser compreendido como uma maneira de socializar o indivíduo. A escola ao alfabetizar “converte cada indivíduo em um leitor, introduzindo-o no universo singular de sinais de escrita, cujo emprego é tornado habitual por meio de treinamentos contínuos.” (ZILBERMAN, 2012, p.17). Para Chartier (1999, p. 26), essa aparente cultura compartilhada pela alfabetização, dita universal, as práticas de leitura e a comercialização de impressos dentro ou fora da escola são diversificadas nas sociedades contemporâneas.

A quarta e última revolução da leitura a que se refere o autor diz respeito à propagação eletrônica de textos. Segundo ele, o “novo suporte do texto permite usos, manuseios e intervenções do leitor infinitamente mais numerosos e mais livres do que qualquer uma das

formas antigas do livro. ” (CHARTIER, 1998, p. 88). Primeiramente, o texto no meio digital modifica o entendimento de contexto ao modificar o contato físico dos materiais impressos para a sua organização na perspectiva eletrônica. Outra mudança é quanto à materialidade do texto, que passa do meio físico para o meio virtual, deixando de existir a relação entre o objeto físico - o livro - e o texto impresso nele.

Assim, Chartier afirma ocorrer uma reestruturação da economia da escrita, em que a produção, transmissão e leitura do texto se tornam concomitantes e a função de escrever, publicar e distribuir é designada a apenas uma pessoa, o que leva a anular “as antigas distinções entre papéis intelectuais e funções sociais. ” (1999, p.27). Desse modo, também é necessário que ocorra uma redefinição nas ideias dos leitores quanto às questões jurídicas, estéticas, administrativas e bibliográficas<sup>3</sup>, uma vez que elas foram empregadas em um contexto específico do mundo escrito, no qual a produção, preservação e comunicação dos textos eram realizadas de forma distinta da usada no meio digital.

O universo dos textos eletrônicos trouxe outra transformação para o leitor a qual torna a interferência no livro mais flexível. Ao longo da história o leitor pôde intervir no rolo, no códex, mas a diferença é que nesses meios a intervenção era na margem. Hoje, ao intervir, o leitor atinge o centro do texto, já que o suporte eletrônico faz convergir diferenças entre o autor e o leitor, entre a autoridade e a apropriação.

A distinção entre escrever e ler, entre o autor do texto e o leitor do livro, que é imediatamente discernível na cultura impressa, dá lugar agora a uma nova realidade: o leitor torna-se um dos possíveis autores de um texto multiautoral ou, no mínimo, o criador de novos textos compostos por fragmentos deslocados de outros textos. (CHARTIER, 1999, p. 27- 28)

Logo, os leitores podem criar textos inéditos e dar-lhes características próprias de acordo com os seus desejos, podendo modificá-los, reescrevê-los a qualquer tempo. Além disso, é possível receber diferentes linguagens – texto, imagem, som – no mesmo suporte, ou seja, o computador, modificando sobremaneira as relações com a cultura escrita.

Essa revolução, a passagem do texto impresso para o eletrônico, obriga o leitor a reinventar as práticas de leituras, buscando atitudes e aprendizagens novas. Essa transformação do livro impresso para a tela do computador é tão significativa quanto as

---

<sup>3</sup> Exemplos utilizados por Chartier (1999) para representar questões jurídicas são: direitos autorais, propriedade literária; para as questões estéticas: a originalidade, integridade, estabilidade; para as questões administrativas: biblioteca nacional, depósito legal e ferramentas bibliográficas como catalogação, classificação, descrição.

demais passagens de suportes ocorridas ao longo da história, visto que leva a uma nova trajetória da leitura, a diferentes usos e efeitos sobre o leitor.

Chartier (1999, p. 31) ressalta que, para usufruir a felicidade extravagante resultante das inovações tecnológicas, é preciso manter viva a erudição da cultura escrita. Além de que ainda não é possível prever como os leitores vão associar, no decorrer dos anos, essa diversidade de possibilidades advinda dessa evolução.

Por fim, é possível observar a pluralidade de existências do texto. No entanto, como afirma Chartier (1999, p. 31), é preciso assegurar a indestrutibilidade do texto, mantendo viva a história dos suportes pelos quais os textos se tornaram conhecidos. Além do que, é necessário destacar a relação entre a leitura e o texto, lembrando que o texto lido ou ouvido depende do leitor, de suas práticas e competências leitoras, como também da maneira como teve acesso a ele. Essa tríade – texto, leitura, leitor – está conectada e é inseparável. Por isso seu estudo é essencial para que se possa compreender a formação do leitor contemporâneo.

### **2.3 O texto na relação com o leitor**

Para explorar essa tríade – texto, leitura, leitor –, faz-se necessário retomar os estudos de Zilberman (2001) sobre a constituição do leitor na história da leitura. Segundo ela, dessa tríade, o elemento menos reconhecido, ainda que tão importante quanto os outros, é o leitor. Somente no século XVIII, ele começa a ganhar evidência. Zilberman (2001, p. 73) revela que o gosto do leitor por algumas obras em específico, faz surgir e fortalecer alguns gêneros artísticos, assim como estimula a adesão a assumir certas ações pedagógicas.

A sociologia da leitura defende que o público é ativo, já que as transformações da crítica e suas predileções levaram a interferir na produção e circulação das obras, o que trouxe popularidade a alguns textos. O papel de evidência assumido pelo leitor auxilia no processo de emancipação do escritor, que deixa de responder apenas aos interesses e às influências da classe dominante, com poder político e financeiro, e que passa a escutar a sociedade, vendo-a como capaz de auxiliar ou dificultar a propagação de determinada obra. Outra consequência da instauração do lugar do leitor na relação com a obra acaba sendo a crescente interferência de determinadas instituições, em especial as referentes à crítica literária e à escola, sobre a formação leitora.

Nos estudos de Zilberman (2001, p. 73), observa-se que o crescente acesso à leitura e à escrita pelas classes populares leva à procura por uma literatura de pouca legitimidade cultural e de fácil assimilação. Também a expansão do trabalho da escola leva a mudanças na produção das obras escritas, tornando-as mais baratas e acessíveis ao público trabalhador. Além disso, com a democratização da leitura, esse grupo fez uso não apenas do livro, mas de cartazes e folhetos, que atendiam às necessidades de comunicação, bem como à politização dos operários.

Para a sociologia da leitura<sup>4</sup>, nesse contexto surge um novo leitor e é preciso compreendê-lo, porque a leitura incentiva a sua emancipação e o seu crescimento intelectual, o que pode acarretar o crescimento social, bem como o apego à arte e o respeito à ciência.

Na mesma lógica a teoria da recepção<sup>5</sup> define que o texto não é o único componente do sistema literário e que a resposta do leitor leva a desvendar o texto. Para Colomer (2003, p. 96), a interação entre texto e leitor ocorre por meio “de uma construção de mundo e de algumas convenções compartilhadas”, a partir de uma representação do real e dos recursos utilizados pelo autor ao produzir o texto e pelo leitor ao compreendê-lo. A representação do real, ou seja, o repertório, os recursos, as estratégias são integrantes dos fundamentos básicos propagadores da atividade de leitura.

A hipótese da estética da recepção é a de que a historicidade da obra literária não pode ser compreendida se não houver o envolvimento efetivo do seu destinatário. A historicidade no método recepcional significa entender a obra como uma intersecção das compreensões realizadas nos diferentes contextos históricos em que ela foi produzida e em que ela é debatida. Aguiar e Bordini exemplificam que esse fato leva a questionar “o conceito de literatura como um sistema de sentido fechado e definitivo, que ela indubitavelmente é enquanto simples objeto escrito, anexando-se-lhe a dimensão da sua leitura como parte inerente a tal sistema” (1988, p. 81). Como consequência dessa discussão há a aceitação de conexões com o universo histórico para além do texto.

---

<sup>4</sup> A sociologia da leitura é um importante campo de reflexão sobre a leitura enquanto prática social. Essa abordagem tem como preocupação a compreensão das relações interativas da tríade do sistema literário – obra, escritor e leitor –, sendo o leitor parte determinante do sistema, ao lado do livro que é o objeto de sua aspiração. Para saber mais sobre isso, pode-se consultar: ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Editora Ática, 1989; e ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

<sup>5</sup> A teoria da recepção tem como princípio a análise do evento artísticocultural com o objetivo na análise do receptor. Essa teoria propõe uma reorganização da história literária e da significação textual, pois considera a Literatura como produção, recepção e comunicação, isto é, uma interação entre escritor, obra e leitor. Para saber mais sobre isso consulte: JAUSS, Hans Robert. et al. *A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Org. e Trad. de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Nesse sentido, Zilberman (1989) descreve as quatro premissas consideradas por Hans Robert Jauss ao reformular a história da literatura como uma ciência literária e parte das teses da estética da recepção. Primeiramente, presume ele que o processo de recepção e o efeito da obra revela o caráter histórico da literatura, ou melhor, quando a obra está pronta para a leitura e há uma relação dialógica entre leitor e texto. A historicidade condiz com atualização e é o leitor quem é capaz de efetivá-la por meio de sua experiência pessoal, seu saber prévio. Assim, a obra predefine a recepção, proporcionando diretrizes para seu destinatário, mostrando um horizonte de expectativas para o leitor, a quem cabe alterá-lo, corrigi-lo, transformá-lo ou somente reproduzi-lo. O horizonte tem relação com as possibilidades para estimar as alternativas da recepção, sendo que cada leitor reage de forma pessoal. Todavia, a recepção é um evento social. Esse é o âmbito em que há o limite de compreensão da obra no seu tempo e o controle da ação do texto.

Sobre o horizonte de expectativas, Zilberman (1989) enumera uma sequência de combinações que o caracteriza, e é por meio disso que tanto autor como leitor contemplam e compreendem a obra, nesse jogo, entram em cena fatores de ordem social, intelectual, ideológico, linguístico, literário, além de elementos de ordem afetiva. De ordem social, porque o sujeito pertence a uma categoria na sociedade; intelectual, pois o leitor é portador de uma visão de mundo marcada por sua posição social e tem seu ápice após sua formação educacional; linguístico, “pois emprega um certo padrão expressivo, mais ou menos coincidente com a norma gramatical privilegiada, o que decorre tanto de sua educação, como do espaço social em que transita” (ZILBERMAN, 1986, p. 103); literário, pois é oriundo de leituras realizadas, de preferências e de acesso a diversas manifestações artístico-culturais ofertadas pela escola e pela tradição, atualidade e meios de comunicação. Já os fatores de ordem afetiva são aqueles que promovem a aceitação ou a reprovação dos demais. Tais elementos mostram o quão complexo e importante é entender o horizonte de expectativas para a estética da recepção.

Como segunda premissa, a pesquisadora descreve que as obras recuperam o horizonte, para, logo, contradizê-lo. E a reconstrução do horizonte é a tese da terceira premissa. Essa ação permite definir a perspectiva artística de uma obra na maneira e na intensidade em que ela age em relação a um determinado grupo. Dessa forma, “Jauss acredita que o valor decorre da percepção estética que a obra é capaz de suscitar” (ZILBERMAN, 1989, p. 35). Define assim que a obra qualificada é aquela que contrapõe o entendimento comum do leitor.

Na quarta premissa, há uma relação direta com a hermenêutica e ocorre o início de uma investigação com mais consideração acerca das relações entre texto e o período do seu surgimento. A autora afirma que “a reconstituição do horizonte de expectativas diante do qual foi criada e recebida uma obra possibilita chegar às perguntas a que respondeu” (ZILBERMAN, 1989, p. 36), o que revela a maneira como o leitor da época fez a apropriação da mesma, resgatando o ato de comunicação que se estabeleceu. Essa reconstituição é importante por revelar as trocas realizadas entre o texto e o leitor; por outro lado, proporciona o resgate da história da recepção, o que manifesta a diversidade hermenêutica do raciocínio do passado e do atual da obra. O diálogo entre a obra e o público se modificou no tempo, pois, como objeto de recepções sucessivas, se incorporou à obra os diferentes significados que no caminho foram evidenciados.

A relação entre leitor e texto é dialógica, pois “ao ler, o leitor experimenta uma situação desencadeada tão-somente pela leitura: ele consegue ocupar-se com os pensamentos de outro.” (ZILBERMAN, 2001, p. 52). Nesse processo, o leitor, por meio das ações vivenciadas, absorve-as e as reproduz; mas é por meio da interpretação que há a incorporação delas, o que leva à interferência no mundo do leitor. E para que seja exitosa, a relação texto-leitor deve mudar o leitor. Dessa forma, “o texto constantemente provoca uma multiplicidade de representações do leitor.” (ISER, 1979, p. 88). Assim, o leitor é capaz de vivenciar coisas que não pertenciam ao seu horizonte.

Nesse sentido, a função do leitor é transformadora, diz Zilberman (2001, p. 51), pois é, a partir da sua intervenção, que a obra deixa de ser apenas um produto artístico e passa a ser um objeto estético, com possibilidade de contemplação, entendimento e interpretação, definição esta utilizada nos estudos de Wolfgang Iser (1978, p.24) sobre o ato de ler.

O leitor, portanto, não tem ação passiva, pois é um “sujeito histórico, passível de transformação e adequação em virtude das mudanças sociais e tecnológicas, mas enunciador do conhecimento do mundo que circula por intermédio da escrita.” (ZILBERMAN, 2001, p. 85). O processo de comunicação que se dá a partir da interação entre texto e leitor leva à constituição de sentido pelo leitor, que contesta significados anteriores, e, possibilita transformar vivências passadas. Esse processo se desenvolve não por meio de uma regra, mas sim, por intermédio da dialética acionada e determinada por aquilo que se exhibe e se silencia, pois o “que se cala, impulsiona o ato de constituição, ao mesmo tempo em que este estímulo para a produtividade é controlado pelo que foi dito, que muda, de sua parte, quando se revela o que fora calado.” (ISER, 1979, p.90).



O leitor é ativo e interage com o texto por meio de seus sentidos, coloca seus conhecimentos sobre o texto, recebendo dele as influências que precisa para uma interação e construção; tem relação direta, inconstante e em tempo real com o mundo. Com esse perfil, o leitor contemporâneo reflete e constrói as transformações sociológicas, os valores morais, éticos, estéticos e espirituais e o pensamento educativo da sociedade democrática, pós-industrial.

Esse leitor integra uma sociedade alfabetizada com sistema de ensino universal, assim como está inserido em sistemas audiovisuais e, portanto, em hábitos de leitura da imagem ou no costume de se defrontar com pequenas unidades informativas.

Da mesma forma, a evolução da literatura infantil e juvenil se dá pela reflexão sobre o leitor e pelo seu protagonismo diante do texto, visto que a maneira como o texto é construído induz a revelar o leitor implícito. Essa ideia revela o que se pensa da criança e do jovem como leitores e do livro como leitura. Para Teresa Colomer (2003, p. 97), o que delimita a literatura infantil e possibilita enxergar seu desenvolvimento histórico é a eminência do leitor. Para ela, a inovação na literatura infantil e juvenil se deu no final dos anos setenta levando em conta o perfil do destinatário, com isso possibilitando a caracterização do leitor implícito.

O leitor implícito se introduz nas correntes literárias atuais, constituídas por meio da pressão do mercado ou na caracterização contemporânea da cultura, um momento abundante na diversidade de modelos de literatura infantil e juvenil oferecidos e que caracteriza o leitor com possibilidade de compreensão de mundo e do texto escrito pela sua maturidade, em contato com textos que se diferenciam de acordo com características psicológicas da idade e a complexidade de leitura.

Ressalta-se, portanto, o reconhecimento do leitor, do receptor, do destinatário da obra para a produção e circulação da mesma. O desafio posto é conhecer esse leitor, suas preferências e características, para transformá-lo em um leitor autônomo, versátil, crítico e navegador, necessidades da sociedade contemporânea.

## **2.4 Tipos de leitor**

Concordar que a leitura é relevante para a sociedade contemporânea não é o que move a criança e o adolescente a ler, mas as diversas motivações e interesses adequados às características individuais e ao nível de competência intelectual. Richard Bamberger (2000, p.

31) afirma que muitas vezes os conceitos de motivação e de interesse são utilizados como sinônimos; porém, ao usar motivação consideram-se os estímulos e as intenções, os quais coerentemente estabelecidos conduzem o comportamento. Já ao fazer uso do termo interesse reflete-se a respeito das atitudes e das experiências emocionais que são elementos que originam o termo. Os interesses e as motivações determinam as maneiras de viver do sujeito. O autor afirma que interesse não quer dizer preferência, pois quando um indivíduo prefere “uma coisa a outra – em havendo várias possibilidades – é algo passivo, ao passo que o interesse é dinâmico e ativo” (BAMBERGER, 2000, p. 32), ou seja, ele não apenas decide por algo, mas decide qual será seu objetivo, e idealiza o cenário para consegui-lo.

Sobre a motivação e ao interesse, no âmbito da leitura, Bamberger (2000, p. 32) apresenta o resultado de pesquisas, descrevendo as decorrentes conclusões: primeiramente, diz que a motivação essencial para ler é puramente a satisfação de poder realizar uma habilidade, como também a felicidade do ato intelectual aprendido; outra conclusão é a de que a leitura incentiva à prática e o exercício de habilidades cognitivas, bem como as contemplativas, tais como: fantasia, pensamento, vontade, simpatia, reconhecimento; como terceiro resultado, afirma que a leitura desperta a precisão de conhecer o mundo, ampliar as ideias e construir conhecimentos; dessa forma se dá a formação de um pensamento de vida, bem como a compreensão do mundo em que se vive; e, por fim, as motivações e os interesses do leitor estão relacionados com suas experiências, como por exemplo: pelo gosto de estar com coisas e pessoas conhecidas, busca as histórias ambientais ou coisas novas e não-conhecidas, os livros de aventuras, “desejo de fugir da realidade e viver num mundo da fantasia (contos de fadas, histórias fantásticas, livros utópicos), necessidade de autoafirmação, busca de ideias (biografias), conselhos (não-ficção), entretenimento (livros de esportes etc.).” (BAMBERGER, 2000, p. 32-33).

As motivações e os interesses pela leitura diferem de acordo com a idade e o tipo do leitor. O tipo do leitor é definido a partir das maneiras de ler, do objetivo com a leitura ou da preferência por certo gênero de material de leitura. Bamberger (2000, p. 35) analisou o gênero do material de leitura preferido para definir quatro tipos de leitor. O primeiro tipo é o romântico, o leitor que prefere o maravilhoso; o segundo é o tipo realista, ou seja, o leitor que repele a literatura mágica, os contos de fadas e as histórias de aventuras utópicas; o tipo intelectual, o terceiro perfil, é o leitor que procura explicações para tudo, prefere o material instrutivo, ou seja, a não-ficção, busca a aprendizagem; e, por fim, o tipo estético, que é o leitor que gosta do ritmo, das rimas, dos sons das palavras e portanto prefere a poesia, os

poemas e tem por prática a cópia de fragmentos e a releitura. Bamberger (2000, p. 36) conclui que não há tipo puro e que o mais comum é aparecer o leitor misto, que possui preferências e características presentes em mais de um tipo de leitor.

Richard Bamberger (2000, p. 36) relata o trabalho alemão de Heinrich Wolgast (1896), precursor no âmbito da literatura infantil na Alemanha, o qual já mencionava a relevância dos tipos de leitor para o trabalho realizado nas bibliotecas escolares, enfatizando que tudo nos leva ao encontro da cultura de massas e, portanto, é necessário levar em consideração os materiais de leitura desejados, segundo as características da criança e do jovem. Para Bamberger, Wolgast menciona que é possível discernir “entre o leitor inclinado às maravilhas, aos disparates ou às aventuras, e o leitor realista ou esteta. Especialmente útil é uma diferenciação entre os leitores rápidos, lentos e oscilantes”. (2000, p. 36-37).

Já a pesquisadora Lucia Santaella (2004, p. 15) destaca que, com o surgimento de novos suportes e de novas estruturas dos textos, como por exemplo, os suportes eletrônicos e as estruturas híbridas, surge a necessidade de estudar as novas formas de percepção e cognição que esses suportes e estruturas exigem do leitor. Então, a autora é movida por uma interrogação - que novo leitor está surgindo no seio das configurações hipermediáticas das redes e conexões eletrônicas? – e pela proposição de que é fundamental expandir o conceito de leitura e da mesma forma o de leitor, como também ampliar a ideia do que seja a prática de leitura.

Há uma multiplicidade de leitores, diz Santaella (2004, p. 18), que ao longo da história vem se ampliando. São eles: os leitores da imagem, do desenho, da pintura, da gravura, da fotografia. Também há os leitores de jornais e de revistas, e há os que leem as cidades, as infinidades de signos, de símbolos e de sinais presentes na contemporaneidade. Além desses, há o leitor do cinema, da televisão, ou seja, o espectador apreciador de imagem em movimento, e, por fim, há o leitor do texto eletrônico, ou melhor, o navegador das “arquiteturas líquidas e alineares da hipermídia no ciberespaço” (SANTAELLA, 2004, p.18). Nessa diversidade, a autora reconhece três tipos de leitores: o contemplativo, o movente e o imersivo.

O primeiro tipo, o leitor contemplativo, surge de algumas mudanças no suporte do texto e, conseqüentemente, nas maneiras de ler. Um fato importante ocorrido na Idade Média central foi a obrigação da leitura silenciosa nas bibliotecas universitárias, levando a condicionar a leitura a um ato do olho. A leitura silenciosa leva o leitor a iniciar uma relação íntima com o texto e com o livro enquanto objeto portador das palavras. Ela também

economiza tempo, pois não há a necessidade da pronúncia das palavras. Dessa forma, estabelece-se uma comunicação entre livro e leitor sem testemunhas.

A mudança do suporte do livro para impresso permitiu a meditação individual, bem como a concentração do pensamento do leitor, da mesma maneira que propiciou o surgimento de novos hábitos do exercício intelectual, pois os pensadores propagavam as ideias em um tempo menor.

O perfil cognitivo do leitor do livro impresso parte do princípio da prática da “leitura individual, solitária, de foro privado, silenciosa, leitura de numerosos textos” (SANTAELLA, 2004, p.23), como também de uma leitura laicizada em que o ato de ler foi se emancipando do culto religioso, clerical e dos eventos familiares.

Esse leitor tem a biblioteca como seu espaço de leitura, ou outro espaço que seja distante de outros, que é utilizado para entretenimento mais leigo. Assim, o leitor realiza um retiro espontâneo, em que a leitura é feita por um sujeito sentado, imóvel, em isolamento, indiferente ao cenário externo. Ocorre nessa prática de leitura uma produção silenciosa, pois no ato de ler estão envolvidas, além da função da visão e da percepção, a inferência, a análise, a memória, o conhecimento, a exploração, as experiências e vivências. Ler é considerado um processo complexo em que o leitor de forma disciplinada analisa a experiência de elaborar um ou vários sentidos em conformidade com as normas da linguagem.

Em síntese, o leitor contemplativo “é aquele que tem diante de si objetos e signos duráveis, imóveis, localizáveis, manuseáveis: livros, pinturas, gravuras, mapas, partituras. É o mundo do papel e do tecido da tela. O livro na estante, a imagem exposta, à altura das mãos e do olhar.” (SANTAELLA, 2004, p. 24). Esse leitor contempla e medita, tendo como sentidos a visão e a imaginação, o primeiro impera e o segundo complementa. Ainda que a leitura da escrita de um livro seja realizada de forma contínua, a materialidade do objeto livro permite o retorno às páginas e, portanto, as ressignificações. O livro e a pintura requerem do leitor uma morosidade contemplativa em que o tempo não é considerado.

O segundo tipo de leitor, o movente, o fragmentado, surge com o advento da Revolução Industrial, que trouxe mudanças não apenas nos modos de ler, mas também no modo de viver dos indivíduos. O capitalismo se instala nas cidades e com isso aumenta o tráfico de pessoas para servir à demanda da expansão do capital. É possível observar o desenvolvimento tecnológico por meio da presença das locomotivas e das estações ferroviárias: pelos trilhos era alimentado o sonho de entrelaçar a humanidade. Dessa forma, estabelecia-se uma nova ordem econômica, em que o capital se concentrava nos centros

urbanos; e isso fez com que os camponeses abandonassem suas terras e viessem se estabelecer na cidade, transformando-se em proletários, pessoas com necessidades excluídas do capital. Por esse motivo, surge o Estado como instituição legal e fiscal para assegurar a organização dessas mudanças.

Com o crescimento das cidades, aparece o telégrafo, o telefone, o jornal, como meios de garantir a comunicação entre as pessoas e, principalmente, àqueles que eram considerados os donos do capital, ou seja, a elite industrial. O surgimento da eletricidade trouxe a iluminação das cidades e a exposição de novos elementos próprios dos grandes centros urbanos, como: as construções arquitetônicas, os planos das ruas, as grandes magazines, as galerias, os cassinos, as exposições, os museus de cera, enfim a moda. Nesse contexto, a identidade do sujeito moderno se modifica em um universo de múltiplas figuras, tipos, estilos e perfis urbanos. Na conjuntura volúvel da cidade, tudo e todos foram se transformando em mercadorias. A preocupação das pessoas era com a vivência, não mais com a memória, e, para fomentar a fantasia da existência de mudanças, surge a publicidade, produto de um mundo que reduziu tudo a produto de mercado. Junto com a publicidade, que representa uma nova maneira comunicação, ampliou-se o uso de imagens e recursos visuais, artifícios utilizados para seduzir e fascinar o público.

Para além do uso da imagem, a fotografia e o cinema refletem o que há de mais contemporâneo, por exemplo: “velocidade da reprodução e substituição incessante de imagens, pois essas imagens fazem parte de uma cultura organizada sob o signo do choque, de indivíduos que se acostumaram com os desencontros da metrópole.” (SANTAELLA, 2004, p. 28). As imagens auxiliam no processo de venda de mercadorias, mas também são as próprias mercadorias. Elas estão presentes em jornais, revistas, panfletos, vitrinas, letreiros e nos cantos dos centros urbanos. O indivíduo moderno que vive nas grandes cidades tem a sua sensibilidade modificada pelo número de choques visuais que dá e recebe e, por isso, uma das suas características é a consciência e não a memória.

Esse novo contexto, fragmentado, transitório, mas excessivo e instável, evidencia no pensamento do sujeito o nervosismo, a velocidade, a futilidade, a transitoriedade, a hiperestesia, tudo indo ao encontro das experiências diretas e solitárias desse sujeito moderno.

É nesse meio que aparece o segundo tipo de leitor, que surge com a criação do jornal e entre uma população que habita as cidades, rodeadas de símbolos. É o leitor “apressado de linguagens efêmeras, híbridas, misturadas.” (SANTAELLA, 2004, p. 29). Esse leitor sincronizado com a velocidade do mundo, leitor de movimentos, luzes, cores, imagens,

vitruínas, jornais, revistas, adapta-se ao acúmulo de imagens na retina. “Esse leitor aprende a transitar entre linguagens, passando dos objetos aos signos, da imagem ao verbo, do som para a imagem com familiaridade imperceptível.” (SANTAELLA, 2004, p. 31). E isso se salienta com a chegada da televisão, cuja imagem, ruídos, sons, falas, movimentos e ritmos, apresentados na tela, misturam-se aos acontecimentos diários, o real e os signos se confundem e se mesclam, assim como os próprios signos se misturam.

É importante destacar as habilidades cognitivas do leitor movente, fragmentado, tais como: mudanças na estrutura sensoriomotora, aceleração da percepção, ritmo da atenção, oscilação entre a distração e a perspicácia da profundidade no momento perceptivo. Esse leitor, como afirma Santaella, capacitou a sensibilidade perceptiva do indivíduo para a chegada do terceiro tipo de leitor: o leitor imersivo.

A chamada era digital, no início do século XXI, permitiu algo sensacional: acessar som, imagem, texto, ao mesmo tempo, atividade realizada por um computador, utilizando uma linguagem global. A autora afirma que, “aliada à telecomunicação, a informática permite que esses dados cruzem oceanos, continentes, hemisférios, conectando numa mesma rede gigantesca de transmissão e acesso, potencialmente qualquer ser humano no globo.” (SANTAELLA, 2004, p. 32). Utilizando como suporte a multimídia e como linguagem a hipermídia, acionadas pelo clique de um *mouse*. Temos disso, então, o terceiro tipo de leitor, o leitor imersivo, o leitor virtual, com características peculiares e diferentes dos leitores precedentes.

Tanto o leitor da antiguidade como o leitor do livro impresso lê na vertical. O leitor imersivo também lê dessa forma, porém, no computador, e faz uso das partes físicas e textuais do livro impresso num suporte diferenciado. Apesar dessa semelhança, o leitor imersivo é certamente mais autônomo, uma vez que para realizar a leitura imersiva constrói suas conexões, direções e rotas, como um navegador que ao conduzir sua embarcação estabelece cálculos com objetivo de alcançar certo destino.

Em vista disso, é fundada uma nova forma de ler, o leitor/navegador transita na tela, fazendo suas escolhas de leituras, com possibilidades de uso de símbolos acessíveis e volúveis, mantendo sempre a direção traçada para a leitura. O leitor imersivo tem como qualidade a prontidão, interage com os “nós” e os “nexos”, numa programação construída por ele mesmo, conectando-se com as ligações entre palavras, imagens, sons, vídeos, documentos.

Santaella (2004, p. 34) parte do pressuposto de que essa prática do leitor imersivo, virtual, que navega de forma interativa nas ligações realizadas por meio de um itinerário

multilinear do ciberespaço, causa mudanças sensoriais, perceptivas e cognitivas, o que consequentemente leva a transformações na formação de um novo estilo de sentimento corporal, físico e mental, provocados por decodificação ágil de signos e rotas semióticas, operações inferenciais, métodos de busca e de solução de problemas.

Em resposta à preocupação de que os jovens, acostumados a navegar no ciberespaço, leem cada vez menos, Santaella (2004, p. 173) destaca que essa geração não desenvolverá habilidades similares e nem parâmetros culturais semelhantes aos da geração anterior. É necessário entender que a era digital submete tanto seus críticos como seus defensores a buscar novas alternativas conceituais, pois não se pode tratar do digital com os mesmos preconceitos com que foram tratados os assuntos referentes ao cinema, à televisão, como também, aos meios de comunicação de massa. Entre os preconceitos, o mais corriqueiro segundo Santaella “é aquele que concebe a leitura como sendo exclusivamente a leitura de letras do código alfabético cujo protótipo está na leitura de livros, a saber, leitura linear, de sequências fixas” (2004, p. 174), com início e fim definidos e explícita concepção das partes enquanto unidades conectadas em um todo.

O leitor imersivo, virtual, lê linguagens híbridas, construídas pela sinergia entre imagens e textos, por isso ele cria um novo modo de ler. A autora define que a “leitura orientada hipermidiaticamente é uma atividade nômade de perambulação de um lado para o outro, juntando fragmentos que vão se unindo mediante uma lógica associativa e de mapas cognitivos personalizados e intransferíveis.” (SANTAELLA, 2004, p. 175). Essa leitura é dita topográfica, segundo a autora, pois ela se transforma textualmente em uma escritura, uma vez que, no meio digital, na hipermídia, a leitura é fundamental e a comunicação vai sendo escrita, posto que as associações são mobilizadas pelo leitor-produtor.

No desenvolvimento da pesquisa sobre o leitor imersivo, a pesquisadora Lucia Santaella (2004, p. 176) define três categorias diferentes para o perfil cognitivo desses leitores ou internautas: o errante, o detetive e o previdente. O leitor errante é aquele que navega conduzido pelas inferências abduativas, ou seja, pela causalidade, apenas pela conclusão dessa inferência e não pela sua verdade. O navegador errante não pré-estabelece um roteiro, não utiliza a memória, pois navega de forma surpreendente e divertida, vai experimentando lugares desconhecidos. Sem o uso da memória e das normas pré-estabelecidas, o percurso desse leitor é idiossincrático, turbulento, dispersivo e desorientado, mas o percorre prazerosamente. Já o navegador detetive é aquele que é conduzido pelas inferências indutivas, ou seja, navega com disciplina pelos percursos dos signos pertencentes ao meio

hipermidiático. Ele utiliza métodos de busca que são mobilizados por meio de avanços, erros e autocorrekções. O leitor detetive tem sua trajetória definida por recurso auto-organizativo, característica da aprendizagem pela experiência. Por fim, o internauta previdente é capaz de desenvolver as inferências dedutivas, isto é, após a aprendizagem e familiaridade com o ambiente hipermidiático, ele navega respeitando a lógica da evidência, podendo prever as consequências de suas escolhas necessárias, sendo sua principal atividade mental a elaboração. Diferente do errante, o navegador previdente é conduzido em rotas ordenadas, orientado por uma memória de longo prazo, o que evita riscos repentinos.

Definidos os três níveis do perfil do leitor imersivo, a pesquisadora conclui que o ideal seria que houvesse uma miscigenação equitativa entre o errante, o detetivesco e o previdente, pois há aspectos comuns aos três que caracterizam o leitor imersivo, isto é, que o difere dos outros tipos de leitores. Esse leitor não emergiu do leitor contemplativo e sim do leitor fragmentado, movente, pois “sua sensibilidade perceptiva veio sendo gradativamente preparada pelo leitor dos fragmentos de imagens, sons, textos, setas, cores e luzes, no burburinho da vida urbana.” (SANTAELLA, 2004, p.181).

Lucia Santaella (2004, p. 19) afirma que um leitor não elimina o outro, pelo contrário, eles coexistem e se complementam. A pesquisa em que a autora estabelece os três tipos de leitores – contemplativo, movente, imersivo – foi realizada há cerca de 10 anos. Nesse pequeno espaço de tempo várias mudanças ocorreram na cultura digital. Como consequência dessas transformações surge um quarto tipo de leitor, o leitor ubíquo, e para compreender o perfil cognitivo desse leitor é fundamental apresentar as evoluções da internet.

O desenvolvimento da internet tem o seu alcance nas redes sociais. O conhecimento desses ambientes de conexão, de compartilhamento, de convivência e acesso à informação auxilia a entender o perfil cognitivo do leitor ubíquo. O surgimento da “Web 1.0” foi uma evolução importante, pois nesse momento o computador deixa de ser apenas para o armazenamento de informações pessoais e passa a se conectar com redes globais, as quais se caracterizavam pela conexão de informações. Nesse período, “as ações características das interfaces computador-usuário eram disponibilizar, buscar, ter acesso e ler.” (SANTAELLA, 2013, p. 272). Porém, a tendência das redes era criar ambientes de comunicação. E então, surgiram os e-mails, os chats e os fóruns, com objetivo de respectivamente trocar mensagens, realizar bate-papos e proporcionar discussões. Esses ambientes originaram as “comunidades virtuais”, deixando de ser necessário para se efetivar uma comunicação a presença física dos interlocutores. Essas comunidades virtuais foram iniciadoras das redes sociais existentes



atualmente, as quais são originadas pela “Web 2.0”. Fundamentalmente, a propagação da banda larga fez surgir a “Web 2.0”, a qual possibilitou “o armazenamento das informações de qualquer formato nas próprias redes (computação na nuvem), fez decolar o comércio eletrônico, difundiu os espaços virtuais de sociabilidade” (SANTAELLA, 2013, p. 273), isto é, as bases para as redes sociais, que foram melhoradas a partir da conexão contínua e em tempo real proporcionada pelos aparelhos móveis. Certamente a conectividade é marca da “Web 2.0”.

É precisamente nesses ambientes de hipermobilidade que aparece o leitor ubíquo, o qual possui um perfil cognitivo original e que surge da interseção e combinação das peculiaridades do leitor movente com o imersivo.

É ubíquo porque está continuamente situado nas interfaces de duas presenças simultâneas, a física e a virtual, interfaces que reinventam o corpo, a arquitetura, o uso do espaço urbano e as relações complexas nas formas de habitar [...], o que repercute nas esferas de trabalho, de entretenimento, em que os *games* ocupam posição privilegiada, de serviços, de mercado, de acesso e troca de informação, de transmissão de conhecimento e de aprendizagem. (SANTAELLA, p. 277, 2013)

Estar presente em qualquer tempo e lugar é uma das características do leitor ubíquo. Com ele surge uma nova forma de leitura e de aprendizagem, as quais trarão, certamente, desafios para a educação, que aos poucos vão sendo anunciados.

Nesse contexto, a autora questiona: Que tipo de mente, de sistema nervoso central, de controle motor, de economia da atenção está aí posto em ato? Sem dubiedade, responde que o intelecto do leitor ubíquo é capaz de acionar, paralelamente e conjuntamente, conhecimentos diversos, sem diferenças, pois as “ações reflexas do sistema nervoso central, por sua vez, ligam eletricamente o campo ao ambiente tanto físico quanto ciber em igualdade de condições.” (SANTAELLA, 2013, p. 279). Dessa forma, não há limites entre o físico e o virtual. É importante destacar que a atenção do leitor ubíquo é fragmentada e constante, ou seja, não há tempo para fixar-se reflexivamente em nenhuma das diferentes ações. Essa natureza da comunicação ubíqua traz ao sujeito, que utiliza os dispositivos móveis, habilidades diferentes, tais como: “a capacidade de enxergar problemas de múltiplos pontos de vista, assimilar a informação e improvisar em resposta ao fluxo acelerado dos textos e imagens em um ambiente mutável.” (SANTAELLA, 2013, p. 279).

A autora afirma que cada tipo de leitor possui competências cognitivas específicas e, portanto, um não pode se sobrepor ao outro. Isso significa dizer que os quatro tipos de leitores coexistem e que colaboram na formação do leitor, e que no contexto escolar é preciso, da

educação básica à pós-graduação, pensar em estratégias que proporcionem a associação dos diferentes tipos de leitores. Portanto, Santaella (2013, p. 282) sugere que o leitor ubíquo é o desenvolvimento inclusivo dos perfis cognitivos dos leitores que o antecederam e que tem como objetivo preservar a vivacidade e a dinâmica dos mesmos.

Santaella finaliza dizendo que é “preciso considerar conteúdo e linguagem, letramento e educação, comunidades e instituições”, (2013, p. 283) como também é necessário conceber que a “hipercomplexidade da ecologia cultural e cognitiva contemporânea” (SANTAELLA, 2013, p. 283) é formada por um leitor heterogêneo, que tem como potencial a ubiquidade.

Assim sendo, e considerando a história das maneiras de ler, as mudanças de suportes do livro, o reconhecimento do leitor e sua relação com o texto e os diferentes perfis cognitivos leitores existentes, e mesmo sabendo que a formação leitora se dá em diferentes espaços formais ou não, é significativo trazer para esse estudo como acontece a formação do leitor, em especial na escola, valorizando a importância dos conhecimentos citados anteriormente, registrando as potencialidades, como também as inaptidões.

## **2.5 Formação do leitor contemporâneo**

Ao discorrer sobre a formação do leitor, é importante destacar que a leitura é uma ação que se aprende com o outro, com os outros, por intermédio de diversas vivências sociais, culturais, e mediante a participação em certos grupos de prática dessa atividade. Silva afirma que “a leitura é um prática socialmente – educacionalmente – construída e culturalmente mediada.” (SILVA, 2016, p. 110).

Para tanto, alguns fatores são importantes para que a criança se constitua um leitor, entre eles a necessidade de intimidade precoce com os livros, a convivência com sua presença física em casa e com a possibilidade de manuseá-los. Também é essencial ver os adultos lendo, além de usufruir de momentos de leitura, em especial de leitura em voz alta, a qual proporciona a mistura das palavras com a entonação da voz e os gestos de representação.

Nas pesquisas de Petit (2008), a criança se torna leitor assíduo quando vivencia práticas de leitura em casa e o gosto pela leitura é passado pelas gerações. Além do que o “que atrai a atenção da criança é o interesse profundo que os adultos têm pelos livros, seu desejo real, seu prazer real.” (2008, p. 141). Mesmo que a leitura seja um assunto de família,

como conclui a pesquisadora, ela da mesma forma sofre influências do contexto, que podem despertar o desejo pela leitura ou o mantê-lo em dormência.

Por isso, “a promoção de leitura na infância inicial se faz pela voz e pelas mãos dos pais e cuidadores, uma vez que a literatura não chega à criança sozinha.” (TUSSI, RÖSING, 2009, p. 47). Aquele que inicia um processo de aproximação da criança aos livros, o que ocorre ao longo da trajetória de vida, exerce um papel determinante de mediação da leitura que é, na maioria das vezes no caso da escola, desempenhado pelo professor ou pelo responsável pela biblioteca, que com frequência é um professor.

Ao entender a escola como instituição responsável pela aprendizagem da leitura e consequentemente o professor como iniciador, mediador desse processo de aprendizagem, é preciso conceber, também, uma concepção de leitura e de prática de leitura que além de ensiná-la, incentive-a e a promova.

Na França, os pesquisadores apontam que, dos anos oitenta para cá, mesmo havendo uma maior escolarização, não há na mesma proporção um aumento de leitores entre os jovens e justificam que, “[...] aos livros, os jovens preferem o cinema ou a televisão, que identificam com a modernidade, a rapidez e a facilidade; ou preferem a música, o esporte, que são prazeres compartilhados.” (PETIT, 2008, p. 17) Para a pesquisadora Michèle Petit, o período da vida em que a leitura é mais intensa, ao menos na França, é o da juventude mesmo que a proporção de leitores assíduos tenha diminuído. Nesse sentido, está convicta que a leitura, “em particular a leitura de livros, pode ajudar os jovens a serem mais autônomos e não apenas objetos de discursos repressivos ou paternalistas. E que ela pode representar uma espécie de atalho que leva de uma intimidade um tanto rebelde à cidadania”. (2008, p. 19).

Já no Brasil, segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil 3 (FAILLA, 2012), os jovens têm a maior penetração e média de livros lidos nos últimos 3 meses, o que se conclui que é nesta fase da vida, ou seja, no período escolar, que a leitura é mais frequente, inclusive, também, quando se questiona acerca da leitura de livros digitais. A média de livros lidos aumenta consideravelmente quando a pesquisa mostra o número de livros lidos por ano, passando de 3 para 6, aproximadamente. Com base nesses dados é possível dizer que “os jovens são a maior parcela da população nacional que é leitora.” (GOMES, 2012, p. 129).

Esses dados reafirmam a importância do papel da escola no processo de formação do leitor e do trabalho do professor como mediador e promotor da leitura e, por conseguinte, do livro e da literatura junto às crianças e ao público jovem. Esse papel é o de construir pontes, ampliando o universo de linguagem e o horizonte cultural dessas crianças e jovens.

Nesse sentido, Silva (2016), ao escrever sobre aquele que capacita, facilita, possibilita e dinamiza o processo de formação do leitor, diz que essa concepção de mediador e mediação possibilita

ver e sentir a importância e a significação de uma mediação rica e qualificada, representada por um profissional que seja ele próprio um ávido leitor, capaz de, pelas suas atitudes e ações, exalar amor, entusiasmo e paixão pelas coisas escritas e da escrita bem como um organizador do contexto, facilitando os percursos de leitura de uma determinada comunidade constituída ou em processo de constituição. (SILVA, 2016, p. 117)

Assim, a criança tem acesso ao livro ainda que não seja capaz de lê-lo, assim como desvenda a linguagem sem mesmo saber utilizá-la, convive com a linguagem verbal, visual, gráfica, e é nesse contexto que a escola realiza a intermediação da aprendizagem dos diferentes códigos, utilizando recursos metodológicos para alcançar o sucesso. É por meio da atividade do professor que a criança passa a vivenciar experiências de leitura, as quais são motivadas pelo interesse da criança em compreender os diferentes materiais associados à escrita, como o livro, a revista, o jornal, a publicidade, a mídia, os jogos eletrônicos, o computador, assim como a literatura, as histórias em quadrinhos, as fábulas, os mitos.

Dessa forma, a criança é introduzida no mundo da fantasia ao ouvir histórias. Na educação infantil elas acontecem de diferentes formas – “contadas oralmente, lidas em voz alta por outras pessoas, vistas, quando se trata da audiência a programas de televisão, teatro infantil ou cinema” (ZILBERMAN, 2012, p. 130). Assim, “a criança convertida em leitora, consome novos textos” (ZILBERMAN, 2012, p. 117), o que garante o público da literatura infantil, mesmo que os obstáculos econômicos, sociais e culturais dificultem o acesso ao livro.

A entrada no universo da literatura resulta e transcende o processo de alfabetização, é resultado da aquisição de habilidades de leitura e de escrita e vai além disso, com a vivência de práticas de leitura e de escrita na trajetória do sujeito. O mundo da ficção envolvido pelo imaginário é experienciado por intermédio dos meios de comunicação que utilizam a fantasia, em manifestações verbais ou visuais. Entretanto, Zilberman afirma que “o letramento literário se efetiva quando acontece o relacionamento entre um objeto material, o livro, e aquele universo ficcional, que se expressa por meio de gêneros específicos – a narrativa e a poesia, entre outros” (2012, p. 130), relação esta em que a criança é inserida por meio da audição e da leitura.

Nesse contexto, a autora indica algumas providências a serem consideradas pelos professores: a primeira é na sala de aula dispor os livros ao alcance dos leitores iniciantes.

Essa aproximação, entre livro e leitor, propicia e cria o desejo pela leitura. Imagem e escrita se misturam, pois a ilustração atrai a atenção do leitor e, associada à escrita, desperta o interesse pela sua compreensão. A segunda medida a ser tomada é quanto ao professor estar vigilante à habilidade e ao entusiasmo de leitura de seus alunos. Alunos com dificuldades em acompanhar o texto serão amparados com textos de fácil entendimento, enquanto aqueles que demandam narrativas mais longas e complexas poderão ter acesso a outros gêneros como, por exemplo, os contos de fadas.

Zilberman sugere, também, que o professor, ao perceber o desejo dos alunos por mais livros, transforme-se em um companheiro de leituras, estimulando a leitura de obras que combinem “aventura, o amadurecimento interior e a observação do contorno social.” (2012, p. 152). Destaca que esse aluno está inserido num tempo e numa sociedade e que a ficção pode auxiliá-lo na posição frente a questões como a desigualdade econômica, o racismo ou a opressão. Por fim, professores e alunos, juntos, compreenderão que a literatura possibilita entretenimento e conhecimento, aprimorando as relações sociais na escola e sua presença na coletividade.

Nesse sentido, faz-se necessário recuperar como a literatura se propagou no ambiente escolar. Zilberman, ao historiar o livro didático, afirma que ele “constitui um dos gêneros literários mais antigos do Ocidente” (2012, p. 169). Assim foi definido por privilegiar a poesia, a retórica e a gramática, procedimentos da escrita, mas também a língua determinada por “grupos superiores”, abrangendo também as predileções artísticas dos mesmos, as quais representam a literatura nacional. Assim, o livro didático vincula-se à literatura, “nasceu para difundir-la sob suas várias formas – seja como modalidade singular de expressão, exemplo de uso bem acabado da língua, e maneira de ser e falar a ser imitado – e, por causa disso, converteu-se no paradigma repetido em outros campos do saber.” (ZILBERMAN, 2012, p. 173).

Desde que o livro didático passou a ser produzido no Brasil, observando então a realidade da escola e do aluno, manteve ainda elementos dos modelos anteriores como o privilégio ao universo das letras, a ênfase na leitura e na aprendizagem da escrita, e a introdução da literatura por meio de fragmentos, oriundos dos gêneros descritivo, narrativo e oratório, ou seja, gêneros nobres. Dessa forma, a formação literária orientada pelo livro didático pressupõe uma visão de leitura que,

a. nos primeiros níveis, [...] corresponde à aprendizagem dos sinais gráficos – as letras;

- b. a leitura introduz o indivíduo no mundo da escrita;
- c. quanto mais o sujeito se adentra no mundo das letras – representado pela escrita e por trechos lidos em voz alta -, tanto mais ele se habilita ao conhecimento dos gêneros elevados, que pertencem à literatura. (ZILBERMAN, 2012, p. 186)

Para tanto, selecionam textos com o objetivo de desenvolver a leitura e, como passos seguintes, sua compreensão e reprodução levam a outros textos, os quais fazem parte do cânone literário. Dessa maneira, a pesquisadora conclui que a literatura é reduzida ao nível de texto e é ocultada sua materialização, o livro. Assim, a autora deduz que a “formação literária não leva ao mundo dos livros, e sim a simulacros que, se pertencem ao campo conceitual das letras, representam-no apenas parcialmente” (ZILBERMAN, 2012, p. 186). A concepção de literatura apresentada através do fragmento, ou seja, o texto, que é parte do todo, o livro, que é a materialidade da associação do binômio autor e obra. “A literatura fica de fora da escola, reproduzindo-se, nesse jogo de empurra, o processo de sua elitização.” (ZILBERMAN, 2012, p. 196)

Nessa perspectiva, Ricardo Azevedo (2004, p. 38) salienta que o leitor necessita diferenciar os diversos tipos de livros e de literaturas, ou seja, ao usufruir de um texto com motivo estético ou informacional, religioso ou de expansão da visão de mundo, ou até mesmo para entretenimento, é indispensável que se reconheça a diferença entre uma obra literária e um texto científico, assim como entre uma obra filosófica e uma obra informativa. O pesquisador afirma que a não diferenciação poderá distanciar os sujeitos da leitura.

Tal preocupação é revelada pela situação exemplificada por Azevedo (2004, p. 39), segundo a qual uma criança pensa que os livros, todos, têm fim didático, ou melhor, ao ler uma obra de poesia, parte do princípio de que está aprendendo e, portanto, tem de assimilar, compreender, saber um ensinamento, ou pior, que todas as pessoas que leem aquele livro deverão chegar ao mesmo significado.

Desse equívoco, Azevedo salienta que “para formar um leitor é imprescindível que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação.” (2004, p. 39). Além do que, é preciso que exista estímulo, o qual é fundamentado e aceito pela união sacramentada entre obra e leitor.

A obra literária, diferentemente do livro didático-informativo, carrega o discurso poético, o qual define o texto literário, que

pode e deve ser subjetivo; pode inventar palavras; pode transgredir as normas oficiais da Língua; pode criar ritmos inesperados e explorar sonoridades entre palavras; pode brincar com trocadilhos e duplos sentidos; pode recorrer a metáforas, metonímias, sinédoque e ironias; pode ser simbólico; pode ser propositalmente ambíguo e até mesmo obscuro. (AZEVEDO, 2004, p. 40)

Nessa perspectiva, o trabalho do leitor com a leitura literária é diferente, mas não é irrelevante: “Os textos literários envolvem, simultaneamente, a emoção e a razão em atividade.” (PAULINO, 2011, p. 74). Sua estrutura promove estranheza no leitor em formação, pois suas características diferem do modelo dos textos em voga no universo social, ao mesmo tempo, em que não rejeita esse modelo.

A leitura literária requer de seu leitor “habilidades e conhecimentos de mundo, de língua e de textos bem específicos de seu leitor” (PAULINO, 2011, p.75). No processo da leitura literária todo esse complexo de elementos vai-se transformando, sendo desestruturado em sua pluralidade e obscuridade. Isso significa que possibilita a exploração dos vários significados presentes no texto, a descoberta dos implícitos, as várias interpretações possíveis aos diferentes leitores, do mesmo modo que fomenta e remete a outros textos. A qualidade dessa leitura está diretamente relacionada ao maior número de leituras possíveis que o texto provoque. “Esse seria o processo de produção de conhecimento característico da autêntica leitura literária.” (PAULINO, 2011, p. 75).

O texto literário, caracterizado por ser plural e obscuro, visa possibilitar vários significados, a descoberta dos implícitos, além do que deseja que cada leitor tenha sua interpretação. O texto literário fomenta outras leituras e sua qualidade está diretamente relacionada ao maior número de leituras possíveis que ele provoque.

Vários assuntos e temas podem ser tratados por meio da ficção, das obras literárias, coisas que não aparecem nos livros didático-informativos, como por exemplo: as paixões e os sentimentos humanos; a necessidade do autoconhecimento; o esforço de entender as identidades; a idealização da voz própria; a sexualidade; os vários obstáculos em decifrar o outro; os sonhos individuais; os sonhos coletivos; a morte; a complexa distinção entre a realidade e a fantasia; o tempo, o envelhecimento e suas consequências; a temática da ética; a presença de diversas ideias pertinentes sobre o mesmo assunto, entre outros.

Por vezes, é possível que surja o pretexto para não trabalhar com essas obras, de que esses temas não se relacionam com o contexto infantil. No entanto é preciso ter clareza de que as

crianças, na vida concreta, inconscientemente ou não, buscam seu autoconhecimento e sua identidade; têm sentimentos e razão; sonham e se apaixonam; têm dúvidas, medos e prazeres; ficam perplexas diante da existência de múltiplos pontos de vista; têm dificuldades em separar realidade e fantasia; são sexuadas e mortais. (AZEVEDO, 2004, p. 42-43)

Da mesma forma, Petit fala sobre o universo jovem, dizendo que

[...] os jovens não são marcianos e que, como eu ou vocês, têm uma grande necessidade de saber, uma necessidade de expressar bem, e de expressar bem o que eles são, uma necessidade de histórias que constitui nossa especificidade humana. Têm uma exigência poética, uma necessidade de sonhar, imaginar, encontrar sentido, se pensar, pensar sua história singular de rapaz ou moça dotado de um corpo sexuado e frágil, de um coração impetuoso e hesitante, de impulsos e sentimentos contraditórios que integram com dificuldade, de uma história familiar complexa que muitas vezes contém lacunas. Sentem curiosidade por este mundo contemporâneo no qual se veem confrontados a tantas adversidades, e que lhes deixa muito pouco espaço. Também têm, [...] um grande desejo de troca e de encontros personalizados. (2008, p. 57-58)

Em síntese, o método didático-informativo desenvolvido no meio escolar inclina-se a mostrar uma realidade simétrica, lógica, coerente e uniforme, conclui Azevedo (2004, p. 43). Essa forma de trabalho é imprescindível para que o aluno consiga estruturar e sintetizar conhecimentos necessários para que tenha apreensão da sociedade, sua inserção nela, sua continuidade nos estudos e seu crescimento pessoal.

Para formar leitores é preciso conhecer e distinguir os diversos tipos de textos; compreender que o livro didático é útil para a construção de conhecimento científico e informativo e é um material pedagógico fundamental, porém, não forma leitores; considerar que leitor e obra tem que manter uma relação de comunhão, com envolvimento emocional, prazer, reconhecimento e liberdade de interpretação; conceber a literatura como um paradigma de ideias que utiliza as obras de ficção e poéticas para elucidar e significar a realidade do leitor e o mundo; reconhecer, além dos discursos objetivos e harmônicos, orientados pelas regras do ensino escolar, aqueles que são abstratos, analógicos, lúdicos, plurissignificativos e excessivamente imaginativos, os quais oportunizam o uso de recursos da linguagem; conceber a complexidade da infância e da juventude para aceitar que o adulto não pode exercer a função de professor, em todos os momentos, para eles; e por fim compreender que “a Literatura – e a arte em geral, pintura, teatro, cinema, dança, música, etc. – pode ser um espaço privilegiado para abordar o contraditório e a ambiguidade.” (AZEVEDO, 2004, p. 46).



Por fim, esse contexto aponta que é preciso expandir a concepção de leitura e o conceito de leitor para que se possa transcender a formação do leitor levando-o a se transformar pela imaginação e pelo pensar.

### 3 PROJETO LIVRO DO MÊS - DIÁLOGO ENTRE LEITORES E ESCRITORES

O Projeto Livro do Mês, tema deste estudo, é consequência da movimentação cultural que são as Jornadas Literárias de Passo Fundo, as quais representam mais de três décadas de um processo que visa “formar leitores que priorizem o texto literário e se disponham a compreender e interpretar as linguagens peculiares a distintas manifestações artístico-culturais.” (RÖSING, 2009, p. 224).

Também, como consequência dessa movimentação cultural, o município de Passo Fundo, no ano de 2006, recebeu o título de Capital Nacional da Literatura, após o presidente Luís Inácio Lula da Silva, sancionar a Lei Federal 11.264, de 02/01/2006, oriunda de projeto apresentado à Câmara Federal pelo deputado Beto Albuquerque. A referida Lei diz, no seu Art. 1º, que “O município de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, sede da Jornada Nacional de Literatura, fica declarado ‘Capital Nacional da Literatura’.” (BRASIL, 2006). Da mesma forma, por indicação do então deputado estadual Luciano Azevedo, Passo Fundo também é Capital Estadual da Literatura, por meio da Lei nº 12.838, de 13/11/2007, da Assembleia Legislativa/RS. As Jornadas Literárias, por proposição do deputado estadual Giovani Chierini, fazem parte do Patrimônio Histórico do Rio Grande do Sul, através da Lei nº 12.295, de 21/06/2005.

Entende-se necessário nesse contexto recuperar mesmo que de modo breve o histórico das Jornadas Literárias, iniciando o relato pela primeira Jornada Literária, a qual ocorreu em 1981, a partir das ideias da professora Tania Rösing e do escritor Josué Guimarães. Do encontro entre a professora e o escritor, em um domingo de abril de 1981, surge o desejo exposto por ela de realizar um evento em Passo Fundo com a participação de escritores gaúchos, utilizando uma metodologia diferenciada, derivada da leitura prévia, realizada pelos leitores, das obras dos autores convidados. Josué Guimarães compromete-se a convidar e trazer os escritores a Passo Fundo. Assim, instaura-se o evento fundamentado no binômio educação e cultura, que mais tarde se transforma em trinômio, educação, cultura e tecnologia. Acompanha esse desenvolvimento, a emergência de uma concepção de leitura abrangente, interdisciplinar, em que se mantém a celebração do livro, sem ignorar as manifestações artísticas que envolvem diversidade de códigos, gêneros e linguagens.

Em agosto de 1981, aconteceu, então, a 1ª Jornada de Literatura Sul-Rio-Grandense, “no contexto das conferências proferidas, momento em que a voz de cada autor se mesclou às

vozes dos personagens emergentes dos livros de sua autoria, lidos e analisados.” (RÖSING, 2011, p. 37). É importante destacar que nesse ano

a primeira pré-jornada foi realizada nas dependências da Escola Estadual Protásio Alves, dirigida na ocasião pela professora Ides Cirottá Viuniski. Compareceram às reuniões de discussão das obras selecionadas aproximadamente 250 professores. Paralelamente, alunos do curso de Letras produziam resumos das obras dos autores convidados, alguns deles inclusive publicados nos jornais locais. Estava instalada a metodologia da leitura prévia das obras dos autores convidados o que os impressionava. (RÖSING, 2011, p. 35-36)

Com o reconhecimento da primeira Jornada pelos escritores e pelos participantes, em 1983, aconteceram a 1ª Jornada Nacional de Literatura e a 2ª Jornada de Literatura Sul-Rio-Grandense. Na sequência, em 1985, ocorreu a 2ª Jornada Nacional de Literatura, da qual escritores de grande reconhecimento nacional aceitaram o desafio de participar.

A primeira edição do Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães aconteceu na 3ª edição das Jornadas, em 1988, em homenagem ao escritor, que morreu em 1986, um dos idealizadores das Jornadas Literárias. A parceria entre Universidade de Passo Fundo e Prefeitura Municipal iniciou na promoção da edição de 1991, na 4ª Jornada Nacional de Literatura, quando houve o aprofundamento dos debates por meio de cursos oferecidos no turno inverso às conferências. Os temas tratados nessa modalidade foram: teorias críticas, ensino de língua e literatura na escola, a poesia infantil e o ato de ler através de multimeios.

Em 1993, na 5ª Jornada Nacional de Literatura, foram oferecidos treze cursos no turno da manhã: a poesia no Rio Grande do Sul; o cinema e a televisão: a leitura do texto virtual; Fernando Pessoa e os heterônimos: uma abordagem para estudantes universitários; laboratório poético; leitura no 2º grau: o trabalho com textos da música popular brasileira; literatura infanto-juvenil: proposta de atividades no 1º grau; memória e pudor: os bastidores da criação literária; o estudo da gramática; o ensino da leitura no 1º grau; o professor como leitor e coautor do texto; o teatro na escola; por uma pedagogia culturalmente sensível: língua materna no período pós-alfabetização e desenho animado.

Na 6ª Jornada Nacional de Literatura, o público aumentou e, pela primeira vez, a Jornada ocorreu no Circo da Cultura<sup>6</sup> e os participantes foram recebidos pela professora Tania Rösing, coordenadora geral, com as seguintes palavras: “Respeitável público! O espetáculo das letras e das artes vai começar!” Nesta edição ampliam-se, também, os cursos; são

---

<sup>6</sup> A ampliação do público interessado em participar das Jornadas Literárias, por consequência, levou à ampliação também do espaço. Então, a sexta edição foi realizada num espaço circense, o qual foi denominado de Circo da Cultura, que remetia a uma atmosfera de exaltação das letras, das artes, da cultura.

oferecidas dezoito opções entre diferentes temas envolvendo o livro, a leitura, a formação de leitores, as artes e as diferentes mídias.

Na sequência, na 7ª Jornada Nacional de Literatura, a Lei nº 3366/98 de 28 de agosto de 1998 cria o Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura, o qual premiaria na próxima edição do evento o melhor romance escrito em língua portuguesa entre os anos de 1997 e 1999.

A 8ª Jornada Nacional de Literatura teve um tema central como balizador dos debates: “Censura e exclusão na literatura e em outras linguagens”. A proposta era de que, assim, as referências produzidas na Jornada pudessem inspirar “outras iniciativas brasileiras e latino-americanas a buscarem caminhos de transformação pelo viés da leitura emancipadora.” (RÖSING, 2011, p. 43).

“2001: uma Jornada na Galáxia de Gutenberg – da prensa ao *e-book*” foi o tema que orientou os debates na 9ª Jornada Nacional de Literatura. Nessa edição nasce a 1ª Jornadinha Nacional de Literatura e são mantidas e inovadas, no decorrer dos vinte anos de Jornadas, as atividades de Pré-Jornada, Festerê Literário<sup>7</sup> e as exposições de arte.

O eixo dos debates da 10ª Jornada Nacional de Literatura foi “Vozes do Terceiro Milênio: a Arte da Inclusão”. Em 2005, na 11ª Jornada Nacional de Literatura, a centralidade das discussões foi o tema “Diversidade Cultural: O Diálogo das Diferenças”. Naquele ano a novidade foi o primeiro encontro da Academia Brasileira de Letras, fora da sede no Rio de Janeiro, cujos debates se voltam para o tema “Reinventando os Clássicos”.

“Leitura da arte & arte da leitura” balizou as discussões na 12ª Jornada Nacional de Literatura, realizada em 2007. Em 2009, o tema “Arte e Tecnologia: novas interfaces” foi representado na 13ª Jornada Nacional de Literatura, por um livro-robô com características de um *transformer*. Outro fato importante para Passo Fundo, que marcou essa edição, foi a criação do Plano Municipal do Livro e Leitura, em adesão ao Plano Nacional do Livro e Leitura.

Os trinta anos de Jornadas Literárias completados em 2011, na 14ª Jornada Nacional de Literatura e 6ª Jornadinha Nacional de Literatura, foram celebrados por meio do tema “Leitura entre nós – redes – linguagens – mídias”.

Nos 30 anos de Jornadas Literárias passaram pelo Circo da Cultura e nas atividades paralelas dessa movimentação cultural, artística e tecnológica mais de 200 mil participantes,

---

<sup>7</sup> O Festerê Literário é um movimento cultural que prepara a comunidade de Passo Fundo e região para a Jornada, anunciando a sua nova edição por meio de manifestações artísticas e culturais desenvolvidas por diferentes grupos, em distintos espaços públicos da cidade de Passo Fundo/RS.

804 escritores e pesquisadores. Ocorreram seminários de pesquisa e 211 cursos e foram concedidos três títulos *Honoris Causa* pela UPF a intelectuais consagrados: Edgar Morin, Ariano Suassuna e José Ephim Mindlin.

O universo de tantas personalidades, contudo, não teria sentido sem o orbe anônimo dos mais de duzentos mil leitores direta e indiretamente envolvidos nas jornadas desde 1981. Se a história começa em uma visita de domingo, entre um escritor e uma professora interessada (e meio maluca), a irradiação de leituras, de livros e palavras em fricção foi despendendo tal energia que hoje cada edição da Jornada é um momento explosivo, uma grande manifestação de um perturbador e vibrante intelecto coletivo. O saber não é competência individual, sabe-se hoje, é produção de pessoas engajadas. Essa noção imanente, horizontal, faz a diferença em um trabalho que é, acima de tudo, feito por todas as mentes envolvidas e reformulado e transformado por cada pensamento ou fala que replica a fala dos outros, o livro dos outros, a arte de todos. (RÖSING, 2011, p. 51).

Com o propósito de falar sobre e com os jovens, ouvi-los e transformar-se com eles ocorreu em 2013 a 15ª Jornada Nacional de Literatura com o tema “Leituras jovens do mundo”. A novidade naquele ano foi a inclusão do Ensino Médio nos palcos de debate e nas conferências da Jornada, o Encontro Internacional de Bibliotecários e Mediadores de Leitura e a Jornada UPF.

O reconhecimento do êxito em todo esse trabalho que ocorre há 34 anos no município de Passo Fundo fez com que a comissão interinstitucional, composta por integrantes da Universidade de Passo Fundo (Mundo da Leitura<sup>8</sup>, Curso de Letras, Vice-Reitoria de Extensão) e da Prefeitura Municipal (Secretarias Municipais de Educação e Desporto e Cultura), responsável por toda a movimentação cultural que antecede e sucede as Jornadas, criasse outras atividades a fim de consolidar um processo continuado de formação de leitores e de plateias apreciadoras da literatura e das artes em geral.

Nesse sentido, uma das ações proposta no Projeto Passo Fundo - Capital Nacional da Literatura, foi o Projeto Livro do Mês, que visa consolidar o processo de formação de leitores, iniciado pelas Jornadas Literárias, oferecendo a oportunidade aos alunos de lerem um livro, debatê-lo com o autor presente, apropriar-se das ideias emergentes das discussões desenvolvendo atitudes positivas frente à leitura. Rösing afirma que “os textos literários passam a constituir cenários com os quais se pode refletir sobre o que somos, sobre o que são

---

<sup>8</sup> Inaugurado em setembro de 1997, o Centro de Referência de Literatura e Multimeios – Mundo da Leitura é o laboratório do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo. O Centro promove atividades de ensino, pesquisa e extensão ligadas à formação do leitor, à difusão da literatura e ao universo em que se constituem as múltiplas liguagens. Seu objetivo principal é a formação de leitores em ambiente multimídia, atendendo à demanda de um novo leitor, numa perspectiva crítica e cidadã.

os outros, como podemos transformar o mundo a partir de mudanças em nosso entorno. ” (2009, p. 136).

O Projeto Livro do Mês é uma promoção da Prefeitura Municipal de Passo Fundo e da Universidade de Passo Fundo, os quais defendem que a periodicidade de ações de leitura não apenas do texto impresso, mas também de textos apresentados em diferentes suportes, paralelamente ao envolvimento com outras linguagens, propiciam o desenvolvimento do gosto pela leitura, ampliam o conhecimento e a sensibilidade dos leitores, resultando na aquisição de uma cultura de leitura pelo viés da sintonia entre educação, cultura e tecnologia, efetivando o crescimento cultural da comunidade passo-fundense como um todo.

Essa parceria foi firmada no mês de junho de 2006, após a construção da proposta do Projeto Passo Fundo – Capital Nacional da Literatura. Nela está prevista uma agenda cultural permanente com ações que seriam desenvolvidas nos Largos da Literatura<sup>9</sup>, em outros espaços alternativos e nas instituições do município de Passo Fundo e região.

A organização inicia por volta do mês de novembro do ano anterior com a escolha de oito ou sete obras e dos respectivos escritores, como também das editoras participantes. Desde então, a comissão interinstitucional se reúne para a seleção das obras observando alguns critérios, entre eles: ser obra de literatura nacional contemporânea voltada para jovens, compor catálogos de editoras, *sites* e *blogs*, ser avaliada mediante parecer de professores universitários e constar, de preferência, em listas de autores premiados no Brasil e no exterior, em prêmios literários reconhecidos nacionalmente e internacionalmente. Observa-se que não há repetição de editoras ao longo do ano de execução e procura-se diversificar os gêneros literários e a editoração das obras escolhidas. Logo, a comissão entra em contato com as editoras e, após o aceite, a lista com a programação do ano é encaminhada à Secretaria Municipal de Educação, à 7ª Coordenadoria Regional de Educação e ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Curso de Letras/UPF, para a divulgação e convite às escolas, professores

---

<sup>9</sup> Os Largos da Literatura integram o projeto de consolidação do município de Passo Fundo como Capital Nacional da Literatura. Existem cinco largos em diferentes lugares da cidade: o Marco da Capital Nacional da Literatura, na Praça Armando Sbeghen, com um quiosque, o monumento em homenagem aos tropeiros, a Árvore das Letras e dois túneis de leitura; o Largo da Literatura Brasileira, na Praça Antonino Xavier, com um quiosque, quatro túneis de leitura e a letra B gigante; o Largo da Literatura Universal, na Praça Capitão Jovino, com dois túneis de leitura e a letra U gigante; o Largo da Literatura Gauchesca, na Praça Abrão Madaloso, próximo ao monumento em homenagem a Teixeira, cantor rio-grandense, com um túnel de leitura e a letra G gigante; o Largo da Literatura Cômica, na Praça Guilherme Luiz Sperry, em frente ao Teatro Municipal Múcio de Castro, com um túnel de leitura e a letra C gigante. A cada mês, são adesivados novos textos literários nos diferentes túneis, privilegiando distintos segmentos literários, oportunizando à população em geral momentos de leitura em espaço público. Pretende-se, com esta ação, revitalizar lugares históricos e estratégicos da cidade e envolver a comunidade em diferentes manifestações culturais. Os Largos foram construídos pelo esforço conjunto entre a Universidade de Passo Fundo, a Prefeitura Municipal e o Ministério do Turismo do Governo Federal.

e alunos com o objetivo de motivá-los a participar, bem como a realizar a aquisição da obra e a sua leitura prévia<sup>10</sup>.

É importante salientar a parceria entre: as editoras responsáveis pela publicação do livro do mês, às quais cabe viabilizar o deslocamento dos (as) autores (as); a Prefeitura Municipal, que adquire duzentos e cinquenta exemplares de cada obra, produz o material de divulgação e financia o transporte dos alunos da rede pública municipal de ensino para o seminário<sup>11</sup>; a Universidade de Passo Fundo, responsável pela hospedagem dos convidados; e o Serviço Social do Comércio de Passo Fundo/SESC, que cede o seu teatro para a realização dos seminários do projeto.

O acervo de duzentos e cinquenta livros, primeiramente, é distribuído entre as seis ou mais escolas participantes da edição do mês, de acordo com o número de alunos envolvidos de cada instituição. Posteriormente, a escola inclui cinco exemplares na sua biblioteca e os demais são distribuídos pela Secretaria Municipal de Educação entre as demais escolas da rede. Dessa forma, cada escola recebe por ano cerca de 40 exemplares ou 8 títulos de livros literários para inclusão no acervo da sua biblioteca.

A Biblioteca Pública Municipal Arno Viuniski<sup>12</sup>, o Largo da Literatura<sup>13</sup> e o Quiosque de Leitura Roberto Pirovano Zanatta<sup>14</sup> também recebem exemplares de cada título, para o empréstimo à comunidade em geral. A Universidade de Passo Fundo disponibiliza os livros para o Centro de Referência de Literatura e Multimeios/Mundo da Leitura e para as bibliotecas da estrutura multicampi onde houver turmas de graduação em Letras.

O público alvo do Livro do Mês são alunos do ensino fundamental e médio, das modalidades de educação de jovens e adultos e educação especial, universitários, professores

---

<sup>10</sup> A leitura prévia é a primeira etapa do Projeto Livro do Mês. Essa etapa fica a cargo dos professores dos diferentes níveis de ensino, das instituições participantes do projeto, com a lista das obras dos autores convidados para cada mês, a instituição de ensino faz a aquisição das mesmas e os professores procedem a leitura antecipada com seus alunos.

<sup>11</sup> O seminário é a terceira etapa do Projeto Livro do Mês. O seminário é o encontro entre autor-obra-leitor, para explanação e diálogo acerca da obra e do autor convidado. O seminário para os alunos do ensino superior e do ensino noturno ocorre em um dos auditórios no Campus I da Universidade de Passo Fundo e para os alunos do ensino fundamental e médio no Teatro do SESC/Passo Fundo.

<sup>12</sup> A Biblioteca Pública Municipal Arno Viuniski foi criada através do decreto de lei federal nº 1.939, pelo então prefeito Arthur Ferreira Filho. Foi inaugurada no dia 02 de abril de 1940, na Sede do Grêmio Passo-fundense de Letras. O espaço fica localizado na Rua Morom, 2019, no centro da cidade. O horário de atendimento ao público é de segunda a sexta-feira, das 8h às 12h na parte da manhã e das 13h30min às 17h30min na parte da tarde. Aos sábados, o espaço também é aberto à comunidade 8h às 11h30min.

<sup>13</sup> O Largo da Literatura é localizado na Praça Armando Sbeghen, junto ao Marco da Capital Nacional da Literatura, é um quiosque de acesso a livros e periódicos para empréstimo e leitura, e também, contato com computadores para acesso à internet.

<sup>14</sup> O Quiosque de Leitura Roberto Pirovano Zanatta está localizado na Praça Antonino Xavier, junto ao Largo da Literatura Brasileira, é um espaço de democratização do acesso ao livro, a computadores com acesso à internet, cursos de violão, teatro e xadrez.

universitários e da rede pública e privada de ensino. Também visa atender à comunidade em geral interessada em literatura. Na rede municipal, a Secretaria Municipal de Educação organiza um rodízio entre as trinta e cinco escolas para que todas participem ao menos de um seminário no ano, sendo que normalmente participam cerca de seis escolas municipais por mês. As escolas estaduais e particulares participam por adesão. Entre essas últimas, há escolas que participam de todos os seminários do ano; nelas estão incluídas as duas escolas pesquisadas.

O público universitário é convidado a participar de todas as edições, sendo que os alunos que fazem parte dos cursos oferecidos na estrutura multicampi participam quando há edição no seu respectivo campus. A comunidade em geral é convidada a participar em todas as edições e seminários e sua participação é efetivada por adesão.

A cada edição mensal são oferecidos três ou quatro seminários: um à noite para alunos e professores universitários, alunos e professores da modalidade de educação de jovens e adultos, ensino médio e comunidade em geral; outro seminário que atinge cerca de trezentos e cinquenta alunos e professores do ensino fundamental e da educação especial, oriundos da rede municipal de ensino; o terceiro, direcionado aos alunos e professores do ensino fundamental e médio da rede estadual e particular de ensino do município; e o quarto, na sede da UPF e em um campus que oferece o Curso de Letras, alternadamente.

Oito edições do Livro do Mês são desenvolvidas ao longo do ano letivo, iniciando no mês de março e prosseguindo nos meses de abril, maio, junho, agosto, setembro, outubro e novembro. Desde o início do Projeto, não houve repetição de autor e a cada edição é contemplada uma editora, não havendo, no ano, duplicidade de participação. Até o final de 2014, participaram 82 escritores e houve o financiamento de 32 editoras brasileiras. No decorrer do Projeto, já foram desenvolvidas 64 edições mensais, sendo que de 2006 a 2009 aconteceram vinte e três edições bilíngues, em que além da obra em língua portuguesa era indicada, também, alternadamente, uma obra em língua inglesa e em língua espanhola. Esses seminários eram oferecidos aos universitários e à comunidade em geral.

Os seminários possuem na sua dinâmica espaço para explanação do escritor. Nesse momento, há uma fala sobre o livro e sobre as demais obras do escritor, trabalhos e pesquisas desenvolvidas por ele e outros temas pertinentes ao livro. Há, também, a conversa entre os participantes e o escritor, situação que permite aos alunos fazerem questionamentos, manifestarem suas curiosidades e dúvidas acerca da obra. Os seminários são finalizados com uma sessão de autógrafos.



Dessa forma, o Projeto Livro do Mês ratifica a metodologia das Jornadas Literárias quanto à leitura prévia das obras literárias do autor presente e posterior encontro e diálogo com o escritor. Sobre isso Rösing afirma que

o mais importante dessa metodologia consiste na instalação do diálogo entre o leitor e o livro, entre o leitor, o livro e a mediação em meio eletrônico, diálogo este que se aprofunda diante da presença do autor na Jornada. As perguntas feitas pelos leitores assumem qualidade, revelando um envolvimento profundo com o livro durante a leitura e nas discussões de que participa presencialmente ou em meio eletrônico. (RÖSING, 2009, p. 217).

Ao término dos seminários é solicitado a alguns participantes colocarem por escrito a sua opinião sobre a obra, o autor e o seminário. Também, como forma de avaliação, os monitores do Mundo da Leitura fazem observações e registro fotográfico dos seminários.

Além da leitura prévia da obra, são oferecidas práticas leitoras em preparação aos seminários e para auxiliar na reflexão sobre a obra indicada, uma a cada mês do projeto, às escolas da rede estadual e particular de ensino de Passo Fundo. Já os professores da rede municipal de ensino e os professores do ensino superior trabalham a obra com seus alunos sem a mediação das práticas leitoras, no primeiro caso, por ser o município um dos promotores e distribuir um número de exemplares significativos para o trabalho de leitura prévia e, no segundo caso, porque os professores do ensino superior são formadores dos futuros professores das redes de ensino, sendo capazes de organizar a leitura prévia e até mesmo uma prática de leitura nos moldes da prática leitora do Projeto.

Essas práticas são atividades desenvolvidas a partir de um roteiro que procura trabalhar com diferentes suportes e linguagens com vistas à formação do leitor multimídia. Ocorrem nos espaços escolares, ou seja, nas escolas participantes a cada edição, e destinam-se a alunos e professores envolvidos, com o objetivo de “entusiasmar professores e alunos a se envolverem com a leitura da obra, identificando as relações do tema abordado com outras obras e distintas linguagens artísticas” (D’ARIENZO; RÖSING; QUADROS, 2015, p. 225). Essas atividades partem da leitura do texto literário feita antecipadamente, cotejando-o com músicas, obras de arte, fotografia, ilustrações, vídeos de entrevistas, animações, fragmentos de filmes, dando acesso, assim, a textos de diferentes naturezas e realizando, dessa forma, um conceito abrangente de leitura. A contação de histórias está presente nas práticas, como forma de valorizar a expressão da oralidade, incentivando alunos e professores à leitura.

A escolha dos textos a serem lidos, bem como dos diferentes suportes a serem utilizados, assume um caráter mais verdadeiro, envolvendo todas as ações pelo viés

da compreensão, da interpretação, da apreciação crítica, da apropriação de ideias, da transformação individual e social. (RÖSING; SILVA, 2001, p. 30)

As práticas leitoras são elaboradas e desenvolvidas pela Comissão Interinstitucional, por monitores (funcionários e estagiários da UPF) e professores (do Curso de Letras e da rede municipal e estadual de ensino) envolvidos diretamente com o Centro de Referência de Literatura e Mídias/Mundo da Leitura. A pesquisadora representa os professores da rede estadual de ensino na Comissão Interinstitucional. O planejamento de uma prática leitora multimídia/hipermídia é complexo, mas também é complexo e significativo o ato de ler, bem como vivenciar a leitura na perspectiva interdisciplinar, multimídia. Acerca das práticas leitoras é importante destacar que

as ações que integram essa prática provocam outros olhares dos receptores para a obra, fazendo emergir de seu conteúdo possibilidades de questionamentos sociais e históricos nunca pensados anteriormente. É uma forma de despertar entre os leitores a necessidade de estabelecer relações não apenas com situações com as quais interagem, mas de analisar outras tantas numa visão macro. (RÖSING, 2016, p. 10)

A partir de 2014, os roteiros das práticas leitoras multimídias foram construídos e desenvolvidos pela pesquisadora, acompanhada nas quatro primeiras edições por uma bolsista CAPES de pós-doutoramento, no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade de Passo Fundo.

Todas as escolas que participam do Projeto Livro do Mês possuem equipamento multimídia para o desenvolvimento da prática leitora que é organizada em programa de criação e de exibição de apresentação, pois são utilizadas imagens, sons, textos, vídeos, animados ou não.

As práticas leitoras são agendadas com a professora referência do projeto na escola, sempre, na primeira semana de cada mês de edição, por *messenger*, *whatsapp*, *sms* ou ligação telefônica. Normalmente, utiliza-se cerca de uma hora e meia para o seu desenvolvimento, aproximadamente dois períodos, no caso do ensino médio, ou o tempo anterior ou posterior ao intervalo, no ensino fundamental organizado por ciclos de formação.

Habitualmente, no dia da realização da prática leitora os alunos e professores já realizaram a leitura prévia da obra, porém quando o livro possui uma narrativa longa, programa-se na prática leitora uma contação da história preservando o seu final.

A pesquisadora optou por organizar o roteiro da prática leitora com as seguintes etapas: apresentação da obra e do autor; trabalho com o gênero literário e textual; contação de

história; e indicações de outras leitoras. Além dessas etapas, a partir da obra são realizadas relações do tema abordado com outras obras impressas e em distintas linguagens, tais como: fragmento de filme, charge, canção, quadrinhos, ilustrações, fotografias, animação, entre outras manifestações artísticas e culturais. Faz-se necessário ressaltar que é a primeira vez que a pesquisadora desenvolve este trabalho, anteriormente era desenvolvido pelos monitores do Mundo da Leitura, sendo que a pesquisadora já havia vivenciado essa ação enquanto professora de escola da rede pública estadual participante do projeto desde seu início.

Ao final de cada ano, é feita uma publicação, em formato de livro, com o registro das obras e autores presentes no Projeto em cada edição e dos respectivos roteiros das práticas leitoras aplicadas nas escolas, com vistas a sua utilização pelos professores. Tais obras são distribuídas a todas as escolas da rede municipal, estadual e particular de ensino do município de Passo Fundo.

A organização desse material é feita pela professora Dr. Tania Mariza Kuchenbecker Rösing e pelos integrantes do Mundo da Leitura. Cada volume faz parte da Coleção Mundo da Leitura e é patrocinado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e/ou pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), juntamente com a Universidade de Passo Fundo.

A pesquisa que está em exposição foi desenvolvida no ano de 2014 quando foram exploradas no Projeto Livro do Mês as seguintes obras, com seus autores e respectivas editoras: no mês de março, *Poeplano*, de Dilan Camargo, Editora Projeto; em abril, *Perdida: um amor que ultrapassa a barreira do tempo*, de Carina Rissi, Editora Verus; em maio, *Simbad, o marujo*, de Stela Barbieri, Editora Cosac Naify; em agosto, *Nem eu nem outro*, de Suzana Montoro, SM Edições; em setembro, *Dias perfeitos*, de Raphael Montes, Companhia das Letras; em outubro, *Diário de Pilar em Machu Picchu*, de Flávia Lins e Silva, Pequena Zahar; e, para finalizar, em novembro, *Feérica*, de Carolina Munhóz, Editora Leya.

#### **4 O PERCURSO INVESTIGATIVO**

O presente estudo está inserido no campo das investigações qualitativas. Essa abordagem assume uma perspectiva holística dos eventos, ou seja, considera o todo tendo em conta as partes que compõem o evento a ser estudado, suas inter-relações e influências mútuas. Em qualquer perspectiva de abordagem qualitativa é dada importância “ao mundo do sujeito e aos significados por ele atribuídos às suas experiências cotidianas, às interações pessoais que possibilitam compreender e interpretar a realidade” (GATTI; ANDRÉ, 2010, p. 30), como também aos fatos implícitos e às ações do cotidiano que manipulam o comportamento dos sujeitos sociais.

Vários são os olhares sobre a pesquisa qualitativa, mas, conforme Esteban (2010, p. 127), para quem é mais corriqueiro se deparar com uma listagem de características do que com sua conceituação, a

pesquisa qualitativa é uma atividade sistemática orientada à compreensão em profundidade de fenômenos educativos e sociais, à transformação de práticas e cenários socioeducativos, à tomada de decisões e também ao descobrimento e desenvolvimento de um corpo organizado de conhecimentos.

Quando se aborda a pesquisa qualitativa, estão envolvidos os procedimentos metodológicos e os princípios teórico-epistemológicos que os apoiam e guiam, que têm relação com as seguintes características: a importância do contexto, compreendendo os acontecimentos e fenômenos a partir dele; os contextos naturais, pois a investigação é feita buscando respostas no mundo real; a abordagem global da experiência dos sujeitos; a consideração às situações e experiências na sua totalidade e pela qualidade que as legitimam; a importância de visualizar o pesquisador como instrumento essencial na produção de informações por intermédio da interação com a situação pesquisada; a natureza interpretativa da pesquisa, já que o pesquisador fundamenta, idealiza ou incorpora sua descoberta em um referencial teórico e desenvolve a descrição densa possibilitando que os sujeitos dos estudos se manifestem por si próprios; e, por fim, a reflexibilidade, ou seja, “dirigir o olhar para a pessoa que pesquisa, o reconhecimento das premissas teóricas e também pessoais que modulam sua atuação, assim como sua relação com os participantes e a comunidade em que realiza o estudo.” (ESTEBAN, 2010, p. 130).

Para abordar o processo de formação de leitores, instalado por distintas etapas do Projeto Livro do Mês – leitura prévia da obra selecionada, desenvolvimento da prática leitora, seminário com o autor -, e suas implicações no contexto escolar, trazendo para o estudo discussões a respeito da leitura, leitura literária, prática leitora e práticas de leitura na escola,

optou-se, entre as possibilidades coerentes com a abordagem qualitativa, pelo método do estudo de caso, o qual “envolve um processo de indagação caracterizado pelo exame detalhado, abrangente, sistemático e em profundidade do caso objeto de estudo.” (ESTEBAN, 2010, p. 181). Isso porque se trata de analisar um projeto de formação de leitores, levada a termo por instituições responsáveis pela educação de crianças e jovens - escola, poder público municipal e universidade -, buscando nela componentes que reverberam uma perspectiva de leitura, leitor e texto consistentes com as práticas desenvolvidas em seu interior.

O estudo de caso possui as seguintes características fundamentais: é particularista, por focalizar um evento em particular; é descritivo, pelo produto final ser uma descrição abundante e densa do objeto estudado; é heurístico, por no resultado aparecer novos significados, expandindo o conhecimento do leitor ou afirmando o conhecido; e é indutivo, já que permite “a descoberta de novas relações e novos conceitos, mais do que a verificação de hipóteses predeterminadas.” (ESTEBAN, 2010, p.181).

O corte temporal feito para fins de estudo estabelece o ano de 2014 para a realização do trabalho de campo. Naquele ano, o Livro do Mês atingiu dezesseis escolas, duas da rede privada e quatorze da rede pública estadual. Além dessas, também participaram as escolas da rede pública municipal. Nesse período foram desenvolvidos vinte e um seminários, os quais envolveram, aproximadamente, trezentos e quarenta participantes por edição. Foram trabalhadas sete obras literárias contemporâneas, por meio da presença de sete escritores e do desenvolvimento de sessenta e oito práticas leitoras.

Dada a impossibilidade de analisar o universo de todas as escolas envolvidas no projeto, ao longo do primeiro semestre de 2014, em todas as escolas nas quais foram desenvolvidas as práticas leitoras, foram feitas observações, registradas em diário de campo e focadas na qualidade da interação com o trabalho desenvolvido. Buscou-se saber se a escola assumia o Projeto como aliado do trabalho realizado em sala de aula, se o professor tinha o compromisso com a leitura prévia da obra selecionada e se a turma desse docente participava continuamente de todas as atividades e etapas previstas pelo projeto. Face a esses critérios duas escolas, dentre as 13 escolas da rede estadual participantes, foram selecionadas para este estudo.

Uma delas, denominada a partir deste momento de “Escola A”, está localizada no interior do município, em um distrito de características rurais. Essa escola atende a setenta alunos no Ensino Fundamental; nela atuam dez professores e uma funcionária. Em relação à organização do ensino, em 2014, a escola respeitava a proposta da Secretaria de Estado da

Educação – SEDUC para as escolas do campo, a qual previa Ciclos de Formação, isto é, os grupos de estudantes estavam organizados tendo por referência a sua idade.

Os alunos são oriundos da própria comunidade onde está instalada a escola e de comunidades próximas a ela. Alguns deles são provenientes de bairros periféricos da cidade, vizinhos do distrito. Entre os professores e funcionários, há alguns que residem no distrito e outros que vêm de bairros da cidade.

A outra escola selecionada para compor o universo de investigação, doravante “Escola B”, localiza-se em um bairro de Passo Fundo, situado na zona urbana, entre bairros residenciais de famílias abastadas e bairros periféricos, dos quais provém quase a totalidade dos alunos matriculados. A Escola B atende a cerca de oitocentos e cinquenta alunos, funcionando nos três turnos: os Anos Finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio e Sala de Recursos para o atendimento educacional especializado, no turno da manhã; os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, à tarde; e Ensino Fundamental na modalidade de Educação de Jovens e Adultos e o Ensino Médio, no turno da noite. Oferece programas e projetos educacionais para evitar evasão e repetência como o Programa Mais Educação. A Escola B dispõe, ainda, de um quadro de recursos humanos composto por: professores, funcionários administrativos, funcionários do quadro geral, monitores, coordenadores pedagógicos, supervisor escolar, orientadores educacionais.

Participaram do estudo cinquenta e um alunos, sendo vinte e nove deles oriundos de uma classe de Ensino Fundamental, Ciclo 2, da Escola A, e vinte e dois, provenientes de uma classe do 1º ano do Ensino Médio Politécnico, da Escola B. No primeiro grupo estavam crianças com idade entre nove e treze anos, dezessete meninos e doze meninas. No segundo, jovens com idade entre quatorze e dezenove anos, dez deles do sexo masculino e doze do sexo feminino. A indicação das classes foi feita pela escola que não comentou sobre os critérios utilizados para essa seleção.

Além dos alunos, participaram do estudo três professoras. Uma delas, denominada doravante Professora “W”, com quarenta e cinco anos de idade, atua no Ensino Fundamental da Escola A, no turno da manhã, com a área de Linguagens/Ciências Humanas<sup>15</sup>; possui formação em nível médio em Magistério pela Escola Estadual de Educação Básica Nicolau de Araújo Vergueiro e em nível de graduação - Licenciatura em Letras - pela Universidade de Passo Fundo/UPF; é professora efetiva da rede estadual há 20 vinte anos, com carga horária de quarenta horas semanais. Essa carga horária é preenchida, no turno da tarde, na mesma

---

<sup>15</sup> Essa área é formada pelos seguintes componentes: Língua Portuguesa, História, Geografia e Ensino Religioso.

escola, com a atuação no currículo multisseriado. A outra participante, denominada doravante Professora “X”, com vinte e sete anos, atua, no turno da manhã, no Ensino Médio da Escola B, com os componentes curriculares Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literatura; no turno da tarde, atua na Educação Infantil, junto à rede municipal de ensino, e, no turno da noite, na Educação de Jovens e Adultos, e em uma terceira escola com Língua Inglesa. É contratada 20 h para a rede estadual de ensino e efetiva 30 h na rede municipal. Também possui bolsa 20 h de coordenação do PIBID Interdisciplinar pela UPF. Possui formação em nível médio em Magistério e graduação em Letras, também pela UPF; atualmente está cursando Pedagogia na Universidade Norte do Paraná/UNOPAR. A terceira integrante, nominada professora “Y”, possui vinte e oito anos de idade, é graduada em Letras pela UPF, atua na rede estadual de ensino desde setembro de 2010, com carga horária de quarenta horas semanais, em duas escolas: no turno da manhã com os componentes curriculares Língua Portuguesa, Literatura e Sociologia no Ensino Médio da Escola B; no turno da tarde, com Seminário Integrado no Ensino Médio Politécnico; e, em outra escola, no turno da noite, com o Ensino Médio.

Para a produção dos dados, optou-se pelos seguintes instrumentos: diários de campo, entrevista e grupo focal. A observação permitiu o registro das percepções de quatro seminários e do desenvolvimento de oito práticas leitoras, quatro em cada escola participante. A entrevista foi endereçada às professoras anteriormente designadas. O grupo focal foi desenvolvido com os alunos participantes do estudo, divididos em quatro grupos distintos.

A observação, um dos métodos de produção de dados passível de ser utilizado em um estudo de caso, permite que o pesquisador tenha uma experiência direta com o fenômeno estudado. Além disso, propicia uma aproximação com a visão dos sujeitos pesquisados, possibilita a descoberta de fatos novos de uma questão, como também oportuniza a produção de dados que os sujeitos deixam implícitos em uma certa situação.

A observação foi utilizada de forma exploratória, mas quanto ao grau de participação da pesquisadora se define como observação participante a partir da definição de Denzin (1978) citada por André e Lüdke: “é uma estratégia de campo que combina simultaneamente a análise documental, a entrevista de respondentes e informantes, a participação e a observação direta e a introspecção”. (1986, p. 28).

A entrada em campo ocorreu no início do primeiro semestre de 2014. Inicialmente, foi realizado um contato inicial com as professoras observadas e, após o seu aceite, no mês de agosto, foi realizada a conversa com as direções das escolas selecionadas para pesquisa,

momento em que foram indicadas as turmas que participariam do estudo, sendo que as direções não explicitaram à pesquisadora os critérios da seleção.

Após o aceite das direções e professores, passou-se a observar as práticas leitoras e os seminários dos quais os alunos e professoras integrantes da pesquisa participaram. Foram aplicadas sete práticas leitoras e aconteceram sete seminários, sendo que desses há registros de quatro edições as quais foram observadas e constam do diário de campo. As observações que geraram doze diários de campo, sendo quatro de seminário e oito de prática leitora. Os apontamentos feitos nos diários de campo são uma descrição de fatos e falas significativas para o estudo, tanto de professores como de alunos.

Posteriormente ao término das edições do Projeto Livro do Mês de 2014, foram realizadas entrevistas semiestruturadas (Roteiro - Anexo 1) com as três professoras que atuam nas escolas selecionadas para o estudo. As entrevistas foram marcadas antecipadamente com as entrevistadas, que definiram horário e local para sua realização. Foram registradas com dois equipamentos eletrônicos diferentes, *smartphone* e *tablet*, como forma de garantir o registro da entrevista e a fidedignidade das falas, as entrevistas geraram quase três horas de gravação, que posteriormente foram transcritas e utilizadas na análise a ser exposta mais adiante. O roteiro da entrevista continha questões relativas aos seguintes indicadores: o texto literário, as práticas escolares de leitura, o Projeto Livro do Mês (leitura prévia, prática leitora, seminário), avaliação e sugestões ao Projeto.

Como forma de obter mais informações sobre o contexto de criação do Projeto Livro do Mês, uma vez que há poucos registros que expõem informações sobre ele, foi entrevistada a idealizadora das Jornadas Literárias de Passo Fundo, integrante da comissão interinstitucional que propôs o projeto de ações para consolidar a cidade de Passo Fundo como “Capital Nacional da Literatura” e coordenadora do Centro de Referência em Literatura e Mídias/Mundo da Leitura/UPF, que organiza e realiza as ações do Projeto Livro do Mês nas suas diferentes etapas. A entrevista semiestruturada foi realizada em outubro de 2015, em sua residência, e orientou-se por um roteiro previamente organizado (Anexo 2) a fim de obter informações acerca das Jornadas Literárias enquanto movimentação cultural permanente, do Projeto Livro do Mês e dos investimentos futuros no projeto. A entrevista produziu mais de uma hora de gravação, a qual foi transcrita e utilizada no estudo como documento.

A entrevista tem caráter interativo, pois a relação criada remete a um ambiente de interação entre quem pergunta e quem responde. Optou-se pela entrevista como forma de



complementar a técnica da observação, por ser um instrumento que aprofunda as questões de interesse do presente estudo. Outra vantagem da entrevista é “que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada.” (ANDRÉ; LÜDKE, 1986, p. 34). As entrevistas realizadas são de tipo semiestruturada, pois partiu de um roteiro básico de perguntas que permitiu à pesquisadora fazer as adaptações necessárias no momento da entrevista.

Outro fator importante da entrevista é que o entrevistador, além do “respeito pela cultura e pelos valores do entrevistado, [...] tem que desenvolver uma grande capacidade de ouvir atentamente e de estimular o fluxo natural de informações por parte do entrevistado.” (ANDRÉ; LÜDKE, 1986, p. 35). Esse respeito às entrevistadas foi observado pela pesquisadora gerando um clima de confiança e de espontaneidade. Isso também foi possível em virtude da familiaridade entre ambas pelo tempo de aproximação criado pelo desenvolvimento do projeto e do estudo nas escolas.

No que se refere aos alunos participantes do estudo, optou-se em desenvolver o trabalho com grupos focais, para que as crianças e jovens pudessem interagir entre si deixando transparecer suas impressões, experiências, comportamentos acerca do tema posto em discussão pela pesquisadora. Sobre essa opção Gatti (2012, p. 9) diz que o “grupo focal permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que, com outros meios, poderiam ser difíceis de se manifestar”.

Os grupos focais foram agendados com as professoras que escolheram data e horário e teve o assentimento dos pais e dos alunos (Anexo 3). No dia marcado, os alunos de cada escola foram divididos, de modo aleatório e respeitado o critério de proporcionalidade entre meninos e meninas, em dois grupos. A pesquisadora atuou como moderadora do grupo, acompanhada de uma pessoa que a auxiliou na gravação em vídeo e em áudio das sessões. Previamente, foi organizado um roteiro (Anexo 4) para orientar as intervenções da moderadora a fim de evitar o distanciamento do foco das discussões dos objetivos da pesquisa.

Para dar início ao trabalho de cada grupo focal, foi-lhes proposto um quebra-cabeça, cujas peças continham capas de livro, foto de autores, foto de ilustradores, games, poemas, filmes, ilustrações, fotografias, gêneros literários, espetáculo de circo, grupo de música, histórias em quadrinhos, todos remetendo a elementos utilizados nas práticas leitoras. A proposta previa que os participantes do grupo pudessem agrupar os itens que foram utilizados em cada uma das práticas leitoras.

Nesse contexto, iniciou-se a conversa sobre os livros explorados a cada edição do projeto durante 2014. No decurso desse trabalho, foram feitas indagações acerca da obra lida, das práticas de leitura na sala de aula, do Projeto Livro do Mês e de suas etapas, dos efeitos da participação de cada um no projeto. A conversa nos grupos focais produziu cerca de quatro horas de gravação, as quais foram integralmente transcritas.

Para realizar a análise dos dados produzidos por meio das observações, entrevistas, grupos focais, documentos e roteiros das práticas leitoras, optou-se pela triangulação para entrelaçar o que os sujeitos pesquisados, tendo como interlocutora a pesquisadora, procuraram dar de sentido à experiência vivenciada no Projeto Livro do Mês. Nesse processo de análise, foram definidas categorias descritivas que ajudaram a reunir os dados de forma a relacioná-los e a produzir mais significados sobre o fenômeno estudado.

## 5 O PROJETO LIVRO DO MÊS E A FORMAÇÃO DE LEITORES

O Projeto Livro do Mês, tema da pesquisa em exposição, visa consolidar as ações desencadeadas pelas Jornadas Literárias em prol da formação de leitores, em especial no município de Passo Fundo/RS, aproximando crianças, jovens e adultos do texto literário contemporâneo, com a pretensão de que, ao se envolverem com a ficção, esta os levará a se fascinarem com um tipo de leitura, a leitura literária. Por meio das diferentes etapas do Projeto – leitura prévia, prática leitora multimídia, seminário – esses leitores em formação têm contato com diferentes linguagens em distintos suportes e poderão constituir um público que aprecia o texto literário e as diferentes manifestações da cultura.

Com vistas a analisar a presença do Projeto em escolas participantes e da leitura literária na experiência de leitura decorrente dessa participação, este capítulo apresentará de forma minuciosa os dados produzidos no estudo, tendo por base os diários de campo, as entrevistas dos professores, os grupos focais referentes à percepção dos alunos das escolas A e B quanto à participação no Projeto Livro do Mês. Essa apresentação será mediada pela reflexão possibilitada pelos referenciais teóricos que sustentam este trabalho. Para tanto, fez-se um empenho para estabelecer relação entre os dados empíricos e a teoria, inicialmente, recorrendo à leitura rigorosa dos materiais produzidos e reunidos em campo. Dessa leitura e do processo de triangulação entre diferentes fontes de informações, foi possível reconhecer eventos particulares a cada escola e nível de ensino e também eventos convergentes entre os diferentes grupos estudados. Com base nisso, foram elaboradas três categorias descritivas - Projeto Livro do Mês na escola, o leitor diante/com o Projeto Livro do Mês e práticas de leitura na escola – com vistas a produzir uma síntese entre o material de campo e as categorias analíticas derivadas do referencial teórico, a saber: leitura literária, prática leitora e formação do leitor.

A exposição que segue versará sobre cada uma dessas categorias descritivas e terá por propósito deslindar as percepções discentes e docentes acerca do Projeto Livro do Mês e as formas que a leitura literária assumiu no cotidiano desses sujeitos com a participação no Projeto. Enfim, a organização da análise nessas três partes possibilitou uma descrição abundante e densa do objeto estudado: as ideias, as vivências e as práticas de leitura experimentadas pelos sujeitos no e a partir do Projeto Livro do Mês.

## 5.1 O Projeto Livro do Mês na escola

Essa categoria foi subdividida em cinco momentos, três deles referentes às etapas de execução do Projeto Livro do Mês: leitura prévia, práticas leitoras multimídiais e seminário com o autor. O quarto momento é a avaliação do Projeto como um todo, e o próximo diz respeito a uma etapa produzida por iniciativa das escolas, denotando, também, um tipo de envolvimento com o Projeto não previsto em sua metodologia.

Nessa primeira categoria descritiva é possível identificar vários elementos importantes para a formação do leitor e como se objetiva o Projeto Livro do Mês na esfera da formação de um leitor multimídiais, ou seja, um leitor literário, de diferentes linguagens e manifestações da cultura.

Na fala de alunos e professores, percebe-se que não há separação das etapas do projeto; elas são como um quebra-cabeça, em que cada parte é essencial para a construção do todo. Sinalizam que essa metodologia – leitura prévia, prática leitora multimídiais, seminário com o autor – é essencial para o êxito do Projeto, mas sugerem que poderia acontecer uma etapa posterior ao seminário, dando-lhe continuidade.

### 5.1.1 1ª etapa – Leitura prévia

A primeira etapa do Projeto é a leitura prévia da obra selecionada para determinado mês. A atividade é desenvolvida pela escola sem interferência da comissão organizadora, mas é estimulada e é um dos elementos metodológicos do Projeto Livro do Mês. Portanto, os professores que preparam os alunos para participarem do Projeto como um todo têm autonomia na escolha da estratégia para realizar essa etapa.

Esse momento ocorre em sala de aula e em um dos períodos de determinado componente curricular sob a coordenação do professor. Em entrevista, a professora W, ao ser perguntada sobre a relevância do projeto, olhando para cada etapa, responde que o processo de leitura prévia da obra selecionada é relevante porque ao ler o aluno começa a comentar e surgem questões acerca da obra, diante das quais ela sugere: *então já vão guardando essas questões para o dia do seminário, eu acho muito importante, eles já têm um conhecimento*

*prévio, às vezes não muito da vida do autor, da parte da biografia, mas do livro.*<sup>16</sup>  
(ENT/PROF W).<sup>17</sup>

A leitura prévia é desenvolvida na escola A, em que atua a professora W, fato que aparece na conversa dos dois grupos focais constituídos pelos respectivos alunos. Ao comentarem como era realizada a leitura na escola, com que periodicidade ocorria a leitura, com que estratégia, de que forma, o aluno<sup>18</sup> revela que *a professora W senta lá na mesa dela e ela diz agora a gente vai ler e todo mundo tem que sentar e ficar quieto e ela vai começando e começa a ler o livro.* (GF/EF 1/ALUNO E).

Essa etapa é realizada pelas duas escolas A e B como mostra os registros do diário de campo realizados nos dias de aplicação da prática leitora em cada escola. A pesquisadora aponta acerca da escola A que *todos os alunos do segundo ciclo haviam lido em conjunto com a professora referência* (DC01), e, em relação à escola B, *os alunos demonstraram terem lido senão todo, mas grande parte do livro na sua maioria* (DC02).

As duas escolas deixam claro que trabalham a leitura prévia e que ela é importante para a participação dos alunos na totalidade do projeto. Destaca-se, porém, que a escola A realiza a leitura da obra na sua totalidade, enquanto na escola B, na maioria dos meses ela é realizada parcialmente, de forma fragmentada. Pelo relato de alunos e professores, a leitura prévia é uma leitura de contato, de aproximação com a obra, não há aprofundamento do texto. Porém, os sujeitos pesquisados entendem que a leitura prévia é importante para a participação nas demais etapas do projeto, e que a não realização da leitura antecipada leva a uma dependência maior do trabalho realizado na prática leitora multimídia e a perdas no aproveitamento do seminário com o autor por não se compreender sobre o que se está falando.

É preciso retomar o que Marcuschi (2008) fala sobre texto. Uma de suas características é a coerência de sentido, o que faz com que o significado de uma frase esteja diretamente relacionado e conectada às outras que constituem o todo, e, por isso, a necessidade de se realizar a leitura, como fez a escola A, na sua totalidade, possibilitando o diálogo entre autor e leitor, favorecendo a construção de significação pelo segundo. Se, na realidade, a leitura de forma fragmentada é realizada com a intenção de mobilizar o leitor em

<sup>16</sup> As falas das professoras e dos alunos foram preservadas, sendo-lhes suprimidos apenas alguns vícios de linguagem próprios da oralidade.

<sup>17</sup> Esses são códigos (Anexo 3) criados pela pesquisadora para identificar os registros dos documentos coletados e utilizados no trabalho de campo. Tipos de documentos: DC – Diário de Campo; ENT – Entrevista; GF – Grupo Focal; PL – Prática Leitora. A fala dos participantes do estudo, os registros da pesquisadora e as etapas das práticas leitoras estão destacados em itálico.

<sup>18</sup> Foi padronizada a palavra “aluno” para fazer referência à fala de alunos, independentemente de gênero.

formação para a continuidade da obra, ou seja, “o mesmo que as primeiras linhas de qualquer narrativa: seduzir o leitor para que enfrente o esforço” (COLOMER, 2007, p. 110), o trabalho docente é desenvolvido na lógica de auxiliar o leitor em formação frente às dificuldades evidentes da leitura. Essa é uma peça do quebra-cabeça capaz de melhorar o ensino atual da leitura literária na escola. No entanto, outras peças são necessárias, tais como: proporcionar tempo escolar para a leitura autônoma; constituir espaços e práticas nas estratégias para a leitura escolar; incluir melhoras no processo de aprendizagem escolar da leitura.

Para o estudo é determinante conhecer como, com que estratégia foi realizada a leitura prévia, para além do que já foi dito anteriormente. Os alunos em diálogo no grupo focal detalharam a maneira como foi trabalhada cada obra ao longo do projeto, como também as professoras, durante as entrevistas, relatam as estratégias utilizadas para a realização da leitura das obras selecionadas em sala de aula.

No mês de março, a obra selecionada foi *Poeplano*, de Dilan Camargo, Editora Projeto – livro com quarenta poemas, com uma linguagem e temática do mundo jovem. Na escola A, o aluno A relatou que a professora *disse cada um vai ler em sua casa, escolhia a poesia e ia lá na frente e lia para os outros também escutar uma poesia* (GF/EF 1/ALUNO A). Já na escola B, *cada um, nós, principalmente, nos reuníamos em roda, ficávamos em círculo na sala, e cada um lia um trecho, por exemplo, “Poeplano” cada um lia uma poesia.* (GF/EM 1/ALUNO F).

As estratégias citadas pelos alunos são expostas nas entrevistas com as professoras. A professora W diz que *a escola adquiriu só (...) dois livros. O que eu fazia com o de poesia? Eu fiz algumas cópias, distribuí para eles, eles fizeram a leitura silenciosa, nós trabalhamos só em círculo, não mais um atrás do outro, fazíamos o círculo, dava tempo, cada um fazia e como eles gostam bastante de poesia, eles já diziam – aí prô, acho que eu já dei uma decoradinha, posso ir lá na frente? – então, eu seguido levo a caixa de som com microfone, porque eles gostam muito.* (ENT/PROF W) Já a professora X relata que *o livro de poesia nós pegamos fragmentos de algumas poesias, não conseguimos trabalhar com todas [...], mas em literatura que eu tinha os primeiros anos, com a outra professora, a gente conseguiu trabalhar poesias isoladas, a gente não trabalhou num todo.* (ENT/PROF X). A professora Y reafirma o que a colega e alunos anteciparam: *o primeiro livro, por exemplo, o “Poeplano” que era um livro de poemas, nós fizemos um trabalho coletivo em sala de aula a partir de várias poesias. A gente não trabalhou ele como um todo [...].* (ENT/PROF Y)

Além disso, o diálogo entre os alunos do ensino médio mostra que foi realizada a leitura de poemas e afixados nas paredes da escola, possibilitando que outras pessoas – alunos, professores, funcionários, pais – que circularam pela escola também tivessem acesso a eles.

*MEDIADORA: mês de março, foi o “Poeplano”. Como é que vocês leram esse livro?*

*ALUNO H: a gente pegou os poemas*

*ALUNO A: foi pra escolher dois poemas*

*ALUNO G: ela pediu pra nós escolher poemas que achamos mais interessante do livro e expomos na parede.*

*MEDIADORA: as poesias. Todo mundo concorda que foi assim?*

*TODOS: responderam afirmativamente com a cabeça. (GF/EM 2/ALUNOS H, A e G)*

No mês de abril foi a vez de *Perdida* – um amor que ultrapassa as barreiras do tempo, de Carina Rissi, Editora Verus, narrativa do gênero *chick lit*, expressão que designa a ficção feminina, um conto de fadas contemporâneo, com uma linguagem e temática jovem. Na conversa dos alunos do ensino fundamental, ao falar sobre a leitura prévia, não apareceram detalhes sobre o livro, mas segundo a professora W, “*Perdida*” *cada um levou e leu. Não foi feito esse trabalho de leitura coletiva, não sei se pode ser chamada assim, como foi mais a nível de terceiro ciclo e oitava série, cada um levou e eu sempre encima – oh, rapidinho, que tem os colegas para ler. Uma menina gostou muito e ela pediu para o pai e comprou; até o dela ela emprestou. (ENT/PROF W). No ensino médio foi realizada a leitura do livro na sua totalidade em sala de aula, mas a professora X destaca: eu tive que deixar um pouquinho o meu conteúdo de lado para fazer a leitura em sala de aula porque não conseguimos emprestar os livros para os alunos levarem para casa. Tínhamos dez livros para todo o ensino médio (ENT/PROF X). E assim foi feita leitura coletiva, leitura em voz alta. Houve uma sexta-feira que alguns levaram para ler da página 20 até a 30 e depois na segunda-feira compartilhamos. Eram feitas dinâmicas assim para conseguirmos dar conta. (ENT/PROF X). A professora Y explicou que com os livros de narrativa longa, o caso dessa obra, ela utilizava a seguinte dinâmica: eu fazia a primeira leitura do capítulo, falava um pouquinho do livro, fazia um questionamento, a partir do título o que eles achavam, de que a narrativa trataria e a partir disso geralmente trabalhávamos em círculo na sala e nós fazíamos a leitura coletiva. E cada um ia lendo um capítulo, cada um ia lendo uma parte. Uma coisa importante que eu*

*sempre pedia é que eles fizessem anotações no caderno deles sobre a narrativa pra que eles não esquecessem quais eram as principais questões desenvolvidas na narrativa para que depois pudéssemos desenvolver, por exemplo, uma produção textual ou outro trabalho de análise a partir da história.* (ENT/PROF Y).

*Simbá, o marujo* foi a obra selecionada para o mês de maio, com texto de Stela Barbieri e ilustração de Fernando Vilela (Editora Cosac Naify). Trata-se de um livro de contos das aventuras do herói da mitologia oriental, com destaque para a ilustração. Em relação a esse livro, os alunos da escola A afirmaram que a leitura prévia foi realizada em casa e também contaram que *no “Simbad” tinha que desenhar os desenhos... ler e desenhar... depois tinha que pintar e entregar pra ela [...]* (GF/EF 2/ALUNO B). A professora W relata que *o “Simbad” como se diz, ele é contos, eles iam lendo rapidinho. Tinha uns que levavam hoje e quando era amanhã já – prô li – porque são contos, é mais acessível. E como eles também gostam bastante de aventura, eles gostaram muito do “Simbad”, principalmente a parte da fotografia, como a gente diz, do desenho. Não sei, no cinema a gente fala em fotografia, é ilustração, eles gostaram muito, tanto é que fizeram vários desenhos, foi feito também aquele livro que foi entregue à autora [...]* (ENT/PROF W). A confecção de um livro com desenhos das crianças foi estratégia utilizada pela professora W, a partir da leitura prévia da obra, a qual, como já descrito anteriormente, destaca-se, também, por sua ilustração. Esse livro, no dia do seminário, foi entregue como presente para a autora, Stela Barbieri.

No ensino médio, a leitura foi realizada em sala de aula conforme relata o aluno D: *“Simbad” nós lemos separados, nós trabalhamos em grupos [...]; a prô deu um capítulo para cada um, e deu um livro para cada grupo, depois nós tínhamos que desenvolver para que esse livro fosse um só[...]. Fazíamos a ilustração do que tinha chamado mais nossa atenção em cada capítulo [...]* (GF/EM 1/ALUNO D). Outro aluno se manifesta dizendo que a turma foi dividida em grupos: *cada grupo tinha que ler uma parte do livro, o grupo lia em casa, tirava xerox das páginas, e apresentava, tinha que ler e falar, tivemos que fazer o desenho, cartaz e tudo ficou no mural.* (GF/EM 2/ALUNO D). As professoras referências dessas turmas relataram: *nós lemos porque era de contos, deu pra ler, lemos em sala de aula, fizemos até as releituras com imagens. Eles ficaram, alguns gostaram, acho que o que eles mais gostaram do livro foram das imagens, das ilustrações, do que da própria história. Como eles tiveram que recriar as ilustrações acabaram se detendo mais nessa questão, mas nós conseguimos fazer todo esse trabalho de leitura em sala de aula* (ENT/PROF X). A professora Y revela que o trabalho foi realizado em sala de aula, mas não foram lidos todos os contos e *mesmo*



*quem não tinha lido os outros contos, no momento em que eles tiveram que apresentar, ficava sabendo da história, do que tinha acontecido com o Simbad, o personagem principal.* (ENT/PROF Y).

Em agosto, a escritora convidada foi Suzana Montoro, com o livro *Nem eu nem outro* (Edições SM), uma narrativa recheada de mistérios e mitologia grega, e, assim como as anteriores, com uma linguagem e temática direcionadas ao público jovem. Essa obra, segundo os alunos do ensino fundamental, foi lida pela professora e eles faziam o resumo do que haviam escutado a cada dia (GF/EF 1/ALUNO F). Já entre os alunos do outro grupo o relato foi o seguinte:

*ALUNO H: [...] era a professora, ela pegava e fazia a leitura na nossa sala de aula*

*ALUNO B: e após tinha que escrever*

*ALUNO H: uma história assim e também ela lia pra nós os pedaços cada dia e ficava aqueles mistérios [...]*

*MEDIADORA: qual é o livro de que você está falando? Quais são os mistérios?*

*ALUNO H: “Nem eu, nem outro”*

*ALUNO B: a gente tinha que escrever a história no caderno*

*ALUNO F: ela dizia para nós fazermos um resumo do livro com as nossas palavras*

*ALUNO H: os desenhos dos livros, ela contava uma história e ela pedia pra nós fazermos o desenho do que ela leu naquele dia.* (GF/EF 2/ALUNOS B, F e H).

*[...] O que eu fazia, eu ia lendo capítulos, no outro dia - prô hoje tu vais ler outro capítulo? - principalmente “Nem eu, nem outro”. Nossa, esse até eu chegava a dizer vamos ler - o prô não dá pra ti ler mais um pouco hoje? Então, para você ver como instigou a vontade deles de ler. E uma coisa que eu notei também, e que eu não fazia muito até para deixar que eles lessem, como eles gostam que a professora leia para eles* (ENT/PROF W), diz a professora W acerca da leitura prévia do livro do mês de agosto.

Sobre a leitura prévia do livro *Nem eu, nem outro*, os alunos do ensino médio não destacaram detalhes da atividade, porém, a professora X declara que *esse também conseguimos ler, foi um livro acessível, esse nós conseguimos mais exemplares. Em questão de dois dias os alunos conseguiam ler e eles leram mais em casa do que propriamente na escola* (ENT/PROF X). Porém, a professora Y diz que o *“Nem eu, nem outro”*, *esse eu consegui desenvolver todo o trabalho em sala de aula, foi bem tranquilo* (ENT/PROF Y).

Raphael Montes foi o escritor convidado no mês de setembro, com a obra *Dias Perfeitos*, publicada pela Companhia das Letras. Trata-se de um romance policial contemporâneo, escrito por um ficcionista jovem. Os alunos da escola A tiveram contato com o livro conforme a professora W expôs: *o “Dias perfeitos”, como eu falei, eu comecei a ler com o segundo ciclo, mas a linguagem nós achamos um pouco... até comentei com as gurias, a coordenadora e a diretora, que também acharam pesada, a nossa realidade é diferente da escola da cidade, então, eu acabei parando, mas eles me cobraram muito.* (ENT/PROF W).

O diário de campo mostra que os alunos dessa turma não participaram da prática leitora nesse mês. *As atividades foram realizadas para o Ciclo 3 e a 8ª série, pois a professora “W”, responsável pelo Ciclo 2, o qual é parte da pesquisa, entendeu que o texto do romance policial era inadequado para a idade dos alunos do Ciclo 2* (DC04), assim como não se fizeram presentes no seminário com o escritor (DC06).

No mês de setembro, a escola B teve um incidente na parte elétrica e os alunos tiveram aulas parciais, o que levou à não leitura da obra como evidencia o registro do diário de campo: *a escola estava fechada há uma semana, pois sofreu um curto circuito sendo interditada pelos órgãos competentes. A prática foi realizada em uma sala de eucaristia, na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, próxima à escola. Os alunos por este motivo não realizaram a leitura prévia da obra e não tiveram acesso a informações sobre o escritor.* (DC05). Ao final da prática leitora foram distribuídos livros para que os alunos pudessem fazer a leitura em casa (DC05).

O penúltimo livro do ano de 2014 foi *Diário de Pilar em Machu Picchu*, de Flávia Lins e Silva, Editora Pequena Zahar. Nessa obra, escrita sob o formato do gênero textual diário, destaca-se a ilustração, que é composta pela sobreposição dos personagens em fotografias reais de Machu Picchu. Novamente a linguagem e a temática conversam com o mundo jovem. Na escola A, o aluno F menciona que todos puderam ler *porque nós retiramos na pracinha pública* (Quiosque de Leitura Roberto Pirovano Zanatta) *e também tinha o livro da escola* (GF/EF 1/ALUNO F) e outros alunos relataram que, além da leitura, fizeram desenhos. (GF/EF 2/ALUNOS B, F e H). No ensino médio, um aluno comentou que a dinâmica da leitura prévia foi semelhante à utilizada no livro *Nem eu, nem outro*, ou seja, leitura em grupo, desenhos, apresentações. *E o “Diário de Pilar” nós fizemos um diário.* (GF/EM 1/ALUNO A). Outro aluno foi determinado ao afirmar a forma como realizaram a leitura prévia: *nós fizemos um círculo e cada um lia uma página, em grupo. Todos os Livros do Mês foram assim, leitura em grupo.* (GF/EM 2/ALUNO J).

Sob a perspectiva das professoras, a leitura prévia do livro se deu de diferentes maneiras. A professora W disse que o *“Diário de Pilar”* foi o mesmo esquema, comecei a leitura, lia um pouco com eles em sala de aula, mas a maioria levou para ler em casa, inclusive eles chegavam no outro dia e eles sempre tinham um comentário ou alguma pergunta sobre o livro. [...] Outra coisa que foi feita em relação à produção textual, eles liam em casa e faziam uma releitura, eles recontavam com as palavras deles ou eles anotavam passagens importantes que chamaram mais a atenção deles. (ENT/PROF W). A professora X relatou: gostei também de trabalhar com o *“Diário de Pilar”* porque era uma história, se você for ver, pensar, para trabalhar num segundo ano eu achei que eles não gostariam. Como eles ainda são pré-adolescentes, alguns são crianças, teve um encantamento por parte de alguns alunos. [...] A estrutura do livro, de diário, acho que até então eles não tinham visto livros nesse formato. (ENT/PROF X). E a professora Y afirmou que o livro foi lido em sala de aula.

Por fim, no mês de novembro, a obra selecionada foi *Feérica*, de Carolina Munhóz, editado por Fantasy Casa da Palavra, mais um livro da linha *Chick Lit*, igualmente relacionado à literatura fantástica e, portanto, com linguagem e temática jovem. Em um dos diálogos do ensino fundamental, dois alunos se posicionaram dizendo que a leitura do *Feérica* foi realizada em casa, mas apenas pelas meninas e que os meninos depois retiraram na biblioteca para ler (GF/EF 1/ALUNOS A e F). No grupo do ensino médio, a falta de livros foi um dos motivos para a não efetivação da etapa da leitura prévia do Projeto, conforme revela o diálogo a seguir.

*ALUNO G: esse eu não li nada. A professora deu para quem quisesse levar para casa e ler.*

*ALUNO J: esse não tinha livro, não chegou.*

*MEDIADORA: esse não foi em grupo?*

*ALUNO J: esse cada, acho que três pessoas só quiseram levar para casa para ler.*

*ALUNO D: não tinha muitos livros. (GF/EM 2/ALUNOS G, J e D).*

A professora W, do ensino fundamental, do mesmo modo que os alunos A e F, relata a forma como foi trabalhada a leitura da obra *Feérica*: *como posso lhe dizer, foi o mesmo esquema. Iniciei a leitura em sala de aula, mas, acabou que estava perto do final do ano letivo e nós acumulamos mais atividades, mais tarefas, então comecei a leitura com o pessoal do segundo ciclo e depois acabou que elas se interessaram, de verdade, apesar de ser mais complicadinho, delas chegarem e dizerem – prô eu não estou entendendo - porque o livro ele volta para o passado, ele vem para o presente, então eles sentiram mais dificuldades, mas*

*mesmo assim, gostaram da leitura[...].* (ENT/PROF W). A professora X revelou que não conseguiu realizar a leitura por ser final de ano e os alunos estarem envolvidos com provas (ENT/PROF X), e a professora Y afirmou que a leitura foi realizada em casa como mostra o diálogo dos alunos acima.

Em resumo, as estratégias utilizadas pelas escolas para a realização da leitura prévia são: leitura silenciosa, leitura em voz alta em pequenos grupos, leitura realizada em voz alta pela professora. Outras atividades foram realizadas antecipadamente pelas escolas sobre a obra do mês, como por exemplo, recitação de poesia, desenho, resumo, produção textual, exposição oral, exposição material.

### 5.1.2 2ª etapa – Prática leitora multimídia

Outra etapa do Projeto Livro do Mês é a prática leitora multimídia, elaborada e desenvolvida nas escolas pela pesquisadora. Trata-se da segunda estratégia mediante a qual o Projeto adentra a escola e leva aos alunos e professores interações entre o texto impresso, o texto literário, e diferentes linguagens em diversos suportes, buscando envolver o leitor com textos de natureza diversa e com leitura de imagem, entre outras formas. Através disso, tem-se em vista promover a construção de conhecimentos textuais, mas, também, visuais, cênicos, plásticos, estimulando o leitor a apreender do texto aquilo que não, necessariamente, está explícito nele.

Sobre a prática leitora multimídia desenvolvida pelo projeto, alunos e professores afirmam ser ela fundamental e ser a conexão entre a leitura prévia e o seminário, premissa essa prevista pelo projeto em que a prática leitora tem como, uma de suas funções, a preparação aos seminários. Também observaram os sujeitos pesquisados que a prática leitora multimídia auxilia na construção de perguntas para o autor, bem como contribui na reflexão da obra do autor convidado a cada mês pelo projeto.

A primeira manifestação foi quanto à expectativa, à espera dos alunos por esse momento tanto para poder mostrar o que foi construído até então com a obra literária, quanto para buscar um aprofundamento, um melhor entendimento do que foi lido, fato que tem correspondência no ensino fundamental e médio, como declaram os alunos E C: *Nós estamos ansiosos pra irmos fazer as coisas... nós pensamos a Gutta vai vir aqui e não preparamos nada até agora pra levar para o autor como que ela vai aprovar se ainda não fizemos*

(GF/EF 1/ALUNO E) e *também nós ficamos naquela expectativa do que vamos ler... têm muitos livros que você lê só por ler, você mal entende, então fica naquela expectativa vou ler mas se eu não entender a professora vai ajudar a entender melhor* (GF/EM 2/ALUNO C).

Ao manifestarem que a prática leitora aprofunda a leitura, revela as questões que o texto traz implicitamente e que, portanto, esperam o dia da prática para compreender melhor a obra, reafirma-se o que sugere Kleiman (2013), essa perspectiva desafia os professores a criarem novas práticas de leitura que oportunizem a interação entre o aluno e os materiais de leitura para que o leitor em formação passe a compreendê-lo. Ou seja, ao ser ajudado a desvendar o não escrito, o leitor percebe que para a mesma obra há vários significados e que o sentido dado por ele ao texto pode ser ressignificado a partir de outros olhares sobre a mesma obra.

Em relação à expectativa dos alunos, a professora W destaca a importância do papel da mediação da leitura realizada no contexto do Projeto e a valorização do trabalho realizado pelos alunos. As apresentações citadas por ela são atividades preparadas a partir da leitura da obra do mês representadas pelos alunos ao autor no dia do seminário, por meio de diferentes manifestações artístico-culturais. *A importância é a expectativa deles, esse tempo que eles têm para ler, um cobrando do outro – oh, fulano apura que eu também quero ler – e pelo fato de não ser um trabalho só dentro da escola, eles mostrarem o trabalho deles para outras escolas, para outros colegas, tanto é que as apresentações, foram coisas bem simples, mas você não tem ideia do valor que tem para eles. Eu acho que ele (o projeto) faz isso justamente porque eles têm que sair do ambiente deles, eles têm que ler, que trabalhar, existe a questão da mediação da leitura, há uma pessoa que vem de fora que não é do convívio diário, como as professoras que estão sempre aqui, uma pessoa que vem de fora e que traz uma bagagem diferente, que valoriza o trabalho deles, e pelo fato de eles saírem daqui e irem mostrar o trabalho deles fora daqui. Eu penso que isso para eles é muito importante. Nós sentimos. Eu que trabalho com eles, tanto é que a cada livro durante a leitura prévia - prô você já está pensando alguma coisa? O que nós vamos apresentar para a autora?* (ENT/PROF W).

A fala da professora W sobre a mediação remete ao que afirma Silva (2016) ao destacar a importância e o significado de uma mediação de qualidade e favorável a formação de leitores, como também um mediador, o qual deve ser um profissional que seja leitor e em suas ações e atitudes transmita entusiasmo e paixão pelos diversos materiais de leitura, facilitando o processo de formação da criança e do jovem leitor.

É destaque para alunos e professores as estratégias e a linguagem utilizadas no desenvolvimento da prática leitora. O aluno D, do ensino médio, diz:  *você (a pesquisadora) não falou da boca pra fora. Você (a pesquisadora) sabia os assuntos que estavam sendo tratados no livro, foi a forma de você (a pesquisadora) explicar, de uma forma que nós entendemos e pudemos aprender melhor como se fosse a professora de português falando, só que ela ia falar de uma outra forma, uma forma que talvez nós não entendêssemos, porque ela tem uma linguagem mais complexa.* (GF/EM 2/ALUNO). A questão de a linguagem ser próxima e de fácil entendimento para jovens já apareceu nas falas quando das discussões e manifestações acerca da leitura prévia. Outro jovem, quando na conversa sobre a prática leitora, expõe:  *os slides, o livro do mês dessa forma porque na sala de aula é mais verbal, folha, folha. Tem que diversificar um pouco* (GF/EM 2/ALUNO D). Suas observações encontram ressonância e reflexão por parte da professora quando declara que:  *se pudéssemos não trazer diretamente o texto ou trazer primeiro um vídeo para introduzir o texto que eles conseguissem assimilar de uma outra forma.* (ENT/PROF X).

No diálogo entre os participantes dos grupos focais, as diferentes linguagens trazidas pela prática leitora são ressaltadas.

*ALUNO E: os vídeos que você passa são bem legais, eu adorei o vídeo do circo, dos dois circos. Bem legal aquele circo*

*MEDIADORA: do “Cirque du soleil”*

*MEDIADORA: o que vocês gostam ou não gostam?*

*ALUNO B: eu gostei do vídeo do joguinho*

*MEDIADORA: do “God of War”, é o que chama atenção de vocês? Vocês conseguem perceber quantas coisas nós podemos relacionar com o livro?*

*ALUNO A; E; F: uhun*

*ALUNO F: muita coisa*

*MEDIADORA: isso chama atenção de vocês ou não?*

*TODOS: sim*

*MEDIADORA: a tecnologia por exemplo as diferentes linguagens ou não?*

*ALUNO A; E: uhun*

*TODOS: sim*

*MEDIADORA: a forma como a professora trabalha com vocês a prática leitora é a mesma maneira que a professora trabalha a leitura na sala de aula?*

*ALUNO A; E; F: não*

*MEDIADORA: o que chama atenção e o que vocês acham interessante?*

*ALUNO A: há muitas coisas que a senhora passa que tipo assim elas fazem nós nos interessarmos mais pela leitura como aqueles vídeos que são sobre o livro depois a senhora mostra mais livros relacionados aquele mesmo. (GF/EF 1/ALUNOS A, B, E F).*

No outro grupo do ensino fundamental, aparece o seguinte diálogo acerca da prática leitora e das diferentes linguagens.

*MEDIADORA: eu venho aqui faço a prática leitora pra vocês com vários elementos, eu não fico lendo o livro, ler o livro eu já leio antes como vocês, eu trago outras leituras pra vocês, outras linguagens, lembram? Música, cinema, apresentação do circo, história em quadrinho, faço contação de história o que vocês acham da prática leitora?*

*ALUNO G: mostra os vídeos da banda “Linkin Park” e do samba ((riso))*

*MEDIADORA: é, o que que vocês acham disso?*

*ALUNO E: legal porque nós nos interessamos mais pelos livros*

*ALUNO H: conhecemos um pouco mais do... porque a gente lê a gente imagina a gente já vê como é que é imagina as coisas vê os vídeos. (GF/EF 2/ALUNOS G, E e H).*

Ainda sobre a presença das diferentes linguagens na prática leitora o aluno E acrescenta *é, e dá mais gosto dessa forma me deu mais vontade, interesse, é bem legal novas histórias, não é só ler quando você vem aqui fica mais interessante e legal porque vemos mais vídeos. (GF/EF 2/ALUNO E).* Um exemplo do que os alunos falaram anteriormente nos diálogos é o que aparece no roteiro da prática leitora do mês de novembro: *Apresentação da banda “Linkin Park” disponível no Youtube, banda que abre o espetáculo do reality show da fada na obra; Projetar as duas apresentações do “Cirque du Soleil” mencionadas na obra, espetáculos “O” e “The Beatles LOVE”, disponível no Youtube; Exibir o clip da música “Fairy Tale”, da banda de rock brasileira Shaman, lembrando que esta foi a música da audição da personagem Violet na obra. (PL/NOVEMBRO).*

Essas falas dos diálogos, e em especial a do aluno E, é notada pela professora que faz uma reflexão sobre o comportamento dos alunos, como também da sua prática de leitura com os discentes, sobre isso ela diz: *tem uma coisa que eu achei bacana que você traz sempre, algum filme, algum vídeo, isso eles gostaram muito. E é uma coisa que eu sou franca, eu nunca fiz, então eu pensei no próximo ano, vivendo e aprendendo[...]. (ENT/PROF.W).*

A atenção dos alunos na prática leitora é mobilizada pelas estratégias, pela linguagem e pela sua organização, que difere das práticas de leitura da escola. A prática leitora multimídia é organizada em slides, desenvolvida em uma linguagem próxima do jovem e traz

elementos que, como Kleiman (2013) afirma, o aluno ao ler não percebeu e, por meio das diferentes linguagens, ilumina a construção da compreensão da leitura. Este é o papel da mediação da leitura que novamente merece destaque na fala da professora W, da escola A, ao afirmar que o Projeto Livro do Mês, por intermédio da prática leitora, desenvolve essa mediação. Nessa perspectiva, o trabalho realizado pela prática leitora multimídia promove o compartilhamento de diferentes leituras, significações, reconstrução de sentido e conexões que os livros e as diferentes linguagens estabelecem entre si.

Outro aspecto favorável à formação do leitor aparece de forma relevante, principalmente, na conversa dos alunos do ensino médio: a importância da prática leitora como aprofundamento da leitura prévia da obra. Seguem exposições.

*MEDIADORA: eu quero saber sobre a prática leitora. O que vocês acham da prática leitora que eu venho fazer na escola?*

*ALUNO D: muito legal, ela dá uma base maravilhosa, porque normalmente não conseguimos ler o livro inteiro na escola, levamos para casa depois, mas a prática leitora faz nós entendermos a história, nós conseguimos entender [...]*

*ALUNO B: eu acho que a prática leitora ela foca nos pontos cegos, entendeu?*

*ALUNO G: realmente consegue ter uma noção melhor do livro. Nós não conseguimos, você traz o livro, traz uma noção do que trata o livro e você traz outras referências que foram usadas no livro, tipo, no “Feérica” você trouxe o “Linkin Park”, trouxe bandas, trouxe músicas que entra, tudo...*

*ALUNO A: é, nós lemos no livro o trechinho que tem da música, não prestamos atenção, nem vamos muito atrás. Tu tocas mesmo e assim nós vamos, senão não. E como tu trouxeste, ela cantou e eu fiquei pensando, eu não imagino ela cantando aquela música, eu imagino ela cantando uma coisa mais doce, mais meiga. (GF/EM 1/ALUNOS A, B, D e G).*

Na manifestação das três professoras é revelada a importância das relações com outros textos e o que essas relações acrescentam à leitura dos alunos, os quais estão na era da mobilidade. Mas essa não é uma prática usual no processo de leitura literária. E o que dizem as professoras? Primeiramente, a professora W, do ensino fundamental, considera a prática leitora *muito boa e muito rica. Porque, acho que acabei falando um pouquinho no início, a questão de você trazer todo, pode-se dizer, uma bagagem ou um histórico, cada livro sempre tinha uma coisa diferente - um vídeo, a entrevista com o autor, como do “Nem eu, nem outro” você trouxe a questão dos mitos - aquelas sugestões de leitura que você trouxe durante as práticas, eles nos cobram - pô tem na biblioteca da escola? Aonde dá para nós*



*pegarmos? – então é muito rica na questão de ser trabalhado não só o livro, aquele livro, aquela história, mas que dela se puxa, como a questão da mitologia, no caso do “Feérica” das fadas. Uma coisa que eu notei é a questão do vídeo, aquilo que eles estão enxergando, o visual, isso eu achei muito importante. Achei um trabalho, comentei com as colegas, muito rico. Muito rico mesmo e é uma coisa que só acrescentou.* (ENT/PROF W). A professora X enfatiza o uso na prática de elementos que estão subentendidos no texto, que por consequência estimulam o aluno a proceder sua leitura, e por isso ela entende que a prática leitora é boa *porque vocês mostravam elementos que talvez o aluno na hora de ler não identificava. Até nós professoras não conseguimos fazer essa associação, porque quando eu estou lendo eu faço uma associação, quando outra pessoa está lendo faz outra associação, quando os alunos leem eles fazem outra associação; então, quando vocês traziam todos aqueles elementos e mostravam que tinham outros caminhos, outras coisas dentro, realmente outros elementos dentro do livro, eu acho que veio para completar e para instigar o aluno a realmente querer ler outros livros.* (ENT/PROF X). Ao afirmar que a prática leitora faz a conexão entre a leitura prévia e o seminário com o autor, a professora Y expressa a importância dessa etapa do e para o Projeto. Questionando e respondendo, ela diz: *E por que então que ela é importante? Porque se trabalha o gênero, se traz outros textos para dialogar com aquele texto, coisa que chama a atenção deles. Então esse é um dos principais, uma das coisas que eu acho mais importante na prática leitora é esse diálogo com outros textos, a partir do que eles podem vislumbrar outras possibilidades de leituras e sabe-se que eles muitas vezes não conseguem fazer relações com outros textos, apesar de estarem sempre conectados eles não fazem essas relações.* (ENT/PROF Y).

Outro diálogo entre os jovens do ensino médio ressalta a importância do trabalho da prática leitora, porque consideram que a leitura prévia da obra realizada por eles é insuficiente para a identificação dos detalhes que auxiliam na compreensão do texto.

*MEDIADORA: o que mais chamou atenção na prática leitora e que é diferente da prática de leitura de vocês na escola?*

*ALUNO A: porque na prática leitora você traz curiosidades sobre o livro, você traz um pouquinho sobre a autora, traz a música que tem no livro, traz tudo isso e mais, e na nossa leitura já não, nós lemos o livro, conversamos um pouquinho, e não vamos tão fundo assim.*

*ALUNO D: você nem presta atenção, não presta atenção. No “Feérica” ela usa bastante títulos de séries e nós não [...].*

*ALUNO A: não, até porque não temos muito tempo, tem dois períodos por semana, quatro períodos, e tem aula também que a professora não pode deixar, provas e tudo mais.*

*ALUNO G: mas sempre tem. Não é sempre que a gente vai trabalhar o livro, quando tem o Livro do Mês trabalhamos. (GF/EM 1/ALUNOS A, D e G).*

A professora X revela a mesma preocupação exposta pelos alunos. A leitura é feita parcialmente pelo excesso de atividades e conteúdos que devem ser cumpridos no decorrer do ano letivo, com demanda maior nos últimos meses do ano. Especificamente do livro *Feérica*, o qual foi citado pelos alunos na conversa descrita anteriormente, ela diz: *este eu também acabei não conseguindo trabalhar totalmente por essa questão que os alunos estavam fazendo prova e era final de ano, até no dia, (...)eu tinha viagem da outra escola, acabou dando atropelos, tinha outros compromissos, mas em sala de aula eu trouxe o livro, alguns falaram que já estavam cansados e não gostaram muito da história, quando eles leram atrás, começaram a ler, eles não se envolveram tanto, talvez pelo fato de eu não ter insistido um pouquinho em sala de aula, os segundos anos não se envolveram. Até pelo fato deles estarem envolvidos com o Pibid, com a gincana do Pibid, então acabou ficando um pouquinho de lado. (ENT/PROF X).*

A evidência que os alunos relataram acerca das curiosidades trazidas pela prática foi apontamento em diário de campo quando do desenvolvimento da prática leitora multimídia, na escola, segue na descrição: *Assim como na escola A a leitura da obra foi realizada por poucas meninas, os jovens me justificaram que eles acharam que era obra para mulheres. O desenvolvimento da prática foi muito parecido com o do ensino fundamental. Identificaram o gênero literário, porque essa turma gostou muito da obra “Perdida”, do mês de abril. Como optei por trabalhar com a visualização dos fatos citados pela escritora no livro, o qual não possui ilustração, percebi o interesse, principalmente dos meninos porque pela primeira vez nas práticas leitoras utilizei música, o que resultou na atenção silenciosa deles, uma banda contemporânea e a outra de rock pesado. Outro momento de demonstração de atenção e curiosidade foi a apresentação do “Cirque du Soleil” [...]. (DC11).*

Ao final do desenvolvimento da prática leitora, é habitual a indicação de obras que se relacionam ao gênero e à temática do livro específico daquele mês; além de indicações contemporâneas, também são recomendados os clássicos da literatura brasileira e universal. O diário de campo registra algo sobre isso: *Quando realizei as indicações de leitura uma aluna estava lendo um dos livros. Ao final da prática as crianças foram manusear os livros indicados. (DC07). É importante ressaltar, que nos dois primeiros meses não foram levados os*

livros indicados, apenas mostrados na apresentação. Notou-se que o interesse dos alunos aumentou quando foi oportunizado o contato direto com as indicações. Assim como no ensino fundamental, o ensino médio também manuseava as obras indicadas, como mostra o registro feito no diário de campo: *Ao final um grupo manuseou os livros indicados na prática, com destaque para a coleção do Harry Potter.* (DC11).

As indicações de leitura também foram enfatizadas pelos alunos, como mostra as manifestações a seguir: *agora eu me interessei e quero ler todos os livros que você indicou e é muito legal, eu gostei da história e tem a ver com a história, então eu posso ler outros livros que eu vou gostar; porque cada dia que você vem trazer mais livros fica mais emocionante para nós* (GF/EF 1/ALUNO F) e *conhecemos um monte de obra do mesmo gênero.* (GF/EF 2/ALUNO G). Nesse contexto, a professora W faz três afirmações a respeito das indicações: *Eu notei como eles gostam de escutar histórias, que alguém conte histórias para eles, tanto é que um dia que você vinha para fazer o trabalho de mediação da leitura, nossa, eles amam porque você sempre traz outros textos, outros livros, mas com a história semelhante com aquele gênero, uma coisa puxa a outra e então pode ver a maioria lhe escuta, pergunta, questiona, claro que sempre tem as exceções, mas eu acho que enriqueceu por demais o trabalho de leitura na escola. As indicações que você faz na prática leitora, a curiosidade deles fica muito grande, até porque sempre no final da prática você dá aquele espaço deles irem dar uma manuseada, dar uma olhada. E isso eu acho essencial, noto que chama muito a atenção deles, e aguça a curiosidade para lerem aquelas obras sugeridas porque uma tá ligada na outra. A questão dos gêneros quando você trabalha, não que eu não trabalhe, mas fico mais focada no conteúdo e assim eu comecei a trabalhar mais a questão dos gêneros com eles.* (ENT/PROF W).

Outra situação interessante sobre as indicações de leitura é o reconhecimento pelos alunos de que a obra não é apropriada para a faixa etária deles; mesmo assim, guardaram o nome da obra, a história contada durante a prática e o interesse pela sua leitura.

*MEDIADORA: todas as vezes que eu venho aqui eu indico livros pra vocês, outros livros, alguém de vocês foi buscar esses livros ou quer ir buscar, ficou interessado, o que vocês fizeram com o que eu indiquei? [...]*

*ALUNO G: eu gostei bastante do Anne Frank, mas acho que não é bem pra nossa idade, a professora comentou que quando nós estivermos no terceiro ciclo, formos maiores dá para ela procurar.*

*ALUNO H: é um diário tipo assim de uma pessoa que aconteceu mesmo, foi encontrado (deu medo)*

*ALUNO F: eu também quero ler, mas quando eu estiver no terceiro ciclo. (GF/EF 2/ALUNOS F, G e H).*

O caso se repetiu em outras obras, como por exemplo, com o livro do mês de setembro como conta a professora W: *O “Dias perfeitos”, excelente, mas como eu lhe coloquei eu não pude trabalhar com todos, ainda mais com essa turma (Ciclo 2), que é mais participativa na leitura. Eles acabaram não lendo, mas eles – ano que vem já dá para nos lermos né prô? – porque a escola adquiriu, acabamos ganhando mais um. (ENT/PROF W).* Sobre o mesmo livro, *Dias Perfeitos*, outros alunos observaram a inadequação, mas o desejo de aproximação, como por exemplo, o aluno E - *eu gostei também dos outros, mas não eram pra minha idade que era o romance policial. (GF/EF 1/ALUNO E).*

Segundo os alunos, a prática leitora desperta o interesse pela leitura, o que fica evidente quando falam das indicações de leitura realizadas nas práticas leitoras, não apenas no suporte impresso, mas, também, em outras linguagens e suportes. Essa revelação dos alunos reafirma as palavras de Rösing (2014), segundo as quais a prática leitora multimídia proporciona o convívio com diferentes linguagens em distintos suportes, formando o leitor multimídia, mas também um público apreciador das diversas manifestações artístico-culturais. Além do que, como explicita Aguiar (2011, p. 121), “o valor literário avulta quando o resultado final aponta para a capacidade polissêmica da obra, instigando o leitor a interpretar, preencher lacunas (os não ditos) e dar asas à fantasia.”

O valor literário está presente na fala de estudantes e professores quando se referem à prática leitora multimídia. Retomando a fala do aluno A, ao dizer que o interesse pela leitura se amplia no momento do desenvolvimento da prática leitora, já que ele descobre que têm fragmentos de filmes e outros vídeos que têm relação com a obra selecionada para o mês, mas também que existem outros livros que se relacionam com ela. Quanto a preencher lacunas, enxergam os não ditos: o aluno B afirma que a prática leitora destaca os pontos cegos da obra, algo que não está sob a atenção do aluno A, mas a este os elementos trazidos pela prática leitora fazem-no imaginar o enredo da obra, dando “asas às fantasias”.

A prática leitora multimídia, geralmente, é iniciada com a apresentação do autor, da obra e da editora. O autor é apresentado por meio de fotografia e uma pequena biografia. Como modelo, etapa proposta no roteiro da prática leitora do mês de maio - *Apresentar a autora Stela Barbieri e sua obra “Simbá, o marujo”, comentando sobre a ilustração e*

*destacando que o texto é recontado pela autora. (PL/MAIO). Essa prática foi salientada pelo aluno G, do ensino fundamental, com a consideração: eu acho que nós vamos ao Livro do Mês (seminário) conhecendo um pouco do autor. Chegamos lá e podemos fazer as perguntas. (GF/EM 2/ALUNO G). O aluno conecta a prática leitora com o seminário e enfatiza que o modesto conhecimento que se tem a respeito do autor auxilia na construção de perguntas para o seminário. Esse enunciado é descrito pela professora W com ênfase no protagonismo do aluno no momento das perguntas: Em primeiro lugar, aquela fala inicial do autor quando se apresenta que comenta da vida dele ou dela, que traz experiências e o porquê da escolha desse autor de escrever obras, mas principalmente àquela hora do bate papo que eles têm a oportunidade de perguntar. Torno de novo, estou sendo redundante, o que eles perguntam, eles questionam, é bem deles, não é uma coisa prévia, eu vou perguntar tal coisa lá na hora, não. Na hora sai, na hora vem, principalmente para quem leu. Quem leu sabe do que está tratando o livro e o que vai ser perguntado. Então esse momento, eu acho bem importante. Porque parece que eles chegam bem junto ao autor, eles têm a oportunidade de ficar “mais íntimos” naquele bate-papo. (ENT/PROF W).*

Cabe aqui reafirmar o que disse o jornalista e escritor Eric Nepomuceno (1993) sobre a experiência de participar das Jornadas Literárias: “Você vê rostos numa plateia imensa, e esses rostos perguntam coisas, tentam saber o que muitas vezes o próprio escritor desconhece. O leitor satisfaz parte de suas curiosidades. O autor volta para casa com esta experiência inusitada.” (p. 24-35) No Projeto Livro do Mês é assim, frente a frente autor e leitor e aqui é possível observar que as percepções tanto de leitores como do autor têm sinergia.

### 5.1.3 3ª etapa – Seminário com o autor e seus desdobramentos

O seminário é a terceira etapa do Projeto Livro do Mês. O seminário, ou seja, o encontro com o autor é realizado no teatro do SESC/Passo Fundo e possui momentos distintos: primeiramente há a fala do autor, após, o diálogo com o autor, o período para perguntas e, em seguida, sessão de autógrafos e fotos. Algumas vezes, por iniciativa das escolas, no princípio, há apresentações das escolas a respeito da obra – dança, declamação, leitura, teatro, entre outras manifestações artístico-culturais.

Acerca do encontro com o autor fica evidente pela percepção de alunos e professores que essa etapa além de despertar o gosto pela leitura, ela amplia a vontade de ler, pois nesse

momento de interação entre autor e leitor, o leitor conhece a trajetória de vida, priorizando sua caminhada como escritor, há o descobrimento da visão do autor, e nessa troca o leitor além de conhecer novas histórias ele passa a compreender a obra selecionada do autor convidado do mês.

No grupo focal os estudantes falaram sobre a importância dessa etapa do projeto como sendo o momento em que: se compreende a obra; se descobre a visão do autor; há troca entre leitor e escritor; se conhece outras histórias e a trajetória do autor como escritor e sua vida; e se aumenta a vontade de ler. O diálogo a seguir anuncia isso:

*MEDIADORA: já que a colega falou eu quero perguntar para vocês o que que tem de diferente no Livro do Mês, essa etapa de encontrar o escritor é importante? Não é? O que traz de diferente na leitura pra vocês?*

*ALUNO E: nossa eu acho que é bastante importante porque tipo, sei lá no livro se eu não entendi isso direito eu pergunto para o colega e ele também não entendeu eu chego lá no Livro do Mês e pergunto e então ela (o autor) lhe explica bem como é que é ... isso é legal*

*ALUNO F: tem o seu lado e o lado da autora, você vai entender o lado da autora também*

*MEDIADORA: a sua opinião continua*

*ALUNO G: é só pode ter as duas no caso você escolhe. Pelo menos você sabe que as perguntas, têm perguntas que você pode perguntar pra ela, pra ele, você pode falar, falar com o autor, então é muito bom poder conversar com o autor. (GF/EF 1/ALUNOS E, F e G).*

A exposição do aluno A enuncia a importância do seminário no processo de leitura: *eu gosto de ir ao projeto porque lá conseguimos entender bem o livro como pensamos e podemos saber como o autor pensa, quando ele escreveu um livro, como ele teve a vida dele, tudo o que eles contam para nós tipo assim, nós ficamos muito ansiosos para chegar aquele dia, para nós conseguirmos conhecer a vida do autor e conseguirmos também saber um pouco mais do livro. (GF/EF 1/ALUNO A).*

No outro grupo do ensino fundamental, algumas interlocuções expressam a recepção dos alunos ao seminário: *Eu achei muito interessante porque você vai, já leu o livro dele, conhece, eles explicam como é que foi, da onde eles tiraram a imaginação para fazer o livro, legal. (GF/EF 2/ALUNO H).* O aluno E achou legal *porque quando você conhece o escritor, tudo, você acha bem interessante, conhece mais histórias também, legal. (GF/EF 2/ALUNO E).* Instigados a avaliar o Projeto Livro do Mês, o aluno H volta a falar sobre o seminário em dois momentos distintos. O seminário *é também muito legal porque você pode fazer perguntas pra eles (GF/EF 2/ALUNO H) e eu também gosto porque ficamos sabendo mais da*

*vida dos autores desde quando eles eram pequenos, como que eles começaram a ser autores de livro. (GF/EF 2/ALUNO H).*

O diálogo de um dos grupos do ensino médio explicita o ponto de vista dos jovens sobre o seminário.

*MEDIADORA: e voltando aos livros do projeto. O que vocês acharam de fazer a leitura e encontrar o escritor?*

*ALUNO G: eu gostei*

*ALUNO A: é muito legal*

*ALUNO B: muito legal*

*MEDIADORA: por que é legal?*

*ALUNO D: porque lemos e criamos a nossa visão sobre o texto e acabamos sabendo o que ele estava pensando quando ele escreveu, visão dele sobre o texto, o que ele imaginou.*

*ALUNO G: e temos a oportunidade de questionar ele também, os seus pontos assim, tipo lá no “Dias Perfeitos”, que eu li, eu li inteiro, eu fui lá vi o cara e pude questionar, porque você escreveu assim*

*MEDIADORA: isso fez diferença na leitura de vocês? Muitos não liam antes, ou liam e guardavam o livro, tem diferença agora que vocês leem o livro, conversam com o autor?*

*ALUNO A: tem, dá mais vontade de ler*

*ALUNO G: e porque você tem a oportunidade de conhecer o cara também. Porque na minha infância, entre os sete e oito anos até hoje, eu ainda leio gibi e eu nunca conheci o Maurício de Sousa, mas eu continuo lendo. (GF/EM 1/ALUNOS A, B, D e G).*

No outro grupo do ensino médio, o aluno D foi quem fez referência ao seminário com mais detalhes. Ele pensa que o encontro com o autor é bom *porque você lê o livro e conhece quem escreveu. Eu achei bom. [...] Poder conhecer mais ele, o que ele quis expressar, saber realmente os objetivos que ele quis com esse livro. Porque às vezes você lê e sei lá. (GF/EM 2/ALUNO D).*

As professoras manifestaram-se referente ao seminário observando questões que identificaram a partir do posicionamento e dos impactos nos alunos. A professora W salienta o protagonismo do aluno na construção de perguntas para o autor, entre outros resultados produzidos pela participação no encontro com o autor. *Aquele dia que eles têm que sair, que eles têm que ir ao seminário, bater papo com o autor ou com a autora, que eles vão conhecer, que eles vão perguntar, porque eu nunca dei pergunta pronta para ninguém, todos que participaram dos nossos alunos, perguntaram na hora. Às vezes eu dizia, cansei de dizer*

*peçoal, vamos elaborar - não prô lá na hora a gente vê, conforme nós formos escutando e ouvindo no seminário – então, tudo o que saiu na hora de questionamentos da parte deles, foi bem deles. Pode ter sido uma pergunta não muito inteligente, não muito sofisticada, mas foi deles. (ENT/PROF W). E complementa dizendo que eles leem, têm a compreensão, têm entendimento, mas nada melhor que a pessoa que produziu lhes esclarecer muitas coisas, às vezes como eu disse, pode ser uma perguntinha boba, essa já foi feita, para eles não. Para a criança é muito importante. Porque ela leu, mas ficou com aquela lacuna, aquela curiosidade, até meio angustiada, mas será que é isso mesmo que eu compreendi, será que eu fiz a compreensão certa. Então eu acho muito importante e eles também e ficam na expectativa. (ENT/PROF W).*

A professora Y destaca como relevante na participação do seminário o fato de os alunos poderem formular perguntas que atendam a suas curiosidades acerca do autor e da obra, assim como a interação entre leitor e escritor, o que leva ao incentivo da leitura. Afirma que trabalhar apenas *com a biografia do autor é uma coisa, agora o aluno ter a possibilidade de ir lá, interagir com aquele autor, de fazer questionamentos, é outra coisa. E muitas vezes, inclusive aqueles que não tinham lido toda a história, quiseram dar continuidade na leitura após ir ao Livro do Mês e ter essa oportunidade de conversar com o autor. Porque muitas vezes ao longo da leitura que fazíamos em sala de aula ou no grande grupo eles pensavam uma coisa e quando eles iam até o Livro do Mês e questionavam o autor sobre aquilo que eles perguntavam, ele falava uma coisa totalmente diferente. O que os incentivou a continuar a leitura do livro para ver o que ia acontecer, por exemplo. (ENT/PROF Y).*

Essas percepções retomam a concepção bakhtiniana de que a leitura é um processo dialógico entre leitor e autor, bem como entre leitor e contexto histórico, social, cultural do texto, e nesse caso específico do autor, em que a compreensão construída pelo leitor é uma forma de diálogo, e esse possibilita a construção de sentidos e por consequência a construção de novos conhecimentos.

Esse episódio evoca o que a pesquisadora Regina Zilberman (1989) destaca sobre o horizonte de expectativas do leitor ao contemplar e compreender a obra: ele mobiliza distintos fatores, entre eles, social, intelectual, ideológico, linguístico, literário, e nesse momento fatores de ordem afetiva, pois ao conhecer o autor esse encontro promove a aceitação da obra, do autor e de outras leituras possíveis.

Também, ao afirmarem que o encontro com o escritor aumenta a vontade de ler, os alunos ratificam a abordagem de Petit (2008), segundo quem a criança, além de vivenciar



práticas de leitura em casa, vivências estas passadas pelas gerações, necessita perceber o interesse dos adultos pelo livro, seu real prazer e desejo pela leitura. O seminário proporcionado pelo Projeto com a presença do autor, pelos olhares dos participantes, proporciona as condições levantadas pela autora como relevantes na formação de leitores.

A professora Y aponta que esse contexto de interação com o autor leva a produzir o desejo pela leitura da obra em questão e conseqüentemente de outros livros, sendo mais um ponto ressaltado pelos alunos em relação à participação no seminário. O aluno F pondera: *se eu o entendi eu vou poder dizer isso, e você quer ler aquele para poder entender, por isso que dá mais interesse, porque sabe que aquele ali deu certo, você conseguiu ler e entender e falar com a autora ou com o autor, então você vai falar, fazer com os outros também, isso dá mais interesse.* (GF/EF 1/ALUNO F). O aluno A vai mais além não apenas no desejo pessoal, mas do outro colega que nada ou pouco leu, e explica: *porque digamos que os que leem começam a conversar, debater sobre como está sendo a leitura do livro, os que não leem, puxa um pouquinho, eles ficam curiosos para ler e acabam lendo. Eu acho que ajuda. Tanto a prática quanto a leitura na sala, a volta também.* (GF/EM 1/ALUNO A).

Assim como o aluno A, a professora X percebe esse desejo pela leitura ser semeado em cada etapa do projeto e não apenas resultado da participação no seminário. Relata que *no início eles ficaram meio assim, eu acho que eles não entendiam, os primeiros livros eles não queriam ler, tínhamos que ficar encima, fazíamos rodinha de leitura e tinha muita conversa. Era bem complicado, o primeiro e o segundo livro, só que depois quando eles iam no seminário eles começaram a perceber que se eles não lessem o livro eles não conseguiam participar. Como que eles fariam perguntas se eles não leram o livro? Como que eles conseguiriam entender o que a autora estava falando se eles não entenderam o livro? Até a questão de quando você vinha aqui na escola, que você trazia todos aqueles argumentos. Nesse momento alguns alunos, até de fala de alunos, eles começaram a perceber que eles tinham que realmente ler o livro. Foi a primeira situação, assim que eles realmente se atinaram, temos que ler o livro. E aos pouquinhos foi se tornando rotina para eles.* (ENT/PROF X).

Fica evidente, na visão de alunos e professores, que o Projeto Livro do Mês oportuniza a sensibilização pelo desejo à leitura, com também, efetivou a entrada do livro literário na sala de aula, proporcionando a formação do leitor/aluno, mas, também, a formação do leitor/professor.

Outro ponto acerca do seminário abordado pelas três professoras pesquisadas foi em relação ao trabalho realizado pelo Projeto Livro do Mês, com obras contemporâneas, autores jovens, o que conseqüentemente atinge as expectativas dos alunos e servem como estímulo à leitura. A professora Y diz que *esse é um dos diferenciais do Livro do Mês, porque muitas vezes quando propomos aos alunos um trabalho com gêneros literários de autores mais antigos, não que não seja bom o trabalho, mas eles acabam não tendo essa interação com o autor, do que trabalhar com autor jovem ou com autor contemporâneo. Então, trabalhar autores contemporâneos faz com que eles interajam mais. O “Dias perfeitos” foi um dos livros que eles mais interagiram com a história. Muitos inclusive não tinham lido a história, por conta do problema que teve na escola e depois muitos vieram pedir o livro para ler. Realmente leram porque me viam e pediam - sabe professora aquela parte que aconteceu não sei o quê, mas eu achei aquilo horrível - e eles se posicionaram colocando a opinião deles sobre o que eles acharam da narrativa, eu achei bem interessante, o que nos outros não aconteceu tanto.* (ENT/PROF Y). A professora X conclui que o trabalho realizado com o autor de uma forma dinâmica e com uma linguagem que atrai a atenção dos jovens, leva-os a buscarem outras leituras, assim como: *tem alguns alunos que estão com alguns livros na mochila. Eles não estão lendo especificamente para o Livro do Mês, estão começando a ler para eles mesmos. Então, o trabalho que é feito lá com o autor acho excelente, acho que todos têm essa questão do diálogo com os jovens, nem um trouxe uma fala difícil de entender. Percebe-se que realmente queriam conversar. Nas últimas se viu mais, na questão de perguntar.* (ENT/PROF X). Ela afirma: *o autor tem que ter essa aproximação com os leitores, ainda mais que não são leitores tão fáceis, são adolescentes, então, ele precisa cativar e é através das primeiras palavras quando ele pega o microfone, ele tá lá encima ele tem que cativar o aluno, o leitor ali. Tem que falar um pouquinho do livro, não contar toda a história que perde o encantamento, mas essa questão do escritor mostrar o que levou ele a escrever, como foram os caminhos que ele teve que percorrer [...], mas acho que todos os escritores que vieram conseguiram de uma certa forma, e tem que ser uma coisa bem dinâmica [...].* (ENT/PROF X).

Nesse sentido a professora W narra a participação das suas alunas no último seminário do Projeto Livro do Mês: *participaram e eu achei muito interessante a participação delas no Livro do Mês, achei que nem iam abrir a boca e perguntar porque eu estava sentindo elas angustiadas, as meninas, porque até eu fui bem feminista, levei o público feminino naquele dia, porque realmente foram as que se interessaram e leram, alguns meninos leram, mas*

*como nós estávamos aquele dia com a questão do curso de formação, ficaria complicado. Adquirimos sim, uma aluna nossa adquiriu lá, até para ganhar um autógrafa da autora, é importante para eles. E eles se identificaram muito com a autora, acho que porque ela é uma escritora bem jovem e eu acho que conseguiu atingir a linguagem dos jovens, não sei se é o termo, mas a meu ver seria a linguagem deles, tanto é que no final pediram até que ela cantasse e ela acabou cantando. E, assim, a participação das nossas alunas e dos nossos alunos, o que eu estava um pouquinho apreensiva porque achei que elas não tinham tido uma compreensão muito grande da história, mas pelo o que elas me mostraram no dia do seminário, bem aquilo que eu falei, não preparei questão nenhuma com elas, elas chegaram por conta e formularam as questões e perguntaram acho que foram bem-sucedidas e gostaram muito. Eu estava um pouquinho apreensiva com esse último, porque senti que cada dia elas vinham com uma angústia, parecia que não estavam deslançando a leitura, sabe? Mas foi bem produtivo e até porque amaram a autora. Acho que pela questão de ser uma moça, bem jovem, chega mais próximo a eles. (ENT/PROF W). A proximidade de linguagem com os jovens e o fato do pedido dos participantes do seminário seduzirem a autora a cantar está descrito no diário de campo: *A escritora iniciou sua fala contando sobre a história de como conseguiu conhecer os atores de Harry Potter, de sua participação como colunista de revista online e no Potterish, um dos maiores sites de Harry Potter do mundo. Sua turnê por mais de dez estados dos EUA na busca pelos seus ídolos chamou a atenção da grande mídia brasileira que deu destaque para o seu trabalho. A escritora cantou a pedido da plateia, e optou por uma música escrita pela Sophia Abrahão, artista da Rede Globo. (DC12)**

Nesse processo de formação de leitores, decorrente do Projeto Livro do Mês, destaca-se o trabalho com obras contemporâneas e a linguagem utilizada pelo autor atrai o leitor jovem, aproxima e cativa esse leitor.

O Projeto Livro do Mês, ao trabalhar com obras de autores contemporâneos e dessa forma atrair os jovens para a leitura, conforme afirmam as professoras pesquisadas, dialoga com a ideia de Chartier:

Se concordamos implicitamente sobre o que deve ser a leitura. Aqueles que são considerados não-leitores leem, mas leem coisa diferente daquilo que o cânone escolar define como uma leitura legítima. O problema não é tanto o de considerar não-leituras estas leituras selvagens que se ligam a objetos escritos de fraca legitimidade cultural, mas é o de tentar apoiar-se sobre essas práticas incontroladas e disseminadas para conduzir esses leitores, pela escola mas também sem dúvida por múltiplas outras vias, a encontrar outras leituras. É preciso utilizar aquilo que a

norma escolar rejeita como um suporte para dar acesso à leitura na sua plenitude, isto é, ao encontro de textos densos e mais capazes de transformar a visão do mundo, as maneiras de sentir e de pensar. (CHARTIER, 1998, p. 103-104)

Nessa perspectiva, o Projeto Livro do Mês adentra a escola com obras contemporâneas, muitas vezes, sem o aval da crítica tradicional, e normalmente de autoria de jovens escritores. Essa concepção é destacada por alunos e professores, em suas percepções, como algo que estimula a aproximação dos jovens/alunos com o texto literário, os quais apreciam essas vivências de leitura com linguagem pertencente ao universo contemporâneo.

#### 5.1.4 4ª etapa – Avaliação do Projeto Livro do Mês e sua continuidade na escola

Em certo momento da conversa nos grupos focais, tratou-se do que os estudantes entendem ser relevante no Projeto Livro do Mês, sobre suas consequências e sobre a necessidade de continuar o trabalho desenvolvido na escola.

*MEDIADORA: vocês acham que vale a pena continuar participando ou não?*

*ALUNO F: eu acho que tem que ficar participando porque desenvolve mais a criança e o adolescente*

*ALUNO H: e desenvolve o interesse para ler*

*ALUNO E: para escrever as histórias, os textos*

*MEDIADORA: ajuda*

*ALUNO F: bastante. (GF/EF 2/ALUNOS E, F e H).*

O desejo de continuar participando é revelado pelo diálogo de um dos grupos do ensino médio, como segue a conversa.

*MEDIADORA: e vocês têm o desejo de participar no ano que vem?*

*TODOS: sim*

*MEDIADORA: por quê?*

*ALUNO A: para aprender mais, sobre mais assuntos.*

*MEDIADORA: outros assuntos, porque certamente serão outros livros.*

*ALUNO G: para conhecer outros livros, escritores. Adquirir mais e mais cultura. (GF/EM 2/TODOS ALUNOS).*

Na fala que antecede a conversa anterior, o aluno D explicita por que é essencial o projeto para os alunos: *eu acho que é porque quanto mais você lê, cada autor tem uma linguagem que você vai aprendendo palavras novas e como todo mundo diz quanto mais você lê vai aumentando o seu vocabulário, o seu jeito de falar, vai usando palavras novas, e também você tem um conhecimento de algumas coisas que não conhecia tanto do Brasil quanto do mundo. E acho que também é importante conhecer direto o autor.* (GF/EM 2/ALUNO D).

Da professora W veio o seguinte relato, cujo objeto é um pedido feito pelos alunos: *agora que vêm as férias, inclusive para você ver a importância do projeto que eles querem, estão me pedindo, eu disse que ia conversar com a coordenação e com a direção, de fazer tipo uma sacolinha para eles levarem agora nas férias, pisme, três, quatro e até cinco livros para lerem em casa. Eu disse, não tem problema, só que com aquele comprometimento, vamos anotar em um caderno. E então você vê, é tudo coisa que o Livro do Mês veio a crescer, eles amaram.* (ENT/PROF W). Ela conclui: *o projeto conseguiu chamar mais leitores, cativar para a vontade de ler, a curiosidade de conhecer novas obras, novos autores. [...] Com certeza, porque só veio a enriquecer. Inclusive porque eles estão perguntando, agora eles me pediram para organizar a sacolinha para levar nas férias, e já estão me cobrando - prô e o ano que vem vai ter? - e eu digo, se Deus quiser vai ter e vamos conseguir participar, é que nós temos a questão de negociar o transporte e a aquisição dos livros [...]* (ENT/PROF W).

Um fato ocorrido na escola B é narrado pela professora X, a qual aponta que o projeto mexeu com as normas da escola: *tanto é que dias antes, dois dias antes eles já querem - prô e os bilhetes para nós entregarmos para os pais? - é que eles têm que ter autorização, usamos muito "facebook" na escola, temos grupos fechados. Então, falamos - vê pessoal não esqueçam que tal dia tem Livro do Mês - então eles começam a lançar os recadinhos para não esquecerem. [...] Esse fato de podermos sair de dentro da escola tranquilos, porque a escola não deixava antes sairmos com os alunos, por várias situações que já tinham acontecido, então, teve idas que saímos com todo o ensino médio e não tivemos problemas, foram cinco turmas com duas professoras. Essa foi uma das coisas, um dos pontos positivos, os alunos e nós marcávamos, tanto é que nas últimas idas nem precisa vir até a escola nós nos encontrava lá, essa questão da autonomia, deles terem responsabilidade, eles muito bem podiam ficar em casa, eles podiam ficar dormindo, que os alunos adoram ficar em casa dormindo, mas não, eles iam até lá. Chegava no final "ó prô nós estamos indo embora,*

*podemos ir de ônibus? Meu pai tá me esperando”. Todas essas questões, eles se tornaram responsáveis nessas situações que às vezes achamos banais, os alunos vão sair passear, não, mas tem muita coisa envolvida. E nunca pegamos um aluno que foi até lá e foi para outro lugar. Ou estava lá não gostou levantou e saiu. Coisa que antes em alguma situação já tínhamos passado. Acho que isso foi ótimo, eles aprenderam, e aprenderam dessa forma porque se realmente estavam lá é porque estavam gostando da atividade. (ENT/PROF X). A professora X, ao avaliar o Projeto, fez uma revelação sobre o seu desejo de leitura como professora leitora: *desejo porque se eu for lhe falar que iniciei no ano em janeiro querendo ler, em fevereiro já não queria mais ler, e quando a colega veio e disse vamos nos engajar no projeto eu disse sim, vamos. Deu um “up”. Assim eu acabei lendo os livros, temos que ler antes, acabei buscando outros livros, eu acho que isso dá para o professor aquela alfinetada – ó, você também é um leitor, se você não for um leitor como é que você vai atingir o seu objetivo. (ENT/PROF X).**

A avaliação da professora Y acerca do projeto traz a ideia do trabalho coletivo que é necessário para a efetivação de uma proposta inovadora de leitura no ambiente escolar: *O projeto é muito relevante porque na verdade nos deu a oportunidade de fazer um trabalho coletivo é isso é outra característica importante. O Projeto Livro do Mês ele não é um trabalho individual, por isso que quando você me perguntou antes se a escola daria conta de desenvolver um trabalho sozinha, a escola trabalhar sozinha com o projeto não daria certo, porque ele é um trabalho coletivo, é um trabalho das professoras da área, em conjunto contigo também, em conjunto com a Universidade enfim, que nos dá subsídios para trabalhar e para eles terem essas novas possibilidades de leitura, o que sozinhas muitas vezes nós não conseguiríamos desenvolver esse trabalho tão satisfatoriamente como foi desenvolvido ao longo desse ano. (ENT/PROF Y).*

Em momentos distintos das entrevistas consta da fala das professoras a importância do envolvimento do professor no trabalho com a leitura e que o comprometimento do docente se reflete no engajamento dos alunos. Inclusive, as falas expressam que há o protagonismo do professor no desenvolvimento do Projeto Livro do Mês na escola, que sua promoção e continuidade dependem do desejo do professor em trabalhar com a leitura literária na sala de aula. A professora W diz que os alunos *se envolveram muito, não sei, se foi porque eu falei anteriormente que foi o livro que eu mais li em sala de aula com eles, todo dia eu ia lendo, e às vezes eu parava e vamos deixar para amanhã – Ai prô – daí eu gerava aquela expectativa – oh amanhã vamos continuar a leitura. Então não sei se foi por isso. O “Simbad” também,*

*eles gostaram, mas eu sinto que foi o “Nem eu, nem outro” que eles mais comentaram e que eu gostei também para trabalhar com eles em sala de aula. (ENT/PROF W).*

Na mesma lógica, a professora X conta que o desejo e o gosto dela por certa obra ampliou o trabalho e o interesse dos alunos pelas atividades e pela leitura do livro. Falando sobre as atividades de leitura prévias e as atividades posteriores ao seminário, ela conta: *os outros eu consegui, mas desse jeitinho, eles queriam encenar em sala de aula, eles queriam dar outro final para o livro, e no momento que ficamos sabendo que teria o segundo livro, eles queriam saber como que ia ser a continuidade, foi o livro que eu consegui realmente trabalhar e ir além, fomos além, alguns elementos de dentro do livro, a questão de vestimenta, eles queriam saber, eu até trouxe um vestido que tinha em casa, eu gostei mais e acho até que eles de uma certa forma quando o professor realmente abraça a causa e mostra que está gostando, acho que os alunos acabam sendo influenciados por essa dinâmica. Mas foi o “Perdida”, gostei de outros, mas esse que ficou mais assim, se tu me perguntar qual é o Livro do Mês, eu na hora voto no “Perdida”. (ENT/PROF X).*

Além disso, a professora Y destaca que o comprometimento do professor no trabalho com a leitura é essencial para que o Projeto Livro do Mês se instaure e se consolide na escola. Ela sustenta essa afirmação: *porque o trabalho com a leitura é um trabalho de formiguinha, esse ano plantamos a semente só que não adianta plantar a semente e não desenvolver, não dar continuidade ao trabalho. Porque, inclusive os alunos já estão esperando – no ano que vem professora vamos continuar trabalhando com o Livro do Mês – eles esperam, eles estão vislumbrando, cobrando o projeto presente na escola, e isso é uma coisa que tem que ser dita, o projeto ele só aconteceu porque nós nos engajamos em fazer ele acontecer, tem que partir do professor essa iniciativa de querer trabalhar com a leitura e de desenvolver, porque muitas vezes somos cobradas inclusive do que os outros anos não trabalharam no fundamental, mas para isso o professor precisa realmente abraçar a causa e se engajar no trabalho e no projeto porque você desenvolver um projeto por desenvolver se você não se engajar nele não adianta, então no ano que vem quero sim dar continuidade, dar sequência, e continuar trabalhando em prol do desenvolvimento da leitura na escola. (ENT/PROF Y).*

No contexto do trabalho docente, a dinâmica do Projeto Livro do Mês provocou reflexão e, em casos específicos, mudança na prática de leitura em sala de aula. Essa é a perspectiva presente na exposição das professoras. A professora X assim se manifesta: *esse ano eu estou me policiando bem mais para trabalhar com os textos, eu acho que até a questão do Livro do Mês acabou nos norteando, porque antes eu selecionava um texto, hoje*

*eu vou trabalhar e hoje eu procuro, não, vou lá direto no livro e vou tirar daquele livro, aquele fragmento, mas eu confesso, tudo foi devido ao Livro do Mês que eu me aproximei mais dos livros.* (ENT/PROF X). Essa mudança começa aparecer na aproximação dos alunos com os textos. Em menos de um ano de participação do Projeto Livro do Mês, *os alunos já estão se familiarizando com essa questão de texto em sala de aula. E isso foi devido ao Livro do Mês, porque trouxemos o livro em si mesmo.* (ENT/PROF X).

Nesse contexto, é revelado que o protagonismo do professor foi fundamental porque o projeto adentrou a escola pelo seu desejo pessoal e se manteve vivo no desenvolvimento das diferentes etapas pelo trabalho realizado pelo professor. Aparece, ainda, como protagonista o aluno que formula perguntas no seminário, retoma o diálogo do seminário na escola, busca novas leituras e visualiza a importância da leitura para o seu desenvolvimento pessoal e social, ações essas realizadas sem a interferência de professores, o que dá indícios de um sujeito autônomo, crítico e capaz de fazer escolhas. Essa percepção foi revelada na fala de alunos e professores em diferentes momentos.

Outra manifestação da autonomia do aluno é quanto à leitura prévia que, inicialmente, sofria com a resistência dos alunos, e na medida em que eles próprios constataram que sem ela a sua participação no Projeto estaria dificultada, e passam a desenvolver, ao mesmo tempo em que além da leitura para o Projeto, revelam que estão carregando consigo livros literários escolhidos para leitura por lazer. Outro momento diz respeito às primeiras edições de participação no Projeto em que os alunos ao se identificarem com sua escola se contrangiam ao serem anunciados no seminário. Ao entenderem que a participação no Projeto os leva a conhecer obras e autores, expandindo o universo cultural, em um caso passam a vibrar ao serem chamados no seminário e no outro resulta na proposição de criar sacolas de leitura para o período de férias escolar.

A proposta do Projeto Livro do Mês em trabalhar com diferentes gêneros literários é apontada pela professora Y como uma forma de estimular os alunos e qualificar o processo de leitura desencadeado na sala de aula. Sobre a questão de melhorar a leitura a professora afirma que a própria leitura é o meio para aperfeiçoar a compreensão e a interpretação, mas que para isso acontecer ela afirma que *é preciso ensinar o aluno a como compreender, a como interpretar, inclusive trabalhando com diferentes gêneros literários, fazendo esse rodízio a gente faz com que o aluno não se canse. Um mês trabalha a poesia, outro mês trabalha contos, fábulas enfim, isso faz com que se consiga dar uma sequência melhor no trabalho.* (ENT/PROF Y). Sobre a questão de trabalhar com os diferentes gêneros literários, a



professora W também destacou na sua fala que foi instigada pelo projeto a realizar esse trabalho com seus alunos. *Eu vou ser bem franca para você, trabalhar o gênero, o autor, a biografia, sou bem franca, algumas vezes, até depois que você começou a vir aqui fazer o trabalho do Livro do Mês, você sempre traz todo aquele material sobre a vida do autor, que ele não é só escritor, muitos são jornalistas, alguns bacharéis em Direito, etc., de várias áreas, então, eu comecei aos pouquinhos e quero aprimorar mais para o ano que vem essa questão de trabalhar o gênero também. Tem uma coisa que eu achei bacana que você está sempre com algum filme, algum vídeo, e isso eles gostaram muito. E é uma coisa que eu sou franca, eu nunca fiz, então eu pensei, no próximo ano a gente vai vivendo e aprendendo, procurar até quando eu trouxer um gênero textual, antes fazer esse trabalho que você faz, de trabalhar este gênero até para eles terem maior compreensão do tipo de texto.* (ENT/PROF W).

Não é possível perceber com clareza a mudança na prática de leitura dos docentes com seus discentes na sala de aula, porém foi significativo o fato das professoras em distintos momentos revelarem que a participação no Projeto fez com que refletissem sobre a sua prática de trabalho com a leitura, essa afirmativa é razoável quando observam elementos que foram trazidos pela prática leitora multimídia, e que não estavam presentes nos seus planejamentos.

Mesmo que o Projeto Livro do Mês não preveja na sua formulação ações ao retorno à escola após o seminário, há alguns comentários sobre a etapa posterior ao encontro com o autor. Os alunos demonstram expectativa para o próximo seminário, como indica o diálogo a seguir.

*MEDIADORA: depois que vocês voltam do seminário o que vocês fazem com a leitura? A professora continua falando sobre o livro? Como é o retorno à escola?*

*ALUNO F: depois que voltamos [...]*

*ALUNO E: [...] comentamos sobre a autora, nossa foi muito legal [...]*

*ALUNO F: [...] sobre o que ela falou as respostas [...]*

*ALUNO E: todo mundo concorda*

*ALUNO F: e fica se preparando para o próximo*

*ALUNO E: e nós perguntamos - professora qual vai ser o próximo? - a professora "W" tem dias que ela não sabe qual que é o próximo, tem outros que ela sabe.* (GF/EF 1/ALUNOS E e F)

As professoras, também relatam fatos que acontecem após o seminário, atitudes dos alunos frente à leitura e na própria autoestima deles que são reflexos da participação no

projeto, bem como outras práticas de leitura na sala de aula: *Eu me encontrei, gostei muito e eu sinto assim que eles também, a maioria, pelo que comentávamos em aula depois, agora no final, até depois que terminou o projeto andamos conversando notei que a maioria, pelo menos quem trocou uma ideia comigo, foi o “Nem eu, nem outro”.* (ENT/PROF W). *Depois do seminário, no outro dia na escola foi bastante procurado que até uns foram procurar o canal. (Série Detetives do Prédio Azul, canal Gloob, a qual é roteirizada por Flávia Lins e Silva, autora convidada do mês de outubro). Porque como a autora passou lá, e eles também se identificaram muito com os personagens desse seriado, então eles se identificaram muito naquela de dar uma de detetive, de investigar o que está acontecendo. Aventura. Isso eles gostaram muito. Foi o que eles comentaram bastante no outro dia. [...] Sempre comentamos assim, o que acharam; qual era a expectativa, imaginavam que o autor era assim; qual é a ideia que tinham da pessoa, que era diferente, até às vezes na questão de se vestir, da maneira de agir, de interagir lá com eles, tudo isso comentamos no dia seguinte. O pessoal sempre comenta,* (ENT/PROF W) relata a professora W.

A professora X na sua fala deixa transparecer que os comentários partem dos alunos e que eles tiveram mudanças no comportamento no decorrer de cada seminário do projeto: *quando voltamos do Livro do Mês, às vezes acabamos voltando junto com os alunos, de volta à escola, eles comentam: “Ah olha que legal que a autora disse”; “Ah, não gostei disso”; “por que a nossa escola não fez mais perguntas?”. Antes os primeiros livros, quando chamavam os nossos alunos eles não se identificavam, eles tinham muita vergonha, não se manifestavam, já nos últimos não, quando chamavam a escola eles “aaaaeee” e batiam palmas. Então, até essa questão deles não terem vergonha da escola, muita coisa mudou.* (ENT/PROF X). A professora Y confirma a ação dos alunos e expõe as atividades que realiza após seminário - *eles comentam. Geralmente é na primeira aula que tem depois da prática, eles comentam sobre como foi o desenvolvimento do seminário, sobre os questionamentos, enfim, e eu sempre procuro trabalhar com eles e cobrar atividades a partir da leitura que eles fizeram, não atividades que eles vão ter de quem não leu, por exemplo, eles vão ter de ler agora por ser obrigada, mas sempre trabalhar com partes do texto e na língua, por exemplo, com atividades de análise linguística, de compreensão, de interpretação. Inclusive eu cobrava deles nas provas a leitura como um todo, inclusive aquilo que acontecia nas práticas e que acontecia no seminário em avaliações.* (ENT/PROF Y).

Faz-se necessário, nesse momento, reafirmar o objetivo do Projeto Livro do Mês e sua concepção de leitura literária, já que, primeiramente, visa à formação de leitores multimídiais,

ou seja, daquele leitor capaz de se envolver com o texto literário impresso, mas também capaz de apreciar as diferentes manifestações artísticas e culturais, entendendo a multiplicidade de linguagens e a relevância dos elementos característicos da dança, da música, do teatro, do cinema, da televisão, da fotografia, das ilustrações, dos jogos eletrônicos, da publicidade, os quais são imprescindíveis de serem apreendidos pelos leitores em formação no contexto contemporâneo.

Por conseguinte, o Projeto defende um conceito expandido de leitura, da leitura de mundo à leitura das manifestações artístico-culturais, passando do impresso ao digital, em diferentes suportes e mídias, pressupondo a cultura da interdisciplinaridade como uma ação fundamental na formação do leitor, que significa sua leitura na interação entre autor, texto e leitor. Nesse sentido, é possível visualizar na percepção de professores a reflexão sobre a prática de leitura literária utilizada com seus alunos em sala de aula, a qual não contemplava elementos que são utilizados na prática leitora multimídia do Projeto, como, por exemplo: o trabalho com gêneros literários e outros gêneros textuais; o uso de diferentes linguagens; e o uso de tecnologia - elementos observados pelos professores como atraentes aos seus alunos no processo de formação leitora.

No ensino fundamental, o trabalho com o texto literário já existia, mas na perspectiva da leitura individual ou coletiva e da representação da obra lida por meio de contação, teatro, desenho, não ocorrendo o aprofundamento e a interação do texto com outras leituras em diferentes linguagens, a qual leva a revelar os escritos e os não escritos pelo autor, ações essas desenvolvidas pela prática leitora do Projeto. No ensino médio, foi revelado tanto por professores como pelos alunos que o Projeto Livro do Mês levou a leitura do texto literário para a sala de aula, ou seja, o livro literário passou a frequentar o trabalho na sala de aula, pois anteriormente, quando ele era inserido, isso ocorria de forma fragmentada, através de um conto, uma crônica, um poema, um fragmento de romance.

O trabalho do Projeto Livro do Mês despertou nos alunos o gosto pela leitura, independente da cobrança da escola, os quais passaram a buscar por textos, impressos ou não, a criar um ambiente de troca de leituras entre colegas e professores. O Projeto, ao entrar com o texto contemporâneo, atingiu os jovens alunos, leitores em formação, ou seja, atendendo ao horizonte de expectativas dos leitores e também ao fazer inferências com outros textos contemporâneos e clássicos provocou a ruptura desse horizonte. Porém é importante mencionar que o questionamento e a ampliação desse horizonte não se efetiva sem a reflexão

acerca dos diferentes textos e sem permitir que esses leitores apercebam-se de suas mudanças, das aquisições conquistadas por intermédio da experiência com a leitura literária.

#### 5.1.5 5ª etapa – Necessidades, limitações, dificuldades, sugestões do e para o Projeto

No curso das entrevistas, foram apontadas algumas necessidades, limitações, dificuldades, sugestões de mudanças, atitudes no que se refere ao Projeto Livro do Mês, tanto entre estudantes quanto entre professoras. A dificuldade recorrente tanto no ensino fundamental como no ensino médio e cuja expressão apresenta regularidade na fala de alunos e professoras diz respeito à carência de exemplares de cada título para desenvolver as atividades do Projeto, em especial, a primeira etapa, ou seja, a leitura prévia. A insuficiência de exemplares surge no momento em que os alunos relatam como foi realizada a leitura prévia de cada obra. Segue o diálogo que revela esse fato.

*MEDIADORA: Eu quero saber como vocês leram esse livro?*

*ALUNO C: não lemos todo. Tinha um diário só, era pouco.*

*MEDIADORA: em grupo?*

*ALUNO J: cada um lia um pouco*

*MEDIADORA: liam em grupo na sala de aula?*

*ALUNO H: responde afirmativamente com a cabeça*

*MEDIADORA: depois do “Diário de Pilar” foi o “Feérica”*

*ALUNO G: esse eu não li nada. A professora deu para quem queria levar para casa e ler.*

*ALUNO J: esse não tinha livro, não chegou.*

*MEDIADORA: esse não foi em grupo?*

*ALUNO J: esse cada, acho que três pessoas só quiseram levar para casa para ler.*

*ALUNO D: não tinha muitos livros*

*MEDIADORA: tinha poucos livros. Uma das dificuldades de leitura aqui é poucos livros?*

*TODOS: é.*

*MEDIADORA: para dar continuidade tem que ter mais livros*

*ALUNO A: tem que ter verba. (GF/EM 2/ ALUNOS A, C, D, G, H e J).*

Em um dos grupos focais do ensino fundamental a insuficiência de exemplares de livros aparece na fala do aluno F com a solução dada pela escola, mas que não sana a dificuldade na sua totalidade. *As professoras elas, a professora “W”, a professora Agnes, a*

*professora Letícia, todas as professoras elas vão à biblioteca pública, conseguem livro na UPF, nas outras escolas, emprestado e depois de uns dias nós lemos e devolvemos para as professoras e elas entregam no local. (GF/EF 2/ALUNO F).*

A professora W no seu relato descreve que a dificuldade de aquisição de livros foi causa da não participação da escola em anos anteriores, já que isso interfere na estratégia utilizada para a leitura prévia e que essa situação se torna uma inquietação para ela. Quando avalia o projeto, ela diz: *eu sou bem franca com você, eu acho muito positivo, como eu já lhe coloquei em momentos anteriores, da minha vontade de participar, que a escola participasse. Às vezes eu brinco, brinquei com você que a diretora não deixava participar, mas brincadeira, não é que não deixava, é que nós temos a questão do transporte e a questão de adquirir o livro para trabalhar. Porque o Estado ele não é como o Município, pelo o que eu entendi o Município é promotor, então ele encaminha para as escolas um número X, a biblioteca pública dispõe também. (ENT/PROF W).* E logo a seguir na descrição ela comenta que *uma das técnicas que eu fiz, faço até pela questão do número de livros que conseguimos, no máximo três para toda a escola, toda a escola participa, com exceção do primeiro ciclo [...] o que que eu fazia, eu lia capítulos. (ENT/PROF W).*

Na sequência da entrevista em que é questionada sobre o seu desejo de continuar trabalhando com o Projeto, essa situação retorna: *a maior apreensão nossa não é nem o transporte, porque negociamos com o transportador, mas a questão de conseguir adquirir os livros. (ENT/PROF W).*

A aquisição de livros, também, é uma dificuldade apontada pela professora X em três momentos distintos da entrevista. Inicialmente, essa situação aparece na fala sobre a forma como é encaminhada a leitura prévia na escola. Ela revela: *o que aconteceu na escola foi que não conseguimos comprar um número muito grande de livros para trabalhar com os alunos. Então, em cada turma conseguimos fazendo uma dinâmica diferente. (ENT/PROF X).* A questão surge novamente ao ser questionada sobre sugestões de mudanças no Projeto: *o nosso único impasse que temos na escola é essa questão de trazer um livro, o número de exemplar. [...] Mas no momento eu vejo tantas escolas se engajando, eu até consegui emprestado, não conseguimos adquirir todos, seria interessante que todos os alunos pudessem pegar o livro, ter um número maior de exemplares. De que forma? Se conseguíssemos que a escola que está engajada no projeto recebesse uma verba, eu sei que não é fácil né, mas alguma coisa desse tipo. (ENT/PROF X).* E, por fim, o fato retorna na conversa sobre o projeto. Ela avalia que as etapas devem continuar acontecendo da forma como são organizadas, mas considera que o

projeto *peca na questão de número de exemplares para conseguir atingir o aluno, para não ficar só em sala de aula, ele tem que pegar um livro e levar para casa. Numa escola como a nossa que tem cinco turmas, tem o noturno, tem que dividir o livro ao meio*, afirma a professora X. (ENT/PROF X).

A professora Y, assim como a professora X, revela a problemática ao descrever o processo de leitura encaminhado em cada obra. *O primeiro livro, por exemplo, o “Poeplano” que era um livro de poemas, fizemos um trabalho coletivo em sala de aula a partir de várias poesias, não trabalhamos ele como um todo, agora todos os outros que desenvolviam uma narrativa foi realizado da seguinte forma, como nós não tínhamos um número suficiente para todos os alunos e todas turmas que pudéssemos disponibilizar para eles levarem para casa para fazer a leitura, nós trabalhamos em grupo na sala. Então tem que ser feito um bom tempo antes a leitura prévia para que até o dia da prática leitora e até o dia do Livro do Mês eles conseguissem terminar a leitura [...] esse é um dos problemas que enfrentamos na escola ainda. Nós temos uma quantidade restrita de livros que conseguimos comprar por mês, mas a partir desse número temos que desenvolver um trabalho com eles.* (ENT/PROF Y).

Os sujeitos pesquisados, na sua maioria, manifestaram uma dificuldade que limita a participação no Projeto Livro do Mês e que interfere na estratégia utilizada para a realização da leitura prévia, ou seja, a falta de livros. As escolas adquirem, normalmente, dois exemplares de cada obra selecionada pelo projeto e muitas vezes apenas um exemplar. No caso das duas escolas pesquisadas é comum a participação de mais de uma turma a cada mês, na escola A, habitualmente o trabalho é realizado pelos três ciclos de formação e, na escola B, as cinco turmas do ensino médio costumam participar na mesma edição mensal. O número inexpressivo de exemplares dificulta o trabalho dos professores para efetivarem a primeira etapa do projeto, o que justifica as estratégias escolhidas e utilizadas pelas professoras descritas anteriormente.

Além do problema do número reduzido de exemplares, surgiram algumas sugestões pontuais, como: ter mais edições do Projeto; a prática leitora acontecer no Mundo da Leitura, na UPF; acontecer uma etapa posterior ao seminário; a participação de professores das escolas participantes na comissão organizadora do Projeto Livro do Mês; e a necessidade de o projeto ser assumido pela escola.

Sobre a sugestão levantada por uma das professoras - de realização da prática leitora no Mundo da Leitura, na UPF -, pode-se dizer que ela vai de encontro a uma das características atribuída ao projeto pelos seus organizadores, já que entendem o projeto como

um trabalho coletivo, ou seja, um trabalho executado com parcerias. Parcerias que vão desde a organização do projeto – Prefeitura Municipal, Universidade de Passo Fundo, 7ª Coordenadoria Regional de Educação, Editoras, SESC/Passo Fundo – e a sua ampliação com a parceria com as escolas participantes a cada edição. Nesse processo, cada parceiro tem a sua função determinada e, além disso, como outro diferencial do projeto, o fato de ele não acontecer apenas na escola, fazendo com que alunos e professores se movam para outros espaços da cidade para interagir com outros leitores e com autores.

A sugestão de que o Projeto tenha mais edições aparece no diálogo entre os alunos do ensino fundamental quando declaram o desejo de continuar participando no próximo ano. O aluno G sugere, mas pondera afirmando que *gostaria que o Livro do Mês fosse mais seguido, mas seria um pouco ruim porque os livros são grossos*. (GF/EF 2/ALUNO G). Esse problema é acentuado pelo fato de que são várias pessoas a ler um mesmo exemplar. (GF/EF 2/ALUNO H).

Outra proposta surge por parte da professora Y, ao falar sobre mudanças para o Projeto. Entende que *nós teríamos que desenvolver um trabalho inclusive em parceria, mais próximo do Mundo da Leitura que muitas vezes, o que eu percebi é que foi pouco utilizado, que não fomos nem uma vez à UPF para ir ao Mundo da Leitura. [...] Então uma sugestão é quando desenvolvidas inclusive as práticas leitoras que algumas poderiam ser desenvolvidas no próprio Mundo da Leitura*. (ENT/PROF Y).

Os alunos, especialmente do ensino médio, entendem que deveria haver uma etapa após o seminário. Essa ideia surge quando avaliam o Projeto.

*ALUNO A: eu acho que ajuda. Porque digamos que os que leem começam a conversar, debater sobre como está sendo a leitura do livro, os que não leem, puxa um pouquinho, eles ficam curiosos para ler e acabam lendo. Eu acho que ajuda. Tanto a prática quanto a leitura na sala e a volta também.*

*ALUNO F: eles se sentem até envergonhados de não ter lido, tudo mundo está falando sobre o negócio e ele não sabe, está boiando.*

*ALUNO D: eu só acho que a volta para cá podia ser um pouquinho mais puxada, tipo o projeto mesmo tinha que trazer uma atividade para a gente, porque se os outros vissem uma interferência nossa com o livro, chamaria mais atenção, para quem não participa do projeto. Porque a gente acaba esquecendo, usa em prova e depois...*

*ALUNO A: como ela disse trazer, porque depois que lemos o livro, fica para nós, nossa turma que conversa sobre o livro e o resto não fica sabendo o quanto é bom ler aquele livro ou o que trouxe de bom para nós, leu, leu. (GF/EM 1/ALUNOS A, D e F).*

O arrependimento dos alunos que não leem e a necessidade de uma atividade posterior é percebida pela professora X: os alunos *comentam que, por exemplo, o aluno que não leu “ah, porque que eu não li”; “Bah, esse livro deve ser muito legal”; outros, os que leram: “Ai, prô eu não tinha percebido isso”; do “Nem eu, nem o outro” eu tinha feito uma leitura do livro, você veio e fez uma outra leitura e os alunos tinham feito outra, então tínhamos três leituras de um livro. Na hora, que voltamos para a sala de aula é interessante porque eles opinam bastante, “Oh prô, que legal, eu não tinha visto isso!”, agora seria interessante lermos esse outro livro para podermos comparar, só que às vezes não temos tempo hábil para fazer realmente essa outra leitura e voltar para a sala de aula, porque tudo é tão corrido, tem tanta coisa para dar conta. (ENT/PROF X).*

As duas professoras do ensino médio entendem que seria interessante se os professores que participam do Projeto Livro do Mês pudessem participar da escolha dos livros. A professora X justifica: *na verdade o professor tem uma visão melhor dos alunos, talvez vocês, nós estamos ligados com o aluno, nós sabemos o que eles gostam e o que não gostam. Uma dica a mais. Estávamos comentando com uma colega como é que era feito a análise desses livros, porque às vezes nós temos uma visão que talvez lá na Universidade seja diferente. (ENT/PROF X). Na mesma lógica, a professora Y sugere: seria inclusive interessante os professores participarem dessas escolhas porque sabemos os livros que os alunos iriam gostar mais ou aqueles livros que eles iriam gostar menos. Seria uma questão interessante se fosse realmente realizado, os professores participarem do processo. (ENT/PROF Y).*

As professoras X e Y entendem que o Projeto Livro do Mês deve ser adotado pela escola para todos os níveis de ensino e trabalhado pelos professores independentemente da sua área de conhecimento. O projeto é excelente, segundo a professora X: *abriu vários outros caminhos. Porém, é um projeto que inserido dentro da escola ele não pode caminhar sozinho. Tu tens que ter o apoio dos outros professores. E esse apoio dos outros professores é bem difícil, mas aqui na escola, graças a Deus, o nosso grupo das áreas de linguagem, é bem unido, mas se não tivermos o apoio do inglês, do ensino fundamental, de outros professores, acho que fica meio quebrado, porque não adianta somente o ensino médio estar trabalhando e o ensino fundamental não, logo eles vão ser o ensino médio. Então, eu vejo que o projeto dentro da escola para ser cem por cento tem que estar todo mundo engajado. (ENT/PROF*



X). Tendo como exemplo a obra *Dias perfeitos*, a professora Y relata: os alunos *comentaram que foi importante porque despertou o interesse deles pela leitura, inclusive daqueles que não gostam de ler, eles muitas vezes são os mais críticos[...]. Porque quando você consegue chamar a atenção do aluno com aquele livro, aquela leitura e despertar um querer saber sobre do que se trata o livro, eu acho que já valeu a pena porque o contexto que temos de leitura nas escolas hoje é difícil e muitas vezes o que acontece é que a questão da leitura na escola acaba ficando somente a cargo dos professores de línguas, como se não fosse uma tarefa a ser desenvolvida por todos os outros professores.* (ENT/PROF Y).

A situação citada pelas professoras X e Y também é observada pelo aluno A ao final do grupo focal. Ele relata que, quando terminou de ler o livro *Feérica*, disse: *eu fiquei pensando, eu comecei a ler, eu leio, mas tenho dificuldade. A colega lê um livro do tamanho do “Feérica” em uma semana, eu leio em um mês, é duas ou três semanas. Eu fiquei pensando que é triste porque vemos o pessoal da 5ª, 6ª, 7ª que eles não leem quase nada e pra eles vai ficar mais difícil depois. Assim como é difícil e não é ao mesmo tempo para mim, para eles vai ser também, talvez mais, porque como tem jovens que hoje em dia lê, é bem grande a quantidade de jovens que lê mais do que antes e eu vejo que para eles é bem difícil, acho que nós que lemos, a gente tinha que levar para eles, mostrar, incentivar mesmo que muitas vezes não percebiam muito, mas aos poucos, até pela curiosidade, como o colega disse, que eles ficam - bah eu não li - bah que vergonha, eu não li e poderia estar conversando com eles- é assim, tem que ir passando porque senão vai ficar difícil, mostrar o quanto é bom ler.* (GF/EM 1/ALUNO A).

Dois estudantes manifestam situações de família em que a participação no Projeto Livro do Mês foi critério de decisão. O aluno F relata: *a minha mãe, o meu pai queriam me tirar da escola porque é muito longe da minha casa e eu disse - pai não! eu vou perder todos os Livros do Mês, eu não quero perder - ele respondeu - vou pensar - mas eu disse que não quero perder o resto do Livro do Mês, porque eu estou amando isso.* (GF/EF 1/ALUNO F). Do aluno B veio o seguinte relato: *na outra escola que eu estudava não tinha Livro do Mês, depois que eu saí de lá eu vim aqui e tinha Livro do Mês, eu comecei a falar para a minha irmã que ela estuda lá, ela falou que agora eles estão participando.* (GF/EF 1/ALUNO A).

Para finalizar, segue o posicionamento das três professoras pesquisadas sobre a questão a respeito de que se elas tivessem que assumir a prática leitora que vantagens e desvantagens essa mudança traria. Segundo a professora W, *não seria um trabalho tão rico, porque nós não estamos participando, claro que eu sou como eu lhe falei, eu aprendi muito,*

*principalmente no próximo ano essas ideias que você trouxe de passar um vídeo, sempre puxar alguma coisa referente à obra, isso eu nunca tinha visto, nem feito, então é uma ideia, mas da escola fazer a prática é um caminho, uma novidade, acho que uma coisa boa para a escola, teria que ser uma coisa montada pelos professores, a meu ver, eu acho, com os alunos em conjunto, de eles fazerem a prática leitora. Mas eu penso que aquela expectativa - Ah, que dia vem a prô Gutta – que é uma pessoa que vem de fora, você entende, que vem tipo assim. E complementa: eu acho uma vantagem, mas se pudesse unir o útil ao agradável, digamos que você viesse para ver o trabalho que a escola fez, você avaliar, porque você é uma pessoa que está bem por dentro, é o seu trabalho, sua pesquisa, por exemplo: a escola esse mês vai fazer, a Gutta vai lá avaliar, ver como que foi, porque a tua bagagem ninguém tem. E se caso ela fosse responsável por desenvolver a prática leitora diz que teria algumas necessidades, como por exemplo: como montar, como fazer a relação daqueles vídeos, principalmente as partes dos vídeos com a obra, onde pesquisar para fazer toda essa relação e estudar bastante também. (ENT/PROF W). E ao final declara que sem uma formação específica não conseguiria desenvolver a prática leitora do projeto.*

A professora X, ao ser questionada sobre suas possibilidades de assumir o desenvolvimento das práticas leitoras, responde que a vantagem seria a autonomia para desenvolver o trabalho. Mas em seguida conclui que não há vantagens: *não consigo ver muitas vantagens, porque hoje o que acontece é que eu trabalho oitenta horas aula; em que momento que eu conseguiria sentar com as outras professoras para desenvolver alguma atividade diferente, quase que impossível. Para nós conseguirmos desenvolver e trabalhar especificamente o livro de uma forma conjunta já é difícil, imagina ter que fazer todo um trabalho de pré-leitura, e tem que ser numa dinâmica diferente bem como você estava fazendo, então talvez, eu acho que ia se perder e eles têm esse encanto, assim, de sair da escola, de vir uma pessoa nova, porque às vezes só o professor falando eles não assimilam aquela situação, porque eles já tem cinco períodos, quatro períodos se veem toda a semana, então quando vem uma pessoa nova eles escutam de uma forma diferente, quando eles têm que sair da escola, também, aquilo se torna diferente e eu acho que o Projeto do Livro do mês tem essa característica de você Gutta vir para a escola, eles esperam a sua vinda, naquele dia a escola toda se organiza para lhe esperar. [...] Então se ficasse somente nós, professoras, eu acho que ia perder esse encantamento, essa essência realmente do projeto. Mas, caso ela tivesse de desenvolver a prática leitora, a sua necessidade primeira seria tempo e da ajuda dos meus colegas, eu preciso que todo mundo se engaje e somente o pessoal da*

*escola, de dentro da escola, o nosso grupo é muito bom aqui, porém eu acho que uma outra visão de quem está de fora ajudaria. Sozinha, eu acredito, talvez futuramente, mas no momento até pela questão de nós professores termos uma carga horária muito grande, se nós tivéssemos dois períodos por semana para sentar, planejar, talvez daria certo, mas do jeito que estamos, às vezes deixamos algumas coisas a desejar, imagina se nós organizássemos e planejássemos... (ENT/PROF X).*

Desvantagem é o que a professora Y entende que seria se a prática leitora fosse desenvolvida pela escola. *Nós teríamos um problema, porque precisamos dessa ligação e desse suporte, muitas vezes a escola sozinha ela não consegue desenvolver esse projeto, a dinâmica com a qual trabalhamos, só o fato de vir uma pessoa de fora, que não seja o professor e trabalhar com o livro, interagir com eles, isso foi bem importante, a interação que você teve com eles, a aproximação que você teve com eles, inclusive eles comentavam, é bem importante, eu penso que nós precisamos ficar com essa parceria porque a escola sozinha a escola não vai conseguir desenvolver um trabalho satisfatório da mesma forma que trabalhamos a metodologia nesse ano, que é nós fazermos a leitura, depois você vir aplicar a prática leitora e depois eles irem ter a interação.* E afirma que seria desvantagem essa mudança, *porque precisamos do suporte da Universidade em trabalhar com eles o livro, apesar de os professores fazerem a leitura prévia, muitas vezes você trouxe coisas e principalmente em relação a esse diálogo entre os textos que não conseguimos desenvolver com eles em sala. E foi isso que mais chamou atenção deles, então acho que nós teríamos um grande problema se nós cortássemos esse vínculo contigo, enfim, com a instituição.* Assim como a professora X, sua necessidade para desenvolver a prática leitora seria a de tempo: *o maior problema seria justamente o tempo de planejamento, o tempo para você ir buscar outros textos que dialoguem com aquele, porque a leitura nós fazemos em casa, mas ter esse tempo para ir buscar outros textos, pra fazer a montagem dos “slides”, por exemplo, para se trabalhar. Tudo isso, se fosse desenvolvido pela escola teríamos que ter tempo para fazer esse planejamento. Eu gostaria muito, mas só que teria que ter tempo.* (ENT/PROF Y).

## **5.2 O leitor diante/com o Projeto Livro do Mês**

### **5.2.1 O leitor e o gosto pela leitura**

Várias foram as manifestações dos alunos sobre a participação no Projeto Livro do Mês e sua relação com o gosto pela leitura. Os motivos para o interesse são distintos, por exemplo: o desafio de uma nova prática de leitura na escola, o encontro com o autor, o trabalho com o livro literário, as interações realizadas com o livro, o diálogo com o texto. Essas revelações estão explicitadas na fala de Rösing (2014) ao apresentar o propósito da prática leitora multimídia. Para a autora, é fundamental que crianças, jovens e adultos, leitores em formação, entrem em contato com obras contemporâneas, em que a linguagem utilizada pelo autor os represente, desenvolvendo a habilidade de apreciar a singularidade com que o autor trabalha com o tema escolhido. Ela diz, ainda, que é necessário aprender “a reconhecer a ficcionalidade em que essa obra se constitui, de forma que cada um desses leitores em formação seja estimulado a se envolver, cada vez mais, com textos de natureza literária.” (RÖSING, 2014, p. 8).

Nos grupos focais, os alunos tanto do ensino fundamental como do médio revelam que começaram a gostar de ler a partir da participação no Projeto Livro do Mês. O aluno E conta o episódio em que a professora W anuncia a participação da escola no Projeto Livro do Mês explicando como aconteceria. Ele narra que *não gostava de ler nem um pouco, quando a professora W me disse - ah vai ter esse negócio – eu disse - fala sério! - ela disse - mas vocês vão ter que ler os livros - eu concordei, eu vou ler. O primeiro foi Dilan Camargo e eu adorei as poesias dele, depois foram os outros e eu também gostei, eu acho que foi assim que eu comecei a gostar de ler, porque tipo, cada livro tem uma coisa diferente, eu lia uma parte e não conseguia parar de ler, porque eu queria saber o final da história e foi assim que eu comecei a gostar bastante de ler.* (GF/EF 1/ALUNO E). Antes de participar do Projeto Livro do Mês, o aluno G, diz que *não se interessava muito pelos livros, mas depois fomos conhecendo melhor como os autores criaram o livro, de onde eles tiravam as ideias, e assim procuramos ler os outros livros da biblioteca.* (GF/EF 2/ALUNO G).

No grupo focal do ensino médio, o aluno A manifesta que os primeiros livros inteiros que leu foram o *Perdida* e o *Feérica*, que não lia e preferia assistir a filmes, mas surgiu o “*Perdida*”, eu disse, eu preciso ler, eu sinto que ele fala comigo e eu preciso falar com ele também, comecei a ler, e agora, prefiro ler que assistir filme. E justifica o porquê, afirma que *no livro você imagina a sua personagem, o jeito que acontece, já no filme não, é um jeito que eles fazem.* (GF/EM 1/ALUNO A). E relatou que agora eles leem animados, mas se em anos anteriores fosse sugerida a leitura de um livro, até diria que iria ler, porém, quando chegasse

em casa pesquisaria na internet a existência de filme sobre o livro ou um resumo. (GF/EM 1/ALUNO A).

Os fatos narrados pelos alunos são relatados pela professora em suas observações sobre os desdobramentos do projeto nos alunos e também nela própria. A professora W diz que o Projeto Livro do Mês é muito bom, porque *ele despertou tanto para mim, quanto para os alunos uma vontade maior, não uma vontade, mas uma vontade de trabalhar com os livros, tanto é que eles pediam - prô qual vai ser o próximo Livro do Mês*. Ela afirma que o projeto provocou a curiosidade e a vontade de ler e que conseqüentemente enriqueceu o trabalho de leitura da escola. (ENT/PROF W).

Essa revelação foi feita à pesquisadora em dia de desenvolvimento da prática leitora na escola. O registro descreve que *terminada a prática leitora a professora W me relatou que a participação dos alunos no Projeto Livro do Mês estava levando as crianças a se interessarem mais pela leitura, fato que se comprovava pela solicitação de retirar livros na biblioteca, que na escola há a prática de levar os livros literários até a sala de aula para o empréstimo*. (DC07).

O gosto pela leitura surge pelo trabalho realizado com o livro, pela aproximação, contato e interações possíveis com o livro. O aluno F diz que *antes eu não conseguiria ler um livro grosso, tipo o "Feérica", agora depois que você trouxe esses livros eu consigo ler qualquer livro que você me der*. (GF/EF 1/ALUNO F). No mesmo diálogo, o aluno E manifesta que ao pegar um livro para ler achava chato e logo pensava que não terminaria de ler, mas os livros do Projeto Livro do Mês sendo chatos ou não sempre conclui a leitura; então concluiu que consegue ler outros livros. O aluno conta como retirava livros na biblioteca: *eu ia à biblioteca e começava ver a grossura, via o mais fininho e era o que eu pegava, não importava o nome do livro mas era o mais fininho que eu pegava. Peguei semana passada esse, a professora vai brigar comigo se eu pegar ele novamente, mas quando você veio com esse livro que tipo tem uns grossos e uns finos. Quando eu vi - nossa olha o tamanho desse "Feérica", olha isso. Eu comecei a me interessar, livro grosso é legal, eu gostei do "Perdida", que era grosso, também, e eu gostei do "Dias perfeitos", que também era grosso. E eu consegui ler, nossa é muito legal. Então, vi que os livros pequenos falam umas historinhas bem pequenas e bem curtinhas e são quase contos de fadas, e os livros grossos dão mais emoção*. (GF/EF 1/ALUNO E).

A professora X revela que trabalhava apenas com fragmentos, textos soltos e que o trabalho com o livro se deu a partir da experiência com o Projeto Livro do Mês. *Esse ano eu*

*estou me policiando mais para trabalhar com os textos, eu acho que a questão do Livro do Mês acabou nos norteando, porque antes eu selecionava um texto, hoje eu vou trabalhar e procuro, vou direto no livro e tiro daquele livro, aquele fragmento mas eu confesso, tudo foi devido ao Livro do Mês que eu me aproximei mais dos livros. (ENT/PROF X).*

Quanto a essas questões, a pesquisadora observou, ainda, em diário de campo, o interesse dos alunos pelos livros e suas interações. *As crianças perceberam que a ilustração era “real” (mistura de fotografia do Peru com desenhos dos personagens). A linguagem cinematográfica utilizada na prática era conhecida dos alunos – As crônicas de Nárnia. Quando realizei as indicações de leitura uma aluna estava lendo um dos livros. Ao final da prática as crianças foram manusear os livros indicados. (DC07).*

### 5.2.2 O leitor e o diálogo com o autor

O contato com o autor é fator que amplia a vontade de ler, a confiança na compreensão da leitura da obra e a oportunidade de expressão dessa interpretação por meio de diferentes manifestações artístico-culturais. No primeiro aspecto, o aluno A diz que começou *a gostar dos livros depois do Projeto Livro do Mês, porque quando vamos lá com a autora, sabendo os livros, já lemos, sabemos a história, conseguimos entender o que a autora está falando, senão vamos lá tipo o “Feérica” que não terminamos de ler, tinha partes que não entendíamos então, por isso prefiro continuar lendo, ler até o final, se esforçar para conseguir terminar de ler aquele livro para conseguirmos entender o projeto e entender o que a autora fala. (GF/EF 1/ALUNO A).*

Nesse sentido, a professora W reafirma a importância do projeto no processo de leitura relatando que *pelo fato deles saírem da escola, aquele dia que eles têm que ir lá para o seminário, bater papo com o autor ou com a autora, que eles vão conhecer, que eles vão perguntar, eu nunca dei pergunta pronta para ninguém, todos que participaram dos nossos alunos, formularam na hora, às vezes eu dizia - levem, cansei de dizer - pessoal vamos elaborar. Não prô lá na hora a gente vê, conforme nós escutamos e ouvimos no seminário – então, tudo o que saiu lá na hora, de questionamento da parte deles, foi bem deles. (ENT/PROF W).*

A pesquisadora na observação do seminário também aponta no diário de campo essa aproximação com o autor. O registro descreve: *a turma da escola A entregou trabalho escrito com desenhos para a escritora, realizou perguntas relacionadas com as curiosidades que*

*apareceram no dia da prática, como por exemplo: se ela tinha um gato, porque ela utilizava a rede para transportar Pilar e os amigos. (DC09).*

O seminário proporciona o diálogo com o autor, o que possibilita o questionamento por parte dos participantes. Essa troca faz com que o leitor descubra que sua interpretação é pertinente, motivando a vontade de ler como relatam os alunos nas falas a seguir. *Eu tinha vergonha de ler na frente de todo mundo, quando veio o projeto e fomos conversar com a autora, fiquei em dúvida - será que eu falo, vou falar, mas vai que esteja errado, você vai lá e pergunta daí ela diz está certo, tipo, então, eu prestei atenção no que eu li no livro dela, legal. (GF/EF 1/ALUNO E).* Outro aluno diz que, quando é proposta a leitura de uma obra, hoje, ele lê *porque tenho a oportunidade de questionar o escritor, isso faz eu ter vontade de ler. (GF/EM 1/ALUNO D).*

Sobre esse fato, a professora W primeiramente destaca *a fala inicial do autor quando apresenta a vida dele ou dela, traz experiências e o porquê da escolha de escrever obras. Mas, principalmente àquela hora do bate papo que eles têm a oportunidade de perguntar. [...] Quem leu sabe do que está tratando o livro e o que vai perguntar. Então, esse momento eu acho bem importante. Porque parece que eles chegam próximo ao autor, eles têm a oportunidade de ficar “mais íntimos” por meio do bate-papo. (ENT/PROF W).*

Esse momento também é registrado no diário de campo da pesquisadora com a seguinte descrição: *[...] passados trinta minutos de fala abrimos espaço para o diálogo com a escritora. A turma da escola A fez duas perguntas – Você considera o livro suspense, mistério ou drama? e a outra acerca da personagem Fênix - A Fênix ela existiu ou era um espírito? Acho que era um espírito. (DC03).*

Nesse encontro com o escritor, as escolas participantes, por iniciativa própria, podem realizar apresentações artístico-culturais para os participantes e para o autor. Esse momento também é lembrado pelos alunos e professora, como por exemplo, na fala do aluno F que *sempre teve vergonha, mas depois que entrou no projeto saiu lendo em tudo que é lugar. (GF/EF 1/ALUNO F).* A professora W diz ser este um momento significativo para os alunos, pois *valoriza o trabalho deles, e pelo fato deles saírem da escola e irem mostrar o trabalho deles. Eu penso que isso para eles é muito importante. Nós sentimos. Eu que trabalho com eles, tanto é que a cada livro durante a leitura prévia - prô tu já está pensando alguma coisa? O que nós vamos apresentar para a autora? E eu sempre jogo a responsabilidade para eles também – não, eu vou pensar, mas vocês vão pensar junto comigo, o que vocês acham? Como a história da paródia. (ENT/PROF W).*

Essa oportunidade de expressar o livro por meio de uma manifestação artístico-cultural foi apontada pela pesquisadora no diário de campo, o qual relata que a turma da escola *A preparou uma paródia a partir da obra com a música “Tempo de Alegria” de Ivete Sangalo, as meninas e a professora subiram ao palco e apresentaram para cerca de trezentas e quarenta pessoas que participavam do seminário.* (DC03).

Esse leitor em formação é levado a ampliar sua vontade de ler por conhecer o autor, sua cultura, revelar suas curiosidades, mostrar sua interpretação, expressar essa compreensão através de manifestações artístico-culturais. Esse movimento é identificado por Rösing (2011) quando descreve as consequências do diálogo do leitor com o autor e conseqüentemente, com a sua obra; nele pode-se constatar a construção de deduções, de inferências do leitor sobre o texto lido, não apenas no momento em que a leitura avança, mas pela elaboração de questionamentos acerca do discurso do autor os quais vão sendo respondidos, e o leitor vai se envolvendo com o texto lido à medida que compreende, interpreta e se apropria dele.

### 5.2.3 O leitor e a escolha de livros

Conforme alguns alunos, integrantes dos grupos focais, a ao escolherem um livro literário para leitura se modificou a partir da participação no Projeto Livro do Mês. O aluno A revela que *não é pela capa que o livro é bom, começamos a ler, podemos achar chato, mas quando terminamos achamos aquele livro muito legal.* (GF/EF 1/ALUNO A). O aluno F, do mesmo grupo focal, afirma que *agora aprendemos que não é só para ver o fininho temos que ver o que gostamos.* (GF/EF 1/ALUNO F). O aluno A, de um dos grupos focais do ensino médio, reconhece que depois da participação nas diferentes etapas do projeto *não faz uma leitura com os olhos, lê com mais imaginação, digamos assim, imagina, lê com calma, lê os detalhes, coisas que antes não prestava atenção, e agora, eu pelo menos, eu pego um livro, eu olho atrás o, resuminho, eu olho a foto da autora, e antes não, antes eu olhava a capa e se era bonitinha eu pegava o livro.* (GF/EM 1/ALUNO A).

Ainda sobre a forma de escolher uma obra literária, o aluno E revela uma descoberta: *primeiro eu ia ver os livros e olhava as capas dos livros, e para a professora “W” perguntava se aquele livro era legal, a professora olhava e dizia se era romântico ou de ação, e tipo antes de eu ler esses livros (as obras do Projeto Livro do Mês), eu sempre pegava o mais fininho e o que tinha atrás o resumo, porque eu só copiava do autor o resumo, só que agora, por exemplo, o Dilan Camargo não tinha o resumo atrás e eu bah vou ter que ler esse*



*livro, outro exemplo, o “Nem eu, nem outro” tinha o resumo atrás só que era muito pequenininho, como é que eu ia entregar para a professora “W”? Não ia ter como, e o resumo não conta tudo da história. (GF/EF 1/ALUNO E).*

Em relação a esses fatos, a professora X lembra que *vocês [na prática leitora] mostravam elementos que talvez o aluno na hora de ler ele não identificava. Até nós professoras não conseguíamos fazer essa associação, porque quando eu estou lendo eu faço uma associação, quando outra pessoa está lendo faz outra associação, quando os alunos leem eles fazem outra associação, então quando vocês traziam todos aqueles elementos e mostravam que tinham outros caminhos, outras coisas dentro, realmente outros elementos dentro do livro, eu acho que veio só pra completar e pra instigar o aluno a realmente querer ler outros livros. (ENT/PROF X).* Uma das atividades mencionadas pela professora, realizada na prática leitora do projeto, foi a seguinte: *apresentar a autora Stela Barbieri e sua obra “Simbá, o marujo”, comentando sobre a ilustração e destacando que o texto é recontado pela autora. Em outra etapa da prática, apresentar as características do conto, mostrando a estrutura desse gênero narrativo, e especificamente do conto maravilhoso para caracterizar o texto das aventuras de Simbá; mais uma etapa, apresentar o ilustrador Fernando Vilela responsável pelas ilustrações da obra, sugerindo o seu site como forma de aprofundar o conhecimento sobre as técnicas utilizadas por ele. (PL/MAIO).*

Outro elemento utilizado pelas crianças e jovens nos grupos focais foram os gêneros textuais trabalhados nas práticas leitoras multimídiais do Projeto Livro do Mês. Em nenhum momento os alunos utilizaram termos como historinha ou livrinho para se referirem às obras do projeto. No diálogo sobre de que obra mais gostou o aluno E disse: *eu gostei do “Poeplano” porque têm poesias, muito legal, uma poesia que eu gostei foi “jantar de miojo”, têm outras bem legais que eu esqueci o nome, mas “jantar de miojo” eu acho que é a mais legal. Eu gostei de outro livro, mas não era para minha idade, o romance policial. (GF/EF 1/ALUNO E).* No momento em que a conversa era sobre a participação no Projeto Livro do Mês no próximo ano, o aluno D confirma a sua participação *porque eu descobri gêneros que eu não sabia, tipo diário, “chick lit”. Eu sabia que existia, mas não sabia o nome. (GF/EM 2/ALUNO D).* E relata que mesmo que a mãe contrarie seu desejo ele gosta de arte: *eu adoro isso, adoro tanto a dança, o teatro, a música, todas essas coisas, a mãe diz, mas você só gosta disso? Quando você crescer vai fazer o quê? Só gosta dessas bobagens de ler, de escrever, de novela, de teatro, de cantar, e não sei o que. (GF/EM 2/ALUNO D).*

A professora W percebeu que o trabalho com os gêneros literários e textuais auxilia os alunos na compreensão do texto por meio de suas características. *Eu vou ser bem franca com você, trabalhar o gênero, o autor, a biografia, algumas vezes. Depois que vocês começaram a vir aqui fazer o trabalho do Livro do Mês, e que você sempre traz aquele material sobre a vida do autor, que ele não é só escritor, muitos são jornalistas, alguns bacharéis em Direito, etc., várias áreas, então, eu comecei aos pouquinhos e quero aprimorar mais para o ano que vem essa questão de trabalhar o gênero. Tem uma coisa que eu achei bacana que você sempre traz algum filme, algum vídeo, isso eles gostaram muito. E é uma coisa que eu nunca fiz, então eu pensei, no próximo ano, vamos vivendo e aprendendo, procurar quando eu trouxer um gênero textual, antes fazer esse trabalho que você faz, trabalhar o gênero até para eles terem maior compreensão do tipo de texto.* (ENT/PROF W). Para exemplificar o que a professora fala acerca do trabalho realizado pelo projeto, descreve-se uma etapa do roteiro da prática leitora do mês de março - *apresentar os poemas, usando a ferramenta “Power Point”, para a leitura coletiva: “Quadrilha” de Carlos Drummond de Andrade; “Bilhete” de Mário Quintana; “Barragem” de Bruna Beber e alguns poemas do livro “Poeplano” de Dilan Camargo. Essa atividade tem por objetivo destacar as características do poema e demonstrar poemas clássicos e contemporâneos, como por exemplo, para o primeiro caso Carlos Drummond de Andrade e no segundo Bruna Beber.* (PL/MARÇO).

Nas práticas leitoras multimídiais é usual uma das etapas, geralmente, a etapa final, prever indicações de leituras relacionadas ao gênero e/ou à temática da obra do mês, com o objetivo de que os leitores busquem-nas. São indicadas obras clássicas e contemporâneas que ampliem o horizonte de expectativas do leitor, como também indicações em outras linguagens, como por exemplo: vídeos, *games*, animações, músicas.

Sobre esse aspecto, muitas foram as manifestações de alunos nos diversos grupos focais, bem como das professoras que observaram seus alunos procurando, lendo as indicações feitas durante as práticas leitoras. O aluno A revela que *na sala de aula, quando terminamos de ler um livro, já estamos procurando na biblioteca pegar outro, não queremos ficar sem ler mais, estamos sempre lendo* (GF/EF 1/ALUNO A) e essa mudança é visualizada por ele a partir da participação no projeto. O aluno F disse que pediram *para professora se tinha como ler, porque você trouxe os livros e achamos muito legais*. Em seguida no diálogo refere-se a uma indicação específica *teve um livro, eu acho que era desse livro* (apontando para a imagem da capa do livro *Feérica* que estava sob a mesa) *eu queria acho que é de uma série (Once Upon a Time), eu queria assistir, mas não soube pedir para a vó.* (GF/EF

1/ALUNO F). Outro aluno diz que assistiu ao *filme do “Harry Potter” e joguei o jogo (God of War)* (GF/EF 1/ALUNO B), indicação que o aluno E, também, foi procurar. Além do filme do *Harry Potter* assistiu à obra *As Crônicas de Nárnia*. (GF/EF 1/ALUNO E). No desenvolvimento do diálogo, o aluno F torna a comentar sobre as sugestões de leituras, *porque cada dia que você (a pesquisadora) vem trazer mais livros fica mais emocionante para nós*. (GF/EF 1/ALUNO F).

No ensino médio, os alunos revelaram buscar as indicações, mas também que o fazem sem interferência das professoras. O aluno G conta que foi *atrás de ouvir umas vinte vezes a música do “Linkin Park”* (GF/EM 2/ALUNO G) e o aluno A revela que além de ir atrás das indicações, eles *não esperam a professora trazer um livro para nós, pegamos e vamos atrás mesmo para ler*. (GF/EM 1/ALUNO A).

A professora W afirma que o que mais chama a atenção dos seus alunos na prática leitora do projeto são as indicações de leitura *tanto é que eles pedem e vou dar uma olhada na biblioteca da escola, infelizmente, pouquíssimas obras que indicastes tem aqui, mas eu procuro na biblioteca pública, esse ano que descobri, sabia que existia, mas nunca tinha ido lá, no Quiosque de Leitura e na UPF, conseguia alguns livros, e o que eu digo para eles é que na medida do possível que eles adquiram, e também para eles fazerem cadastro nos espaços de leitura*. (ENT/PROF W). A professora X, ao ser questionada, lembrou de obras pelas quais os alunos se interessaram; recordou, primeiramente, do *“Diário de Anne Frank”*, e disse *tanto é que eu comprei porque os alunos queriam e eu disse assim - ó gente vou comprar, o ano que vem eu empresto para vocês. A série do “Diário de Pilar”, uma colega trouxe os outros para mostrar para eles, eles também querem ler e pediram se tinha possibilidade da escola comprar. Na feira do livro eles procuraram o “Caderno de Viagens da Pilar”, umas meninas falaram - prô eu queria ter esse caderno de viagem. O outro foi o “Dias perfeitos”, o “Suicidas” esse, alguns alunos compraram lá no dia. Os outros livros da Carina Rissi, “Procura-se um marido”, os alunos do terceiro compraram e acabaram se emprestando*. (ENT/PROF X). E avalia que a prática leitora é uma etapa importante porque muitos alunos *depois da prática, realmente foram atrás ou foram até a biblioteca pedir se tinha aquele livro, procurar o livro ou assistir aos vídeos, por exemplo, que foram propostos. Assim conseguimos dar uma continuidade, uma sequência no término do Livro do Mês*. (ENT/PROF X).

Esse momento das indicações de leitura é parte do roteiro das práticas leitoras. Como exemplo, apresentam-se duas etapas distintas - *incentivar os alunos a fazerem leituras, como*

por exemplo: “*Aladim e a lâmpada maravilhosa*” e “*Ali Babá e os quarenta ladrões*”, (PL/MAIO) e *apresentar os principais autores e suas obras do Romance Policial clássico – Edgar Allan Poe, Arthur Conan Doyle, Agatha Christie.* (PL/SETEMBRO).

Os alunos revelaram uma postura diferente na forma de escolha do livro literário, de se relacionar com o livro, conheceram elementos por meio da prática leitora que antes não usavam, ou não conheciam, ou se conheciam não davam importância no contato com o livro. Elementos como o autor, a capa, a ilustração, as orelhas, a contracapa, os gêneros literários e textuais eram desconsiderados anteriormente. Paulo Freire (2001) afirma que a leitura é um ato criador e, portanto, o leitor em formação, por intermédio da leitura, modifica o seu universo, construindo conhecimento, assimilando informações e saberes que despertam sua curiosidade. Com isso, a leitura aprimora a sensibilidade, a criatividade, a imaginação, satisfazendo e realizando necessidades, preferências e desejos.

Nesse sentido, reafirma-se a concepção de educação literária por meio da visão da formação do leitor literário, autônomo, que escolhe buscar na leitura uma maneira de evasão e, paralelamente, de reestabelecer relações com o universo que o circunda e de identificar-se a si mesmo. A leitura literária é “um ato de liberdade individual – uma liberdade em certo modo relativa, pois depende entre outras coisas da possibilidade de acesso a determinadas obras.” (QUILES, 2013, p. 385, tradução nossa). A leitura literária, por meio da literatura infantil e juvenil, é um andaime para alcançar a competência leitora.

Ao vivenciarem a experiência da prática leitora multimídia os sujeitos da pesquisa identificaram as relações possíveis entre os textos, o que os levou a significar o que estava escrito, explícito, como também, os implícitos, os não escritos presentes nas obras. Rösing (2011) sustenta que não basta apenas a leitura da obra escolhida pelo projeto, é preciso concomitante à leitura estimular o debate sobre a obra, como forma de compartilhar as experiências de leitura entre os leitores, incentivando-os a “identificar a presença de outros textos na construção da obra, valorizando a intertextualidade como recurso que propicia o diálogo entre obras de domínio público.” (RÖSING, 2011, p. 5)

#### 5.2.4 O leitor e as diferentes linguagens e suportes

Aparecem nos grupos focais opiniões distintas acerca da preferência do livro ou do filme; alguns preferem o livro, mas querem conhecer o filme; outros ponderam que os dois são relevantes e ainda há os que optam pelo livro apenas. O aluno E diz que *é legal ler e*

*assistir ao filme, por exemplo, “Crônicas de Nárnia”, tipo é um livro enorme da onde é que eu vou ler tudo isso, e eu li e no livro você vê aquelas partes que não aparecem no filme, como é que pude perder tudo isso. (GF/EF 1/ALUNO E). Assim como o aluno E, o aluno G, do outro grupo focal do ensino fundamental, diz: eu procuro sempre olhar os dois, vê se tem mesmo a ver a história, porque lê um livro e às vezes parece que não tem nada a ver, é bem mais legal ler o livro. (GF/EF 2/ALUNO G). Mas, anteriormente, na conversa ponderou que os vídeos, também, porque como o da fênix, o Harry Potter, por causa do filme começamos a nos interessar mais para conhecer a história deles. (GF/EF 2/ALUNO G). Já o aluno H revela preferir o livro sem desenhos, assim podemos imaginar e depois conhecer o filme. (GF/EF 2/ALUNO H). E o aluno F acha melhor os livros que não têm muitos desenhos, porque podemos imaginar com a nossa criatividade, e isso é bom para o nosso desenvolvimento. (GF/EF 2/ALUNO F).*

As professoras afirmam que o visual é importante para o aluno compreender melhor o livro e fazer as associações possíveis entre obras, entre livro e vídeo, livro e filme, livro e game. *Uma coisa que eu notei é a questão do vídeo, aquilo que eles estão enxergando, o visual, eu achei muito importante. Esse trabalho, eu comentei com as colegas, é muito rico. A prática leitora da minha parte e acredito que da parte da maioria do pessoal, porque eles realmente se interessaram, eles amaram. (ENT/PROF W). A professora X relata que os alunos começaram a perceber que de uma leitura abre-se outros caminhos para outras leituras e da maneira que vocês colocaram, trazendo vídeos, trazendo os próprios livros, mostrando para eles, perguntando, recapitulando com eles a história. Os alunos precisam visualizar essas coisas porque às vezes ficamos somente na fala, e alguns alunos não conseguem assimilar as informações. Vocês trazendo em slides, trazendo os vídeos, acho que ficou bem interessante. Essa dinâmica eu acho que tem que prosseguir e nós temos que dar continuidade. (ENT/PROF X). Exibir o trailer do filme “As Crônicas de Nárnia - A viagem do peregrino da alvorada”, em que as crianças viajam via quadro na parede, assim como Pilar e os amigos viajam pela rede de descanso (PL/OUTUBRO). Esse é um exemplo das atividades trabalhadas na prática leitora citadas pelas professoras.*

Além da busca pelo material de leitura impresso, livro literário, os alunos, especificamente, do ensino médio procuraram outras informações no meio digital. No grupo focal no decorrer da conversa sobre a prática de buscar saber quem é o autor, ação padrão realizada na prática leitora do projeto, os alunos disseram que antes do projeto não olhavam quem era o autor, mas que agora o fazem. O aluno G declara que pesquisa na *internet*.

(GF/EM 1/ALUNO G). E o aluno B conta que, no caso da autora Carolina Munhóz, do livro *“Feérica” eu entrei no site para pesquisar, mas não ficou parecida, é diferente.* (GF/EM 1/ALUNO B). Outra prática dos alunos no meio digital, não revelada por eles, mas pela professora é o uso da rede social para comentar o livro com o escritor e, também, a produção de vídeo e o envio para o escritor. Ela conta que *eles tendem a buscar mais o visual e principalmente aquilo que eles conseguem pesquisar no próprio celular, por exemplo, o livro “Dias perfeitos”, eles buscaram primeiramente o autor na rede social, muitos deles enviaram, inclusive, comentários do livro depois para o autor, para o Raphael, pedindo, como eles não tinham lido previamente, pedindo do livro, outro que deu um trabalho bem interessante foi o livro “Perdida”, principalmente as meninas gostaram bastante, por se tratar de um romance e que depois elas inclusive propuseram desenvolver trabalhos na escola. Pegaram o livro, trabalharam e recriaram o livro, porque gostaram da história, por exemplo, o terceiro ano fez um vídeo sobre a história da “Perdida” e depois enviaram para a Carina Rissi que conversou com eles, deu um retorno.* (ENT/PROF Y).

A autonomia descrita por alunos e professores, anteriormente, ocorre não apenas no meio digital; ela acontece, também, na conversa e na escolha de livros, como conta o aluno A que, após participar das diferentes etapas do Projeto Livro do Mês – leitura prévia, prática leitora, seminário –, comenta: *entre nós, tipo agora nós estávamos descendo as escadas e falando do “Feérica”, que tínhamos gostado, ou não, que tinha que mudar tal coisa, mesmo que os professores não perguntam nós acabamos conversando sobre o livro.* (GF/EM 1/ALUNO A/110). As professoras também observaram essa independência dos alunos frente à leitura no suporte impresso, reafirmando, do mesmo modo, a busca no meio digital. *Na hora do recreio vejo alunos com livro sentados, na hora do recreio eles podiam estar mexendo no celular, claro, foram poucos, mas no momento que atingimos um aluno, para o professor é. Para quem não tinha antes acesso a biblioteca, a nossa biblioteca ela tem um acervo muito grande, e nós não víamos os alunos irem até a biblioteca, hoje estamos vendo. São passos de formiguinha. O nosso trabalho é de formiguinha, passo de tartaruga na verdade, mas que estão sendo mudados.* (ENT/PROF X). A professora Y dá exemplos do interesse dos alunos por materiais de leitura: *da Carina Rissi quando eles fizeram a leitura do “Perdida”, eles logo foram buscar o “Procura-se um marido” que foi feita a leitura, o “Encontrada”, então eles acabaram lendo todos os livros que trabalhavam com aquela narrativa daqueles personagens e depois eles vinham dizer – ah, prô, a gente já está esperando o próximo livro da Carina Rissi - que vai dar continuidade a história daqueles personagens, porque*

*realmente entraram na história. Gostaram bastante do romance. E, principalmente, os meninos foram, porque pouco foi trabalhado, inclusive na prática, que a história do Sherlock Holmes aparece em outros formatos, só que eles não sabiam. Então, eles a história do Sherlock Holmes para depois conseguir fazer essas ligações com outras artes que estavam circulando que partiu da história dele. E o que eles gostaram também, é que eles acharam na internet uma HQ que trabalhava com a história do Sherlock. Um ou dois vieram comentar que tinham procurado e que tinham trabalhado.* (ENT/PROF Y).

Os leitores em formação, ou seja, os alunos revelam nos grupos focais o seu interesse e preferência por certa linguagem ou por diferentes linguagens e seus respectivos suportes. Esse posicionamento dos alunos mostra a multiplicidade de leitores que Santaella (2004) estuda a partir do surgimento de novos suportes e novas estruturas do texto, as quais demandam exigências cognitivas e perceptivas por parte do leitor.

Os alunos apresentam características do leitor contemplativo quando preferem o livro como suporte de leitura, pois, como diz Santaella (2004), esse leitor tem uma relação íntima com o texto, ou seja, o livro como mensageiro das palavras. Esse leitor ao mesmo tempo em que contempla, medita, usa a visão e a imaginação, e como os alunos afirmaram o leitor que aprecia o livro usa sua criatividade para imaginar os eventos que ocorrem ao longo da história.

Por outro lado, há alunos que se identificam com o leitor movente, que é o leitor de imagens, dos recursos visuais, luzes, cores, e que, portanto, preferem o cinema ao livro. Esse leitor, como afirma Santaella (2004), tem características cognitivas que preparam a chegada do leitor imersivo. O leitor movente, fragmentado, “aprende a transitar entre linguagens, passando dos objetos aos signos, da imagem ao verbo, do som para a imagem com familiaridade imperceptível.” (SANTAELLA, 2004, p. 31).

O perfil cognitivo do leitor ubíquo também aparece entre os alunos pesquisados, pois contam sobre as pesquisas realizadas na rede, do compartilhamento e das conversas em redes sociais com os escritores e entre eles. O leitor ubíquo é aquele que está presente em qualquer tempo e lugar, transita simultaneamente entre a presença física e virtual nos ambientes de hiper mobilidade.

Mas, como afirma Bamberger (2000), não é comum um tipo de leitor puro, o leitor misto é o que é habitual, aquele que possui características e preferências de mais de um tipo de leitor. Santaella (2004) também defende que um perfil de leitor não elimina o outro, ao contrário, eles coexistem e se completam.

### 5.2.5 O leitor e o desenvolvimento cognitivo pela leitura

Em distintos momentos das conversas nos grupos focais, os alunos revelaram que a participação no Projeto Livro do Mês, as leituras literárias realizadas, ajudaram eles não somente nas disciplinas que trabalharam os livros, como, por exemplo, Língua Portuguesa e Literatura, mas em diferentes componentes curriculares e nas habilidades de ler e de escrever. O grupo focal 1, do ensino fundamental, comentou durante a conversa sobre o que gostaram no projeto, que mudanças seriam necessárias serem feitas, o primeiro a falar foi o aluno A, e disse *a leitura, é acho que eu não mudaria nada no projeto, me ajudou a ter mais interesse pela leitura* (GF/EF 1/ALUNO A); na sequência, o aluno C disse que o projeto *ajuda a melhorar o nosso jeito de leitura* (GF/EF 1/ALUNO C); e que o aluno E complementa *também o jeito de falar, sabe? Você fala assim eu entendo o livro, e eu vou falar assim porque o livro estava explicando sobre isso.* (GF/EF 1/ALUNO E).

No outro grupo focal do ensino fundamental, a manifestação do aluno H segue a ideia que os colegas descreveram. Ele disse que a participação no Projeto Livro do Mês *ajudou até com os erros de português, os que nós errávamos, hoje nós sabemos, dá para fazer como os desenhos que nós desenvolvemos, lembram que no “Simbad” os barcos as viagens dele, você lia e depois desenhava e escrevia.* (GF/EF 2/ALUNO H).

O diálogo que ocorreu no ensino médio revela a melhora dos alunos em diferentes componentes curriculares em consequência da participação no Projeto Livro do Mês, segue conversa.

*MEDIADORA: ela falou de leitura. E essa leitura que vocês estão fazendo, a leitura literária, ela tem ajudado vocês nas outras disciplinas?*

*TODOS: sim.*

*MEDIADORA: em quê?*

*ALUNO A: em Física. E para interpretar também. Nós interpretamos melhor.*

*ALUNO F: em Língua Portuguesa. Por exemplo, no início do ano, Meu Deus, eu lia muito mal, alguns liam muito mal, algumas palavras eles não sabiam pronunciar, - se tu me amas, como que se fala prô? – depois que a gente começou a ler mais melhorou um pouco a leitura.*

*ALUNO D: na História também.*

*MEDIADORA: a Matemática melhorou?*



*ALUNO A: eu já era bom em Matemática. Eu acho que em física. Eu não sou boa em Física, a professora de Física diz: imagina o carro vindo e matando a pessoa, nós ficamos imaginando o carro, os movimentos, eu acho que ajudou também. Porque quando começamos a ler, nós começamos imaginar personagem, casa, e assim vai. Lendo se imagina.*

*MEDIADORA: e a escrita de vocês?*

*TODOS OS ALUNOS: melhorou.*

*ALUNO D: a leitura aumenta o vocabulário, fica mais fácil. (GF/EM 1/ALUNOS A, C, D e F/114).*

Assim como no diálogo apresentado anteriormente, o outro grupo focal do ensino médio também destacou a importância da leitura literária para o desenvolvimento cognitivo do aluno.

*ALUNO A: ajudou a interpretar melhor.*

*MEDIADORA: E assim, nas outras disciplinas isso ajudou vocês? A leitura realizada no Projeto Livro do Mês ajudou vocês?*

*ALUNO F: acho que pra quem não sabe falar de uma coisa de uma forma, de um jeito formal, acho que ler um livro é bom porque no livro você não vê uma escrita informal, se você ler um livro você vai conseguir se adaptar àquelas palavras.*

*ALUNO D: e também há quem não sabe escrever as palavras, as palavras mais fáceis escreve errado, a professora diz que corrige trabalhos com erros de português tremendos, então é bom ler para aprender a escrever as palavras certas.*

*MEDIADORA: Essa leitura facilitou a escrita de vocês?*

*ALUNO H: sim. Ajuda, porque conhecemos palavras novas, não repete sempre a mesma palavra, ajuda com outras palavras que nós vemos e lemos, sabemos o significado.*

*ALUNO D: é, tem uma palavra que você repete toda hora, e você descobre que existe outra palavra que tem o mesmo significado. (GF/EM 2/ALUNOS A, D, F e H).*

A professora X sugere que *essas falas dos alunos devem ser repassadas para os professores, mostrar de alguma forma para os professores o que os próprios alunos estão identificando. E cabe a eles se engajarem. Vamos dar o cutucão, vamos dar a alfinetada, mas quem tem que agir são eles. (ENT/PROF X).* A professora Y destaca o progresso dos alunos com a participação no Projeto Livro do Mês: *os alunos se desenvolveram na questão da oralidade, da participação, de você ir lá e interagir com o autor, que muitas vezes eles ficavam receosos, ficavam tímidos até mesmo em sala de aula de exporem o pensamento deles, quem dirá ir a um evento e fazer um questionamento para o autor. Coisa que antes não*

*acontecia, e também de ler, porque muitas vezes, mesmo aqueles que dizem – ah professora eu não gosto de ler - ele vai estar junto do grupo e ele vai ter que participar da atividade, porque quando trabalho com livro em sala de aula, eu sempre procuro trabalhar de maneira coletiva, não individual, a leitura do grupo, e mesmo aqueles que não gostam da leitura, acabam entrando, como se diz, entrando na onda e leem a história. Isso é muito importante.* (ENT/PROF Y).

A leitura literária possibilitou aos alunos pesquisados a melhorar sua leitura e conseqüentemente a escrita, além de facilitar a compreensão e a aprendizagem em outros componentes curriculares. Nesse sentido, Silva (2011) ao refletir sobre o ato de ler e de escrever, os quais são atividades da educação e, por conseguinte, da escola, argumenta que a leitura é um desafio e uma exigência para que todo o professor, independente da sua área de formação, assegure aos seus alunos uma prática efetiva de leitura na sala de aula.

### **5.3 As práticas de leitura na escola**

#### **5.3.1 O trabalho com o texto**

Enquanto no ensino fundamental o trabalho com o texto é realizado por meio do livro, no ensino médio, o trabalho com o texto é fragmentado. Há no ensino fundamental a prática de empréstimo de livro semanal, conforme conta o aluno F *trocamos na biblioteca toda semana o livro, quando terminamos de ler, trocamos. Nós trabalhamos com o livro na sala, às vezes a professora coloca alguma coisa do livro. Nós temos que fazer a contação da história, levamos um livro para casa e lemos, ao invés de fazermos ficha de leitura vamos contar o livro para os colegas.* (GF/EF 1/ALUNO F). Mas a aluna A fala que, também fazem ficha de leitura ou desenho (GF/EF 1/ALUNO A), outro aluno fala que após a leitura eles apresentam o livro *em forma de teatro, você faz os personagens ou em forma de maquete para contar.* (GF/EF 1/ALUNO E/86). No outro grupo focal do ensino fundamental os alunos salientam a fala dos colegas citadas anteriormente. Quando perguntados quem trabalhava com o texto em sala de aula o aluno G respondeu que *é a professora W, de português, ela nos leva na biblioteca pegar um livro e depois ela pede para fazer um resumo com as nossas palavras e trabalha meia semana, uma semana sobre o livro que lemos. É um trabalho para responder, ela faz perguntas sobre o livro – o que contava, quem eram os personagens principais, qual*

*era o lugar em que se passava a história.* (GF/EF 2/ALUNO G). Já o aluno H conta que depois da leitura a professora solicita que façam um *trabalho para apresentar para os colegas verem, em maquetes e nas cartolinas fazer desenhos* (GF/EF 2/ALUNO H), além disso, ele revela que na escola *temos aqueles quinze minutos para leitura, todo mundo pegava, como exemplo, o livro “Poeplano” lia as poesias para todo mundo e contava um pouco das histórias.* (GF/EF 2/ALUNO H). O aluno F expõe que *eles fazem bastantes desenhos, e com uma classe na frente da turma, eles explicam e contam o livro e as histórias*, e a sua fala afirmando que *eles leem bastante para as provas.* (GF/EF 2/ALUNO F).

A professora W que atua no ensino fundamental ao ser questionada sobre como é realizado o trabalho com texto em sala de aula descreve que *sempre procura trabalhar os textos, ler com eles em aula, eles fazem a leitura individual, depois lemos em conjunto, discutimos, tiramos as ideias principais, o que eu digo para eles é cada texto é um texto, um gênero, um tipo, procurando ver o que ele está nos trazendo, desde um simples texto, uma receita, qual é a intenção, qual é o objetivo, o que ele traz pra nós, tudo que eles podem tirar do texto, e encima do texto e após a leitura, o trabalho com a oralidade, trabalhamos com a interpretação, sempre procuro trabalhar em conjunto com eles, que cada um expresse a sua ideia.* (ENT/PROF W).

Quando perguntados sobre o trabalho com o texto, com o livro o aluno A revelou que *trabalhamos com o livro do mês, inteiro, e só, não de pegar esse período e ir à biblioteca escolher um livro e debater o livro. Não é só com textos mesmo. Fragmentos.* (GF/EM 1/ALUNO A). Outro aluno diz que o trabalho é *ler e interpretar* (GF/EM 1/ALUNO D), o que outro complementa que *geralmente temos que apresentar para a turma.* (GF/EM 1/ALUNO C). E sem definir detalhes, o aluno H fala que a professora *pega o texto e desenvolve períodos - orações coordenadas e subordinadas - encima daquilo ali. A professora de literatura, também, passa contos para nós.* (GF/EM 1/ALUNO H).

As respectivas professoras do ensino médio descrevem como trabalham com o texto. Primeiramente, a professora X relata que *trabalha com o texto para trabalhar a questão de interpretação, questão de compreensão, mas também, para trabalhar a questão da gramática. Eu acho que temos que trabalhar de certa forma a gramática, não tem como trabalhar isolado. Mas, puxa-se do texto. Se o texto é um pouco longo, vamos supor duas ou três páginas. Vamos ser bem realistas, em questão de leitura com os alunos, primeiro faço os alunos lerem, porque eles têm muita vergonha de ler. Dependendo do texto eu faço a leitura porque às vezes precisa da questão da entonação para eles entenderem. Gosto muito de,*

*depois que eles leram, quais são as partes mais importantes, vamos tentar identificar o que esse parágrafo está tentando dizer. A questão de pontuação, se a gente tirasse essa pontuação ele ia ser dessa forma, primeiro faço todo este trabalho. Se é questão de interpretação foco mais nessa questão, se é questão de gramática vou puxar de um parágrafo o conteúdo em si, se é sobre verbo então trabalho a partir daquele fragmento e vou puxando o verbo. Então, é dessa forma que eu tento, mas não é fácil. Os alunos ainda se prendem muito naquela questão da gramática ser separada isoladamente, até eles entenderem no contexto do texto, isso é um processo bem demorado. Vou desmembrando o texto, mas não é fácil eu sinto assim que os alunos, a princípio eles não gostam, quando é um texto muito longo principalmente, eles ainda têm essa aversão, mas isso está mudando, está bem diferente. Esse ano senti facilidade, os alunos já estão se familiarizando com essa questão de texto em sala de aula. E isso foi devido ao Livro do Mês, porque a gente trouxe o livro em si mesmo. (ENT/PROF X).*

*A outra professora revela que procura trabalhar fazendo a leitura para os alunos prestarem atenção na questão da entonação, na questão da dicção, depois eu peço que eles façam uma leitura silenciosa para fazerem uma leitura atenta do texto, depois fazemos a leitura coletiva. Depois disso, sempre procuro trabalhar o gênero textual ou o gênero literário no caso, trabalhar as características, trabalhar a biografia do autor, e depois disso fazer um trabalho de análise, de interpretação, de compreensão, ou de estrutura da língua a partir daquilo que aparece no texto. (ENT/PROF Y).*

Pode-se identificar que o trabalho com o texto, em especial, na escola B, ocorre por intermédio de fragmentos. O livro literário foi trabalhado porque a escola começou no Projeto Livro do Mês. Essa questão apareceu também na primeira categoria de análise, quando os sujeitos falaram sobre cada etapa do projeto. Os estudos de Petit (2008) apontam que a mediação da leitura, em muitos casos, fica sob a responsabilidade do professor. Por isso, a aproximação da criança e dos jovens com os livros, normalmente, ocorre na escola. Dessa forma, o professor precisa desenvolver um processo de aprendizagem da leitura desenvolvendo uma concepção de leitura e uma prática de leitura que mais do que ensiná-los, incentive-os e promova a leitura, em especial, a leitura literária. Porque a leitura, principalmente de livros, pode auxiliar os jovens “a serem autônomos e não apenas objetos de discursos repressivos ou paternalistas. E ela pode representar uma espécie de atalho que leva de uma intimidade um tanto rebelde à cidadania.” (PETIT, 2008, p. 19).

Nesse sentido, Colomer (2007) afirma que a escola deveria ser estimulada a

dedicar mais atenção à leitura de obras integrais (reduzindo o tempo dedicado a trabalhar as habilidades leitoras desintegradas), a aumentar a conexão entre leitura e escrita (invertendo os termos inclusive) e a deixar de considerar o material da leitura como uma substância neutra denominada “textos” para aceitar que o tipo de livros lidos determina o leitor que se forma. (p. 108)

### 5.3.2 Atividades realizadas para além da leitura prévia de aproximação

Na escola de ensino fundamental percebe-se por meio da fala de alunos e professoras que o trabalho realizado com as obras selecionadas pelo Projeto Livro do Mês vai além da leitura prévia de contato, como destacado anteriormente, os alunos sempre fazem uma atividade de apresentação para os autores a cada mês do projeto tendo como base o livro do autor.

O aluno E conta que eles *pesquisam, por exemplo, no “Simbad” o que poderíamos fazer, fizemos desenhos, mas não vai dar de fazer desenho, então pesquisamos o que dá para fazer, nós pesquisamos um barco, o primeiro barco era de palitinho de picolé, só que ia demorar muito e ia passar o Livro do Mês, então pegamos os barcos de vela para fazer.* (GF/EF 1/ALUNO E). Outro aluno fala de outras obras, por exemplo, no *“Nem eu, nem outro” fizemos uma paródia e uma dança, no “Pilar” fizemos desenhos e construímos um caderno.* (GF/EF 1/ALUNO A).

A professora relata que o trabalho é pensado coletivamente, reforçando a fala anterior dos alunos, ela revela que o que eles apresentam para os autores é construído assim - *e eu sempre jogo também a responsabilidade para eles, não eu vou pensar, mas vocês vão pensar junto comigo, o que vocês acham? Como a história da paródia, pensamos junto o que podíamos fazer, no “Simbad” que foram, como eles gostaram muito, acharam muito linda a ilustração e é maravilhosa, então saiu o livro que eles entregaram para a autora e cada um dentro da sua habilidade artística. Tiveram desenhos maravilhosos e perfeitos e outros mais simples. Os pequenininhos participaram, foram todos juntos naquele livro.* (ENT/PROF W).

As atividades relatadas pelos alunos e professora foram registradas nos diários de campo da pesquisadora, como por exemplo, *a turma da escola A fez duas perguntas – Você considera o livro suspense, mistério ou drama? e a outra acerca da personagem Fênix: A Fênix ela existiu ou era um espírito? Acho que era um espírito. A turma também preparou*

*uma paródia a partir da obra com a música “Tempo de Alegria” de Ivete Sangalo, a meninas e a professora subiram ao palco e apresentaram para cerca de trezentas e quarenta pessoas que participavam do seminário (DC03), outro exemplo, a turma da escola A entregou trabalho escrito com desenhos para a escritora, realizou perguntas relacionadas com as curiosidades que apareceram no dia da prática, como por exemplo: se ela tinha um gato, porque ela utilizava a rede para transportar Pilar e os amigos. (DC09).*

Além da leitura prévia da obra do autor convidado no mês, especificamente na escola A, a professora desenvolve outras atividades antecipadas ao seminário a partir do texto da obra, com o objetivo de que seus alunos apresentem-nas para os participantes e autor convidado no seminário do projeto. Nesse sentido, reafirma-se os estudos de Zilberman (2012) que destacam ser o trabalho do professor que leva a criança a vivenciar experiências de leitura, e que elas ocorrem pela motivação do aluno em compreender os diferentes materiais associados à escrita, e nesse caso específico a associação a diversas manifestações da arte e da cultura.

A experiência de representação da obra literária é descrita por Aguiar (2011), por intermédio de pesquisa desenvolvida no Centro de Lazer e Cultura Viva Nossa Senhora de Fátima, da PUC/RS, em 1996. Os resultados obtidos permitem detectar as condições necessárias à formação do leitor literário. Segundo consta, “partindo sempre de uma situação grupal, lúdica e interativa, em que o livro era apresentado às crianças, manuseado, lido e dramatizado com os recursos de sucata disponíveis (potes, garrafas, caixas, papéis, jornais velhos, tampinhas, etc), as atividades evoluíam, gradativamente, para o ato individual de leitura.” É o que se pode supor de consequência das estratégias utilizadas pela escola A.

### 5.3.3 Atividades realizadas com as obras na escola pós-seminário

Após as etapas propostas pelo Projeto Livro do Mês serem realizadas, as escolas continuam trabalhando a obra na escola, apesar de aparecer em um dos grupos focais do ensino fundamental fala de aluno sobre atividades realizadas na escola, o trabalho posterior ao término das etapas do projeto é mais frequente na escola de ensino médio, que foi relatado por alunos e professoras. Sobre a atividade posterior o aluno G, do ensino fundamental, diz que a professora trabalhou o “*Diário de Pilar*” no Livro do Mês e depois fomos ao seminário, ela praticou sobre os diários conosco, nós escrevemos sobre os diários, e o “*Nem eu, nem outro*” fizemos uma história sobre um acidente como o do personagem principal. (GF/EF 2/ALUNO

G).

No ensino médio vários relatos são realizados a respeito das atividades realizadas posteriormente à participação no projeto. O aluno D falou que *geralmente a professora continua em prova, em trabalhos, continua com questões sobre a ida ao seminário, questões sobre o autor.* (GF/EM 1/ALUNO D). Sobre a obra *Diário de Pilar em Machu Picchu* foi relatado que depois da leitura *a professora solicitou para nós escolhermos outra cidade, ou outro local, para nós criarmos uma história. Eu fiz sobre São Paulo,* conta o aluno G. (GF/EM 1/ALUNO G). Em relação à obra *Nem eu nem outro* dois alunos desse grupo focal fizeram referência, um disse que a professora *passou dez perguntas* (GF/EM 1/ALUNO H), e o outro referiu que em Literatura a professora *passou umas questões sobre mitologia.* (GF/EM 1/ALUNO F).

No outro grupo focal do ensino médio apareceram falas que vão ao encontro dos colegas que expuseram anteriormente acerca das atividades subseqüentes à participação no Projeto Livro do Mês. Em conjunto, sobre a obra *Nem eu nem outro*, eles responderam *teve a prova* (GF/EM 2/ALUNOS A, G e J), o que o aluno C reforça *sim, antes da prova ela deu uma folha com umas perguntas.* (GF/EM 2/ALUNO C). E com relação à obra *Diário de Pilar em Machu Picchu* o aluno H revelou que *a professora mandou escolhermos uma cidade, uma pessoa e montamos um livro.* (GF/EM 2/ALUNO H).

As professoras, em suas respectivas entrevistas, também, comentaram acerca das atividades citadas pelos alunos e acrescentaram observações a respeito do desenvolvimento dos alunos nelas. A professora X conta que com a obra “*Nem eu nem outro*” *até numa das provas de PPDA eu usei todo ele como base. PPDA é a prova de recuperação que eles têm. Então eu usei todo o livro, essa é uma prática nova. Eu usei todo o livro, fragmentos do livro, para fazer a prova. Tanto é que eu notei que os alunos foram muito bem na prova, acho que por essa questão deles conseguirem ter se envolvido, puxei questões de gramática, a questão de interpretação, associei com a mitologia. Consegui fazer uma prova embasada toda encima disso e eles foram muito bem. Gostei também de trabalhar com o “Diário de Pilar”. Porque era uma história que eu achei que eles não iam gostar. Como eles ainda são pré-adolescentes, alguns são crianças ficou aquele encantamento por parte de alguns alunos. Eles tiveram que fazer uma nova história de Pilar em outro lugar, saíram ótimos, excelentes trabalhos, então eles acabaram se envolvendo, até se você conversa agora com os alunos, eles também querem viajar, eles também querem ser igual a Pilar, queriam conhecer de fato a bonequinha da Pilar. Foi bem interessante quando eles foram ao seminário e a autora*

*mostrou Pilarzinha e você via que os alunos ficaram com os olhinhos encantados. Então foi bem interessante. Essa estrutura do livro de diário acho que até então eles não tinham visto livros nesse formato. E eles tiveram que produzir um diário mesmo. Então eles também se envolveram e foi bem legal. O resultado final foi eles produzirem um diário, esse diários foram colocados na mostra pedagógica da escola, então essa foi a atividade. O “Perdida” eles tiveram que fazer encenações. Encenaram algumas partes do livro. Eu acho que acabamos nos detendo mais nesses, foi especificamente nesses três livros, “Perdida”, “Nem eu, nem outro” e o “Diário de Pilar”. O que aconteceu? Por que eu não fiz essas atividades nos outros livros? Agora eu estava lembrando, em alguns momentos parávamos o conteúdo em si para poder ler em sala de aula, porque não tínhamos os livros para emprestar, e quando acabava com o encontro com o escritor, no momento que voltávamos para a sala de aula eu tinha que dar conta do conteúdo que eu tinha deixado de lado, então às vezes esse “feedback” de volta para o aluno, depois de tudo eu acabava não fazendo. (ENT/PROF X).*

A professora Y descreveu as mesmas atividades que a colega expôs e acrescentou outras diferentes. *Com o “Poeplano” eles declamaram e nós fizemos um trabalho com a poesia na escola, colocamos poesias nos corredores para os outros colegas lerem, e eles pegaram aqueles poemas que mais chamou a atenção deles e trabalharam com a declamação, com a questão da oralidade e da dicção. Com o “Perdida” eles fizeram vídeos a partir da história, da narrativa. Com o “Simbad” desenvolvemos um trabalho, em que eles tinham que fazer a leitura e apresentar os contos para os colegas da maneira que eles achassem melhor. Com o “Dias perfeitos” eles só fizeram a leitura a gente não desenvolveu um trabalho. O “Nem eu, nem outro” fizemos um trabalho puxando outros textos, filmes, por exemplo, que retratavam essa questão e eles tiveram que apresentar. O “Diário de Pilar” foi o que eles fizeram a produção de dar continuidade à narrativa, imaginando onde, a partir de um lugar que eles gostariam de ir, a Pilar foi, e inclusive, eles desenvolveram como o livro a parte do texto escrito e das imagens daquele local que eles escolheram para a narrativa. E o último, no “Feérica” eles acabaram ficando só com a leitura também. (ENT/PROF Y).*

Na escola A o trabalho descrito anteriormente antecede o seminário; já na escola B as professoras realizam atividades pós-seminário, como por exemplo: produção textual, prova, produção de vídeo, exposições. Essas atividades não são realizadas com todas as obras indicadas pelo projeto, pois as professoras afirmam que precisam vencer os conteúdos e que para realizar essas ações deixam de lado as matérias programáticas do seu componente curricular. Sobre isso, pode-se dizer, com base em Zilberman (2012), que o professor pode, ao



reparar o desejo de seus alunos pelos livros, ser um companheiro de leituras e juntamente com eles entender a literatura como uma possibilidade de construção de conhecimento. Ao mesmo tempo poderá usufruir do entretenimento e das novas relações que essa prática possibilitará.

#### 5.3.4 O espaço pedagógico biblioteca escolar e a leitura

A questão sobre o uso da biblioteca escolar para retirada de livros e para leitura aparece nos dois grupos focais do ensino médio e os alunos declaram não utilizarem esse espaço pedagógico de democratização do acesso ao livro, e conseqüentemente, à leitura.

Os diálogos expressam a fala dos alunos, seguem as conversas.

*MEDIADORA: antes de vocês conhecerem o Projeto Livro do Mês, vocês faziam uma prática de leitura na escola, vocês vinham pegar livro na biblioteca?*

*ALUNO A: tipo, mas não a professora dizendo - vamos pegar livro e vamos ler.*

*ALUNO D: ela pegava sempre os fragmentos, muitas vezes pedacinhos.*

*MEDIADORA: Vocês vinham por conta própria pegar livro? É isso?*

*ALUNO A: não, nós não vínhamos.*

*MEDIADORA: ah, vocês não vinham à biblioteca.*

*ALUNO B: ou vinha, pegava e não lia.*

*ALUNO A: pegava, começa a ler e deixava encima da cômoda.*

*MEDIADORA: vocês faziam a leitura literária antes? Ou não faziam?*

*ALUNO F: eu acho que sim. Até a quarta série eu vinha na biblioteca*

*ALUNO D: para mim a professora sempre indicava.*

*MEDIADORA: mas não era prática em sala de aula?*

*ALUNO D: não era prática em sala de aula*

*ALUNO A: até a quarta série elas traziam nós na biblioteca, às vezes, traziam a sacola, mas nada assim do tipo. (GF/EM 1/ALUNOS A, B, D e F).*

O diálogo do outro grupo focal aconteceu assim.

*MEDIADORA: e livro, quem é que trabalha o livro com vocês? A não ser esses do Projeto Livro do Mês.*

*ALUNO A: só a professora "Y"*

*MEDIADORA: e a professora "Y" trabalha com outros livros a não ser os livros do projeto?*

*TODOS: não*

*MEDIADORA: Vocês veem à biblioteca retirar livros?*

*TODOS: não*

*MEDIADORA: Não é proposto isso a vocês?*

*TODOS: respondem negativamente com a cabeça.*

*MEDIADORA: e anteriormente, vocês não tinham essa prática de vir à biblioteca?*

*ALUNO G: ah, ano passado tinha. A professora Márcia trazia nós.*

*MEDIADORA: como era o trabalho de leitura?*

*ALUNO G: nós pegávamos o livro, levava pra casa, lia, eu não lia, e depois nós debatíamos em aula*

*ALUNO F: eu tinha, mas era na outra escola*

*ALUNO C: eu também tinha, mas era na outra escola*

*ALUNO F: na outra escola eles falavam para nós pegarmos um livro, nós pegávamos um livro, liamos em casa, e depois contávamos para os colegas, fazíamos um círculo e contávamos as histórias que tínhamos lido*

*ALUNO C: eu, na minha outra escola, pegava um livro, com o professor de português, a lia e tinha que fazer um trabalho, às vezes, até teatro tinha que fazer, tinha que representar o livro (GF/EM 2/ALUNOS A, C, F e G).*

A fala dos alunos vai ao encontro da colocação da professora Y que declara ser o Projeto Livro do Mês *uma possibilidade deles fazerem a leitura, uma leitura coletiva, que vamos desenvolvendo a leitura em sala de aula, eles vão ter a possibilidade de trabalhar com as questões do gênero, trabalhar com as questões temáticas que você traz na prática leitora, que aparece no livro e depois ter a possibilidade de conversar com o autor e tirar dúvidas, e dizer aquilo que eles pensam sobre o livro, o que não acontecia na escola, antes desse Projeto. Então o Livro do Mês, ele é uma possibilidade de nós ampliarmos tanto o mundo da leitura quanto da escrita do aluno na escola.* (ENT/PROF Y).

Um fato leva a outro e, no caso específico da escola B, os alunos revelam não utilizar o espaço pedagógico da biblioteca, nem para empréstimo de livros e nem para leitura. Como foi destacado anteriormente, o trabalho com o texto na escola é realizado por meio de fragmentos e o livro literário apareceu no momento em que a escola passou a participar do Projeto Livro do Mês. O espaço da biblioteca escolar não é foco deste estudo, mas se reconhece ser a biblioteca escolar um ambiente pedagógico e de democratização do acesso ao livro e a leitura, que só é relevante no universo escolar se tivermos leitores frequentando-o.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar o processo de formação de leitores literários é buscar formas de envolver crianças, jovens e adultos no mundo da leitura, fortalecendo o trabalho realizado pelas instituições de ensino e empoderando os professores, agentes de leitura no universo escolar. Para tanto, é fundamental a tomada de decisão no que se refere ao significado do ato de ler, o que se entende por leitura, leitura literária, quem é o leitor contemporâneo, e como se dá a formação desse leitor em tempos de hipermobilidade e ubiquidade, lembrando que novos processos culturais não eliminam os anteriores, porque eles coexistem e devem se complementar.

Outra questão relevante é o resgate da história do livro e seus suportes, bem como do leitor e suas práticas de leitura, com a finalidade de, desvelando os processos passados, possa auxiliar na compreensão de eventos do presente. Entendendo a leitura, o leitor e os materiais de leitura não como episódios isolados, mas inseridos em um contexto histórico, social e cultural.

Motivada por todas essas matérias, a pesquisadora definiu investigar que percepções discentes e docentes manifestam acerca do Projeto Livro do Mês e que elementos de uma concepção de leitura literária adentram e se interiorizam na escola através desse Projeto.

Para responder ao problema central optou-se, primeiramente, por investigar como o Projeto Livro do Mês é vivido no interior de escolas que se engajam a ele e o alcance da concepção de leitura literária que o embasa; outra questão foi recompor a história do Projeto Livro do Mês no contexto das Jornadas Literárias passo-fundenses; abordar, com base no ponto de vista dos jovens, as mudanças provocadas pelo Projeto em sua relação com o livro e a leitura literária; e, por fim, as necessidades que estudantes e professoras vivenciam acerca da leitura literária, resultantes da sua participação no Projeto Livro do Mês. Com base nesses questionamentos, reuniram-se elementos que possibilitaram a compreensão de dados produzidos por meio dos sentidos estabelecidos pelos sujeitos sobre suas experiências no Projeto Livro do Mês.

Esleveu-se para o primeiro momento expor os estudos acerca da leitura, da leitura literária, do leitor e da formação do leitor. Essa primeira parte resultou na recomposição de um conceito de leitura concebido como prática social, política e cultural tomando como base as pesquisas de Abreu (1999), Marcuschi (2008), Silva (2011), Freire (2001), Bakhtin (2006), Kleiman (2013), Rösing (2011 e 2014), entre outras contribuições acerca do tema. Dando

sequência, buscou-se recuperar elementos da história do leitor e das maneiras de ler, com base nas pesquisas do proeminente historiador francês, Roger Chartier (1998 e 1999), e nas relevantes pesquisas de Regina Zilberman (2012), os quais reconstróem a história da leitura situando-a em meio a mudanças formais, culturais e históricas. Em seguida, o texto na relação com o leitor foi o tema desenvolvido e embasado nos estudos de Iser (1979), Colomer (2003), Paulino (2009, 2011) e Zilberman (1986, 1988, 1989 e 2001). Conhecer os tipos de leitores analisados por Bamberger (2000) por intermédio dos materiais de leitura de preferência do leitor e com base nas pesquisas de Santaella (2004 e 2013) permitiu apresentar o perfil cognitivo do leitor ao se envolver com suportes e estruturas de textos distintos. Por fim, foi desenvolvida a temática da formação do leitor contemporâneo, desde o primeiro contato da criança com a leitura, passando pelo trabalho da escola e do professor no processo de formação do leitor literário. Nesse sentido o texto foi estruturado alicerçado nas pesquisas de Petit (2008), Zilberman (2012), Paulino (2011) e Azevedo (2004).

Desses estudos compreende-se o ato de ler para além da decifração de um código, mas como ação que incorpora as relações entre palavra e imagem, desenho e dimensão do tipo gráfico, bem como, do texto e sua diagramação. Assim, surge uma multiplicidade de leitores desde aquele que lê o livro, a imagem, a fotografia, a pintura, o jornal, a revista, ao leitor de sinais, mapas, gráficos e dos movimentos do ambiente urbano, como as placas de orientação, os nomes de rua, os sinais de trânsito. Há também o leitor da imagem em movimento, como o que lê o cinema, a televisão e os vídeos. Agregando a esses a mudança de suporte, o leitor do texto impresso passou para a leitura na tela do computador.

Nessa perspectiva, o Projeto Livro do Mês objetiva formar leitores multimídiais com uma proposta de metodologia de leitura literária, que prevê o encontro do leitor com a obra, o que garante o diálogo efetivo entre leitor/obra/autor. No desenvolvimento da prática leitora tem-se como fim estimular a discussão da obra e o compartilhamento de experiências de leitura, ao mesmo tempo em que utiliza diferentes linguagens e distintos suportes, estimula a identificação da presença de outros textos na criação da obra. E, posteriormente, coloca-se frente a frente leitor e autor para um debate efetivo, relevante e estimulador de novas leituras.

O trabalho de campo foi realizado durante 2014 em duas escolas da rede estadual de ensino, participantes de todas as edições do projeto. Os dados foram produzidos, primeiramente, por meio de diário de campo que apontou as observações da pesquisadora em dois momentos distintos, o desenvolvimento da prática leitora e o seminário de encontro com o escritor; e após o término de todas as edições do ano foram realizados com os alunos grupos

focais e entrevistas com as professoras, com a finalidade de obter informações sobre a percepção dos sujeitos sobre sua participação no Projeto Livro do Mês. Além disso, foram utilizadas informações em documentos das escolas e do projeto, como por exemplo: as Propostas Político-Pedagógicas, os roteiros das práticas leitoras, como também entrevista com a coordenação do Projeto. Para responder à pergunta da pesquisa, citada anteriormente, fez-se uso da triangulação de dados produzidos, e a análise dos mesmos foi confrontada com os estudos teóricos utilizados como referencial investigativo da presente pesquisa, tendo como categoria central de análise a leitura literária.

As análises percorreram três categorias descritivas, definidas para esse fim – o Projeto Livro do Mês na escola; o leitor diante/com o Projeto Livro do Mês; as práticas de leitura na escola. Essas categorias foram escolhidas para estruturar o trabalho de análise como forma de apresentar conjuntos de significados do cotejo entre os dados produzidos. Com isso, o Projeto Livro do Mês foi reconstituído e contextualizado em cada uma de suas etapas, por meio das percepções dos sujeitos que o vivem no contexto escolar e fora dele.

A primeira constatação a que se chega após essa produção diz respeito à importância da metodologia da leitura antecipada da obra, leitura prévia, utilizada pelo projeto. Essa etapa se mostrou fundamental para a efetiva participação nas demais etapas, sendo que os sujeitos perceberam que a sua realização, mesmo sendo uma leitura de contato com a obra, ou seja, sem aprofundamento, é importante para a participação nas demais etapas do projeto. A escola B, diferente da escola A, realizou a leitura prévia da obra de forma fragmentada, o que demonstrou uma dependência do trabalho da prática leitora multimídia para a compreensão do texto e um afastamento do diálogo com o autor no seminário. A leitura fragmentada prejudica o processo de significação do texto pelo leitor e não efetiva o processo de formação do leitor literário.

A prática leitora multimídia, segunda etapa do projeto, foi destacada como o elo entre a leitura prévia e o seminário de encontro com o autor pelos sujeitos pesquisados. Essa etapa mostrou cumprir com o seu objetivo de sensibilizar alunos e professores para o diálogo com o escritor, partindo da obra selecionada, identificando a presença de diferentes discursos no texto e entre textos de diferentes linguagens e distintos suportes. Essa ação foi enfatizada, igualmente, pelos participantes da pesquisa que visualizaram a prática leitora multimídia como uma prática diferente da que ocorre na escola, por ser organizada no formato de apresentação, por trazer elementos que contribuem para a compreensão da leitura, por mostrar as conexões possíveis entre diferentes linguagens e por ser desenvolvida com uma linguagem

que se aproxima do universo desses jovens leitores levando-os a despertar o gosto pela leitura.

O Projeto Livro do Mês, ao proporcionar o encontro face a face entre leitor e autor, utiliza mais uma estratégia que leva o leitor em formação a ampliar sua vontade de ler. A interação entre leitor e autor levou o leitor a entrar em contato com o contexto em que a obra foi construída e a descoberta da ideia do autor no desenvolvimento da história, levando-os a perceber que há várias interpretações para a mesma história. Esse diálogo com o autor ao atender ao horizonte de expectativas do leitor em formação promoveu a receptividade da obra, como também do autor e incentivou a busca por outras leituras literárias referendadas pelo processo dialógico entre leitor e autor de construção de sentidos e de novos conhecimentos.

Ao aproximar os leitores em formação, sejam eles alunos ou professores, de autores e obras contemporâneos, o Projeto Livro do Mês adentrou a escola, especificamente a sala de aula, com o livro literário, ou seja, com sua proposta de leitura literária. No caso da escola B, sabe-se que o projeto teve desenvolvimento por conta do desejo do professor, enquanto na escola A o projeto, além de adentrar, se interiorizou como proposta de formação de leitores literários para toda a escola. A partir da participação no Projeto Livro do Mês as escolas passaram a trabalhar com o livro literário, o que até então não ocorria, principalmente, na escola B. O trabalho do texto era realizado a partir de fragmentos de obras literárias ou não, não se efetivando um trabalho de formação de leitores no universo escolar. Essa aproximação com a leitura literária, com uma metodologia comprometida com o trinômio educação-cultura-tecnologia, despertou o gosto pela leitura dos jovens que conquistaram nesse processo de formação autonomia nas discussões acerca das obras, na escola, na prática leitora, no seminário, como também, na escolha de outras leituras. O protagonismo dos alunos se deu de maneira consciente ao avaliar que a participação no Projeto Livro do Mês, por meio da leitura literária, os auxiliou na melhora das habilidades cognitivas nos diferentes componentes curriculares.

Enquanto na rede municipal há verba destinada para a compra de duzentos e cinquenta exemplares de cada obra selecionada, dando condições adequadas para que professores da rede municipal consigam realizar um trabalho efetivo na leitura prévia, na rede estadual não há recursos para a aquisição dos livros. Essa dificuldade é a que surgiu como limitação na participação no Projeto Livro do Mês. O número insuficiente de exemplares da obra do autor convidado faz com que a primeira etapa, que é determinante para o sucesso do projeto, não ocorra de forma efetiva. Há nesse caso um esforço por parte de professores para que a leitura prévia seja realizada, como o que aconteceu nas duas escolas da pesquisa.

Uma solução para essa demanda vem de ideia levantada na própria pesquisa. Surgiu a sugestão de que o Projeto Livro do Mês seja assumido pela escola; essa proposição daria conta de atender outras propostas de mudanças oriundas dos alunos. No momento em que o Projeto Livro do Mês seja interiorizado na escola, haverá remanejamento de verba para ele, ao mesmo tempo em que ampliará a participação de alunos e professores ocorrendo a publicização das atividades desenvolvidas pelo projeto.

Outra questão levantada pelos professores foi a respeito de incluir no processo de escolha das obras docentes atuando em sala de aula de alunos participantes do projeto, com o objetivo de escolher obras que atraíam o interesse desses alunos. Nesse sentido, é importante salientar que a Comissão Interinstitucional Passo Fundo Capital Nacional da Literatura, responsável pela organização do Projeto Livro do Mês, liderada pela prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tania Rösing, é composta por professores da Universidade de Passo Fundo, como também, das redes municipal e estadual de Passo Fundo, observa-se também que as obras selecionadas são contemporâneas, geralmente de jovens escritores, atendendo ao interesse dos leitores em formação. Porém, os professores que compõem a comissão não atuam em sala de aula, mas em órgãos da gestão da educação.

O Projeto Livro do Mês atende a suas expectativas quando alunos revelam que a participação no projeto despertou o gosto pela leitura literária por causas diversas, pois o projeto se destaca por ter a metodologia da leitura prévia, desenvolve a prática leitora multimídia com o objetivo de envolver o leitor em formação com diferentes linguagens e distintos suportes e não dispensa colocar o leitor face a face com o autor. E cada detalhe do projeto foi salientado pelos alunos quando justificaram o porquê desse envolvimento com a leitura literária. Em sequência, o trabalho com o livro literário, uma nova prática de leitura na escola, as associações entre linguagens, o diálogo com o texto e o encontro com o autor desenvolveram nos alunos a vontade de se envolverem com textos de natureza literária.

E, ainda, o leitor diante/com o Projeto Livro do Mês muda sua relação com os livros, pois ao participar de várias experiências novas de leitura literária, por intermédio da prática leitora multimídia, reconhece e valoriza tanto os elementos materiais como os textuais que compõem o livro, percebendo que esses dialogam com o conteúdo da obra os quais estimulam a curiosidade e a imaginação do leitor. Da mesma forma, a descoberta do diálogo que o texto costura com outros textos, de diferentes linguagens, evidenciando os explícitos e os implícitos no texto, levou-os a significar a leitura e a estabelecer uma relação de fruição com a obra.

Esse leitor, antes mesmo da participação no Projeto Livro do Mês, certamente já

apresentava características cognitivas e perceptivas dos diferentes tipos de leitores, do livro impresso ao digital, da leitura de informação a leitura de entretenimento, da leitura do texto escrito no papel à leitura das imagens móveis da computação gráfica, e agora, após essa significação construída na participação no projeto, fica o desafio para a escola e para o professor de trabalhar com a aprendizagem desse leitor que por intermédio das mídias atuais acessa informações que muitas vezes o professor não detém. Por isso, é imprescindível que novas práticas de leitura se estabeleçam no universo escolar, construindo os conhecimentos e as competências necessárias para que esse leitor se comunique, construa novos conhecimentos, interaja com outros leitores, com a sociedade, com a cultura e com o mundo contemporâneo.

É importante salientar que o trabalho com a leitura é de responsabilidade de todos os professores, independente do seu componente curricular, porque, ao participarem do Projeto Livro do Mês, ao desenvolverem um trabalho com a leitura literária, os alunos perceberam o seu desenvolvimento na habilidade de leitura e escrita, mas, também, na habilidade de resolver problemas, na habilidade de processamento de informações, na habilidade perceptiva, ou seja, no seu desenvolvimento cognitivo e, além dele, nas relações sociais na escola e fora dela.

Para aprofundar a categoria de análise acerca das práticas de leitura na escola necessitaria o uso de outras metodologias de produção de dados, porém, as questões que apareceram nas conversas com alunos e professores possibilitam a percepção de algumas características do trabalho realizado com a leitura na escola.

Da mesma maneira que na leitura prévia foi realizada de forma fragmentada a escola B realiza o trabalho com o texto, literário ou não, por meio de fragmentos, o que possibilita deduzir que os alunos de ensino médio não faziam o uso do suporte livro, a não ser o uso do livro didático. O pensamento das professoras ao utilizar fragmentos e/ou pequenos textos tem relação com a ideia de que os jovens não gostam de ler; no entanto, as pesquisas sobre índice de livros lidos e os estudos sobre a leitura com jovens mostram que na idade escolar é o momento em que o sujeito mais lê, portanto, entende-se que o que deve ocorrer é um trabalho efetivo de formação de leitores no universo escolar, aproximando esses jovens da leitura do texto como um todo, da leitura literária, independente do suporte, não apenas para cumprir com os conteúdos pré-estabelecidos em determinado componente curricular, mas sim para incentivá-los a formarem-se leitores e para promover a leitura como uma prática social, política e cultural que a cada dia é mais exigida para a compreensão do mundo, do passado,



do ser humano e de si mesmo.

Como já foi descrito anteriormente em outros momentos, a escola tem autonomia na escolha das estratégias para efetivar a leitura antecipada da obra do autor convidado. Além da leitura, a escola A preocupou-se em fazer um trabalho de expressão da obra por intermédio de uma manifestação artística ou com a produção visual, atividades realizadas no período que antecede o seminário, para que os alunos pudessem apresentar a representação da obra construída pela escola aos participantes do seminário, em especial ao autor, considera-se que esta estratégia auxiliará a formar o leitor autônomo. Já a escola B, em algumas obras, realizou atividades posteriores ao seminário, as quais foram utilizadas pelas professoras como forma de avaliar os alunos em suas respectivas disciplina de atuação, porém, ainda assim, os alunos demonstraram se envolver com as atividades, pois os mesmos as destacaram nas suas falas ao conversar sobre o projeto, e já realizam busca por outras leituras literárias, sem a interferência dos professores, e realizam o compartilhamento das leituras e das vivências de leitura do projeto de forma independente.

Tendo em vista as considerações realizadas com base nos dados produzidos ao longo deste estudo, é possível afirmar que há a entrada do Projeto Livro do Mês na escola, por duas vias distintas – protagonismo do professor e desejo da escola – consegue conquistar novos leitores e sua interiorização no ambiente escolar se dá à medida que há o envolvimento de professores e alunos nas atividades das diferentes etapas, e, para além delas, pelo trabalho realizado antecipadamente e posteriormente ao encerramento de cada edição mensal do projeto. Esse processo de institucionalização acontece em consequência do comprometimento da escola com a formação de leitores. No entanto, não se consegue perceber com propriedade a efetiva incorporação da proposta de leitura literária do projeto às práticas de leitura dos docentes com os alunos. Mas é possível perceber que após a participação, em 2014, no Projeto Livro do Mês há mudanças na relação dos jovens com os livros.

Dessa forma, a participação no Projeto Livro do Mês muda a relação dos alunos com a leitura, uma vez que o trabalho com a leitura literária, com o livro, desperta o seu interesse pelo livro, ao mesmo tempo em que amplia a vontade de ler distintas linguagens. Os leitores em formação passam a identificar conexões entre textos, o que os faz buscar outras referências. A entrada do Projeto Livro do Mês e de sua concepção de leitura literária na escola faz com que professores reflitam sobre as suas práticas de leitura com os alunos e motive-os a rever estratégias utilizadas para trabalhar o texto, em especial o texto de natureza literária, em sala de aula.

Cabe aqui, sugerir à Universidade de Passo Fundo a criação de um projeto de extensão para a formação desses professores, como forma de contribuir com a qualificação do trabalho realizado nas escolas, incentivando a inovação da prática pedagógica da leitura, da leitura literária e da formação de leitores, com ênfase nas duas primeiras etapas do Projeto, ou seja, na leitura prévia e na prática leitora multimídia.

A pesquisa desenvolvida, certamente, poderá colaborar com o trabalho realizado pelas escolas participantes do Projeto Livro do Mês para que a partir deste estudo de caso possam refletir sobre o processo de formação de leitores literários e multimídiais. Essa certamente foi uma das principais contribuições que as mais de três décadas de Jornadas Literárias têm oferecido para a emergência de práticas inovadoras de leitura no universo escolar. Por meio disso talvez possa o município de Passo Fundo consolidar o título de Capital Nacional e Estadual de Literatura, formando cada vez mais leitores literários, contribuindo para o desenvolvimento de cada aluno, mas indubitavelmente para o crescimento social e cultural desse lugar.

Essa pesquisa poderá, também, contribuir com o trabalho da Comissão Interinstitucional Passo Fundo Capital Nacional da Literatura como forma de verificar os desdobramentos dos projetos desenvolvidos para a formação de leitores e a ampliação do índice de leitura no município.

Pretende-se, com isso, que este estudo seja disponibilizado às autoridades competentes para que as ações de leitura desenvolvidas na Capital Nacional e Estadual da Literatura sejam institucionalizadas, não sendo mais realizadas em nível de projeto, mas transformadas em políticas públicas de leitura.

O Projeto Livro do Mês, pela primeira vez, foi tema de pesquisa no âmbito de Mestrado e, portanto, cabe a outros pesquisadores interessados proceder ao aprofundamento do que aqui se apresentou, contribuir, ainda mais, para o fortalecimento de iniciativas locais com vistas à formação de leitores, para o desenvolvimento pessoal e profissional das novas gerações e para que o ato de ler torne-se um comportamento de vida. Como sugestão, caberia um projeto que crie mecanismos de acompanhamento da evolução dos leitores antes e depois de sua participação no Projeto Livro do Mês.

Para tanto, o maior desafio é lançado à escola. Podem os professores desenvolver estratégias de leitura literária observando a realidade de seus alunos na seleção de materiais de leitura, privilegiando a quantidade e a qualidade de informações que atendam às necessidades desses sujeitos e que possam superá-las. Além disso, produzir uma leitura literária como uma

ação que permita aos alunos um comportamento consciente frente à literatura, provocando, assim, a reflexão sobre ela, para que haja espaço e aprimoramento da leitura literária no contexto escolar e para além dele e para a concretização de comportamentos leitores, o que contribui para o enriquecimento cultural e social dos alunos.

No decorrer deste estudo, muitas foram as reflexões que surgiram, pois a pesquisadora enquanto gestora, professora das redes públicas estadual e municipal, participante da movimentação cultural permanente que representa as Jornadas Literárias para Passo Fundo - processo de formação de leitores exemplo para o estado do Rio Grande do Sul e certamente para o Brasil - pode investigar os desdobramentos do Projeto Livro do Mês, desencadeado a partir dessa movimentação e como forma de consolidar o título de Capital Nacional e Estadual da Literatura. Isso certamente a levará a se engajar e a comprometer-se cada vez mais para que a formação de leitores literários no município de Passo Fundo seja não mais por meio de projetos, mas que se torne uma política pública, beneficiando diretamente os alunos e os professores das distintas redes de ensino e das instituições de ensino superior e favorecendo, conseqüentemente, o crescimento social e cultural do município.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil. São Paulo: Fapesp, 1999.

AGUIAR, Vera Teixeira. O compromisso de fazer literatura para crianças e jovens. In: OLIVEIRA, Ieda de (Org.). *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil? Com a palavra, o educador*. São Paulo: DCL, 2011, p. 119-134.

\_\_\_\_\_. Leitura literária e escola. In: EVANGELISTA, Aracy Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs.). *Escolarização da leitura literária*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 235-255.

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ANDRÉ, Marli E.D.A.; LÜDKE, Menga. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a literatura. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004.

BAKHTIN, Mikhail Voloshinov. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito de leitura*. 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 61-78.

BRANDÃO, Helena H. Nagmine. Escrita, Leitura, Dialogicidade. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005. p. 265-273.

BRASIL. *Lei nº 11.264*, de 2 de janeiro de 2006. Diário Oficial da União, Presidência da República, Brasília, DF, 2 de janeiro de 2006.

CEREJA, William. Significação e tema. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 201-220.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. A leitura e o leitor. *Revista Verbo*, ABEU/Associação Brasileira das Editoras Universitárias, São Paulo, n. 10, p. 20-23, agosto 2014.

\_\_\_\_\_. As revoluções da leitura no Ocidente. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999. P. 19-31.

COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon; Porto Alegre: L&PM, 2013.

D'ARIENZO, Maria Augusta; RÖSING, Tania; QUADROS, Tiane. Projeto livro do mês: dimensões de um diálogo entre leitores e escritores. *Contexto*. Revista do programa de pós-graduação em letras, Vitória, v. 27, p. 218-237, 2015/1.

ESTEBAN, Maria Paz Sandín. *Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições*. Porto Alegre: AMGH, 2010.

FAILLA, Zoara (Org.). *Retratos na leitura no Brasil 3*. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012.

FÁVERO, Altair Alberto; GABOARDI, Antonio; CENCI, Angelo (Coord.). *Apresentação de trabalhos científicos: normas e orientações práticas*. 5. ed. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2014.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 161-193.

FLICK, Uwe. *Desenho da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

\_\_\_\_\_. *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 41. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GATTI, Bernadete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Liber Livro Editora, 2012.

GATTI, Bernardete; ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (orgs.). *Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GOMES, Isis Valeria. Retrospectiva – o acesso ao livro e à leitura pelos jovens no Brasil. In: FAILLA, Zoara (Org.). *Retratos na leitura no Brasil 3*. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012.

NEPOMUCENO, Eric. In: HILGERT, José Gaston; RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; GRAEFF, Telisa Furlanetto (Orgs.). *Anais da V Jornada Nacional de Literatura*. Passo Fundo: Editora UPF, 1993. p. 34-35.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: JAUSS, Hans Robert et al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Organização e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KLEIMAN, Angela. *Oficina de Leitura: teoria e prática*. 15. ed. Campinas, SP: Pontes, 2013.

\_\_\_\_\_. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PAULINO, Graça. Sobre leitura e saber, de Annie-Marie Chartier. In: EVANGELISTA, Aracy Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs.). *Escolarização da leitura literária*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 71-76.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. (Orgs.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009, p. 61-79.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Ed. 34, 2008.

QUILES, Maria del Carmen. Lectura literaria. In: NÚÑES, Eloy Martos; FERNÁNDEZ-FÍGARES, Mar Campos. (Coord.). *Diccionario de nuevas formas de lectura y escritura*. Badajoz, Espanha: Red Internacional de Universidades Lectoras; Santillana, 2013, p. 384-386.

RÖSING, Tania M.K. Rösing. Promoção da leitura e movimentações culturais: as Jornadas Literárias de Passo Fundo. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. (Orgs.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009, p. 205-225.

\_\_\_\_\_. *Projeto livro do mês 2011: a leitura e as mídias*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2011.

\_\_\_\_\_. *Projeto Livro do Mês 2012: leitura e diversidade*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2014.

\_\_\_\_\_. *Projeto Livro do Mês 2013: a formação de jovens leitores*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016.

\_\_\_\_\_. Do currículo por disciplina à era da educação-cultura-tecnologia sintonizadas: processo de formação de mediadores de leitura. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho; RÖSING, Tania M. K. *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. 1. Ed.. São Paulo: Global, 2009.

\_\_\_\_\_. O início do sonho e o sonho em ação. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; RETTENMAIER, Miguel (Org.). *30 anos de jornadas literárias: estudos: edição comemorativa*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2011.

RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; SILVA, Ana Carolina Martins da. *Práticas leitoras para uma cibercivilização II: 500 anos de Brasil: memórias que nossa consciência não escolheu*. Passo Fundo: UPF Editora, 2001.

ROSSI, Pedro S. *Normas para transcrição de entrevistas gravadas*. Disponível em: [http://www.psrossi.com/Normas\\_entrev.pdf](http://www.psrossi.com/Normas_entrev.pdf). Acesso em: 10 nov. 2015.

SANTAELLA, Lucia. *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Paulus, 2013.

\_\_\_\_\_. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Biblioteca, inovação e comunidade. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; FERRARI, Adriana Cybele (Orgs.). *Biblioteca, inovação e comunidades leitoras*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016, p. 109-126.

TUSSI, Rita de Cássia; RÖSING, Tania M. K. *Programa Bebelendo: uma intervenção precoce de leitura*. São Paulo: Global, 2009.

VOLOSHINOV, V. N. *O discurso na vida e o discurso na arte*. Trad. Para uso didático por C. Tezza e C. A. Faraco. s.d. 25p. Disponível em: < [www.uesb.br/ppgcel/Discurso-Na-Vida-Discurso-Na-Arte.pdf](http://www.uesb.br/ppgcel/Discurso-Na-Vida-Discurso-Na-Arte.pdf). > Acesso em: 12 jul. 2015.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. *A leitura e o ensino da literatura*. Curitiba: InterSaberes, 2012.

\_\_\_\_\_. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. Literatura infantil: livro, leitura, leitor. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *A produção cultural para criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.



**ANEXO 1 – Roteiro de entrevista com professores**

1. Tu trabalhas com textos literários em tuas aulas?
2. Como eles entram nas aulas? Como é feito esse trabalho?
3. Como os alunos reagem a esse trabalho? Que interesses manifestam? Que dificuldades manifestam?
4. Como tu vê o Projeto Livro do Mês? O que pensas dele?
5. Dos livros trabalhados neste ano, de qual (is) tu mais gostaste? Por quê?
6. Um dos momentos do projeto é a leitura prévia feita pelos estudantes. Como ela foi encaminhada aqui na escola?
7. Outro momento é a prática leitora. Como tu a avalias?
8. Os alunos comentam sobre a prática leitora? O que comentam?
9. Tu observas alguma repercussão da prática leitora na busca dos alunos por outras obras indicadas? Se sim, quais?
10. A proposta inicial do projeto é que a prática leitora venha a ser assumida pela escola integrante do Projeto. Se isso ocorresse, que vantagens isso teria? Que desvantagens isso traria?
11. No caso de tu vires a ser responsável pelo desenvolvimento das práticas leitoras, de que tu necessitarias? Como tu te vê desenvolvendo-as?
12. Outro momento do projeto é o seminário com o autor. O que tu consideras importante nesse momento?
13. Os alunos comentam sobre o seminário? Quais são as expectativas deles em relação ao seminário?
14. A participação no seminário faz alguma diferença, de teu ponto de vista, na qualidade da leitura que eles realizam? Quais?
15. Depois do seminário, são feitas atividades ou comentários em sala de aula sobre o que ocorreu, sobre a fala do autor, ou algo do gênero?
16. Como você avalia o Projeto Livro do Mês, suas etapas, a relevância?
17. Tem algo sobre o Projeto que tu gostarias de saber mas não teve oportunidade de perguntar?
18. Se tu fosses consultada sobre mudanças a serem feitas no Projeto, o que tu sugeririas?
19. Tu desejas continuar trabalhando nas próximas edições do projeto? Por quê?

**ANEXO 2 - Roteiro de entrevista professora “Z”**

## Entrevista Professora “Z”

1. As Jornadas Literárias são reconhecidas como uma movimentação cultural permanente. Como elas chegaram a isso?
2. O Projeto Livro do Mês é um elemento da movimentação cultural? De que forma? Por que razão?
3. Quando o Projeto Livro do Mês foi concebido quais eram as expectativas em relação a ele? Que impacto se queria produzir? Essas expectativas se realizaram? Quais?
4. Que expectativas não se cumpriram? Por quê?
5. De seu ponto de vista, que mudanças precisariam ocorrer com o projeto Livro do Mês? Em que aspectos tu investirias?

### ANEXO 3 - Autorização Direção da Escola, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, Termo de Assentimento do Menor.



#### Autorização da Direção da Escola para a realização de pesquisa

À Direção da Escola \_\_\_\_\_

Para fins de estudo e pesquisa em Educação e para coletar dados para a dissertação de mestrado em Educação pela Universidade de Passo Fundo, orientada pela professora Dr<sup>a</sup> Adriana Dickel, eu, Maria Augusta D'Arienzo, gostaria de realizar uma pesquisa referente ao Projeto Livro do Mês com estudantes do \_\_\_\_\_, do turno da \_\_\_\_\_/2014 da Escola \_\_\_\_\_, no período de agosto a dezembro. Para tanto, necessito do consentimento formal da direção da escola para que o projeto seja aplicado.

Esclareço que será emitido aos pais ou responsáveis um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo que os mesmos poderão autorizar ou não a participação dos filhos. A coleta de dados será realizada através de grupos focais nos quais os participantes farão trocas de representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias relevantes ao estudo acerca do Projeto Livro do Mês.

A investigação será efetivada após o recebimento dos termos (TCLE) autorizados pelos pais ou responsáveis. É importante salientar que a coleta de dados não implica em gastos, riscos ou desconfortos aos participantes, tampouco para a escola.

Os dados que serão coletados não serão identificados a fim de garantir o sigilo e privacidade dos envolvidos nessa pesquisa. Os resultados serão utilizados para fins de estudos científicos, apresentação de artigos em eventos na área da educação, objetivando o aprimoramento, aperfeiçoamento e a reflexão docente acerca do processo de formação de leitores.

Desde já agradeço.

Atenciosamente,

Passo Fundo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.

---

Maria Augusta D'Arienzo  
Mestranda pelo PPGEDU – UPF

---

Assinatura da Direção



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
Campus I - Km 171 - BR 285, Bairro São José, C. Postal 611  
CEP 99052-900 Passo Fundo/RS - Fone (54) 3316-8295



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
**Educadoras**

Você está sendo convidada a participar da pesquisa “O Projeto Livro do Mês e a formação de leitores”, de responsabilidade da pesquisadora Maria Augusta D’Arienzo, acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade de Passo Fundo, e orientanda da Prof. Dr. Adriana Dickel. Nosso objetivo é conhecer melhor as práticas de leitura e as suas percepções, restrições e vivências do Projeto Livro do Mês nas suas diferentes etapas – leitura prévia, prática leitora do projeto, seminário com o autor e suas atividades no retorno a escola.

A sua participação na pesquisa restringe-se aos momentos de aula no período regular de trabalho que desenvolve junto à Escola \_\_\_\_\_. A coleta de dados realizar-se-á mediante observação das práticas leitoras e entrevista. Você terá a segurança de receber explicações sobre qualquer dúvida relacionada à pesquisa, podendo ter acesso aos dados em qualquer etapa do processo de investigação. As informações serão gravadas, transcritas e, posteriormente, destruídas. Os resultados da pesquisa serão divulgados na forma de dissertação, e/ou de artigos, sempre com a segurança de sigilo e da confidencialidade dos dados, assegurando seu anonimato.

Sua participação nessa pesquisa não é obrigatória; por isso poderá desistir a qualquer momento, anulando, assim, seu consentimento. Dessa forma, se você concorda em participar da pesquisa como consta nas explicações e orientações acima, coloque seu nome no local indicado abaixo.

Desde já, agradecemos a sua colaboração e solicitamos a sua assinatura de autorização neste Termo, que será também assinado pela pesquisadora responsável, em duas vias, sendo que uma delas ficará com você e a outra com a pesquisadora.

Passo Fundo, \_\_\_\_ de dezembro de 2014.

Nome da educadora: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome da pesquisadora: Maria Augusta D’Arienzo

Assinatura: \_\_\_\_\_



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Seu (ua) filho (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa *O Projeto Livro do Mês e a formação de leitores* de responsabilidade da pesquisadora Maria Augusta D'Arienzo, acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo. Essa pesquisa tem o objetivo de analisar as percepções, restrições, vivências acerca do Projeto Livro do Mês produzidas pelos diferentes sujeitos envolvidos nessa atividade, que ocorre mensalmente na Escola \_\_\_\_\_.

A participação de seu (ua) filho (a) na pesquisa implicará a sua presença nas aulas nas quais normalmente são desenvolvidas atividades relativas ao projeto e em um (1) encontro, pela parte da manhã, com duração aproximada de uma (1) hora, com a finalidade de compor um grupo, a ser coordenado pela pesquisadora, no qual os seus integrantes – os estudantes – poderão se manifestar em relação ao Projeto Livro do Mês. Esse grupo ocorrerá em horário normal de funcionamento da Escola e em uma sala designada pela Direção para esse fim. Os dois momentos serão gravados para fins de viabilizar a reprodução em forma escrita das intervenções dos estudantes. Após serem transcritas, os registros em áudio e vídeo serão destruídos. A identificação do participante ficará em sigilo, isto é, não serão divulgadas na forma escrita tampouco na forma de áudio e vídeo. Os dados serão utilizados somente para as finalidades constantes no projeto de investigação cujo título encabeça este Termo. A participação de seu filho (a) nessa pesquisa não é obrigatória; por isso, ele poderá desistir de integrar o trabalho a qualquer momento, anulando, assim, seu consentimento. Os resultados do trabalho serão divulgados na forma de dissertação e/ou de artigos, sempre com a segurança de sigilo e da confidencialidade dos dados.

Você terá a segurança de receber explicações sobre qualquer aspecto relacionado à pesquisa, podendo ter acesso aos dados em qualquer etapa do processo de investigação; basta, apenas, entrar em contato com a pesquisadora. Caso se considere prejudicado (a) na sua dignidade e autonomia, você poderá entrar em contato com a pesquisadora Maria Augusta D'Arienzo pelo telefone (54) 99810366 ou com o Curso de Mestrado em Educação da Universidade de Passo Fundo, pelo telefone (54) 3316-8295, no horário das 08h às 11h30min e das 14h às 17h30min, de segunda a sexta-feira. Também poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa da UPF, pelo telefone (54) 3316-8157, no horário das 08h às 12h e das 13h30min às 17h30min, de segunda a sexta-feira.

Isso posto, se você concorda que seu (ua) filho (a) participe da pesquisa como consta nas explicações e orientações acima, coloque seu nome no local indicado abaixo.

Desde já agradecemos a sua colaboração e solicitamos a sua assinatura de autorização neste Termo, que será também assinado pela pesquisadora responsável, em duas vias, sendo que uma delas ficará com você e a outra com a pesquisadora.

Passo Fundo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.

Nome do (a) responsável pelo participante: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome do (a) pesquisador (a): Maria Augusta D'Arienzo

Assinatura: \_\_\_\_\_

### Termo de assentimento do menor

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “O Projeto Livro do Mês e a formação de leitores”, sob orientação da professora Dr. Adriana Dickel (Universidade de Passo Fundo). Seus pais permitiram que você participasse.

O que significa assentimento? O assentimento significa que você concorda em fazer parte do grupo de crianças e adolescentes que tomarão parte dessa pesquisa.

Queremos conhecer melhor as práticas de leitura e as suas percepções, restrições e vivências do Projeto Livro do Mês nas suas diferentes etapas – leitura prévia, prática leitora do projeto, seminário com o autor e suas atividades no retorno a escola.

Para isso, solicitamos à Direção de sua escola, para desenvolver as práticas leitoras do projeto e observá-las e para organizar um encontro onde você poderá expor suas ideias acerca do Projeto Livro do Mês, estas atividades se realizaram e realizarão no período \_\_\_\_\_, dirigidas ao \_\_\_\_\_. A pesquisadora Maria Augusta D’Arienzo, aluna do curso de Mestrado em Educação da UPF, desenvolveu as práticas leitoras do projeto, todos os meses, durante o ano de 2014, dentro do horário regular de aulas e organizou o encontro. Todos os dados gerados têm a finalidade exclusiva de contribuir para o desenvolvimento desta pesquisa.

O seu nome não será divulgado e as imagens geradas por videogravação serão excluídas logo que a transcrição dos dados for realizada. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, pois este é um direito seu e também você poderá desistir de participar a qualquer momento.

Caso você tenha perguntas a fazer sobre a pesquisa e os dados produzidos pelos pesquisadores, poderá telefonar para a Prof.<sup>a</sup> Adriana Dickel, número 33168295.

Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificação de seus participantes. Quando terminarmos a pesquisa, vamos produzir artigos que tratem sobre o tema de investigação.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar. É importante que você tenha entendido as coisas que estão escritas neste termo.

Eu \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa “O Projeto Livro do Mês e a formação de leitores”. Entendi o que acontecerá a partir de minha participação. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir, pois nada vai me acontecer. A pesquisadora, Maria Augusta D’Arienzo, tirou minhas dúvidas e consultou os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Passo Fundo, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do menor/aluno

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) pesquisador(a)





**UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
 Campus I - Km 171 - BR 285, Bairro São José, C. Postal 611  
 CEP 99052-900 Passo Fundo/RS - Fone (54) 3316-8295



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**  
**Educadoras**

Você está sendo convidada a participar da pesquisa “O Projeto Livro do Mês e a formação de leitores”, de responsabilidade da pesquisadora Maria Augusta D’Arienzo, acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade de Passo Fundo, e orientanda da Prof. Dr. Adriana Dickel. Nosso objetivo é conhecer melhor as práticas de leitura e as percepções, restrições e vivências do Projeto Livro do Mês nas suas diferentes etapas – leitura prévia, prática leitora do projeto, seminário com o autor e suas atividades no retorno à escola.

A sua participação na pesquisa ocorrerá por meio de entrevista. Na condição de entrevistada, você terá a segurança de receber explicações sobre qualquer dúvida relacionada à pesquisa, podendo ter acesso aos dados em qualquer etapa do processo de investigação. As informações serão gravadas e transcritas. Os arquivos serão, posteriormente, destruídos. Os resultados da pesquisa serão divulgados na forma de dissertação e/ou de artigos, sempre com a segurança de sigilo e de confidencialidade dos dados, assegurado o seu anonimato.

Sua participação nessa pesquisa não é obrigatória; por isso, poderá desistir a qualquer momento, anulando, assim, seu consentimento. Dessa forma, se você concorda em participar desse momento do projeto de pesquisa, assine este Termo logo após a indicação de seu nome no local exposto abaixo. Este documento segue assinado pela pesquisadora responsável e consta de duas vias, sendo que uma delas ficará com você e a outra com a pesquisadora.

Desde já, agradecemos a sua colaboração com o desenvolvimento do projeto e com a consecução de seus objetivos.

Passo Fundo, \_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

Nome da professora:

Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome da pesquisadora: Maria Augusta D’Arienzo

Assinatura: \_\_\_\_\_

**ANEXO 4 - Roteiro do grupo focal**

## Roteiro Grupo Focal

1. Jogo de Memória – ligar livro, autor, gênero, outros aspectos em relação ao livro levados pela Prática Leitora.
2. Qual (is) o (s) livro (s) que vocês mais gostaram, por quê?
3. Vocês sempre gostaram de ler? O que ou quem influenciou a leitura?
4. Como e quem realiza a discussão de texto na sala, ou leitura de livro (inteiro, com discussão? (Como vocês trabalhavam a leitura antes da participação no Projeto Livro do Mês?)
5. O que vocês acharam de poder conversar com o(a) autor(a), faz alguma diferenças depois da leitura?
6. Como foram trabalhados os livros pela professora e pela turma?
7. O que vocês fizeram depois do seminário com o (a) autor (a)?
8. O que vocês mais gostaram na prática leitora?
9. Pela indicação de leitura nas práticas leitoras, alguém buscou essas leituras. (Vocês notaram alguma mudança a partir da participação no Projeto Livro do Mês com a leitura?)
10. Vocês acham importante um projeto como esta dinâmica: leitura prévia, prática leitora, seminário com o autor?



## ANEXO 5 - Registro dos documentos coletados e utilizados no trabalho de campo/2014

Tipos de documentos: DC – Diário de Campo; ENT – Entrevista; GF – Grupo Focal; PL – Prática Leitora

<b>Tipo de Material</b>	<b>Código</b>	<b>Data</b>	<b>Descrição</b>
DC	DC01	13/08/2014	Observação Prática Leitora com Ensino Fundamental
DC	DC02	14/08/2014	Observação Prática Leitora com Ensino Médio
DC	DC03	25/08/2014	Observação Seminário
DC	DC04	16/09/2014	Observação Prática Leitora com Ensino Fundamental
DC	DC05	24/09/2014	Observação Prática Leitora com Ensino Médio
DC	DC06	25/09/2014	Observação Seminário
DC	DC07	15/10/2014	Observação Prática Leitora com Ensino Fundamental
DC	DC08	22/10/2014	Observação Prática Leitora com Ensino Médio
DC	DC09	23/10/2014	Observação Seminário
DC	DC10	18/11/2014	Observação Prática Leitora com Ensino Fundamental
DC	DC11	14/11/2014	Observação Prática Leitora com Ensino Médio
DC	DC12	28/11/2014	Observação Seminário
ENT	ENT/PROF W	11/12/2014	Entrevista com a professora W
ENT	ENT/PROF X	11/12/2014	Entrevista com a professora X
ENT	ENT/PROF Y	17/12/2014	Entrevista com a professora Y
GF	GF/EF 1	02/12/2014	Grupo focal com os alunos do primeiro grupo do Ensino Fundamental
GF	GF/EF 2	02/12/2014	Grupo focal com os alunos do segundo grupo do Ensino Fundamental
GF	GF/EM 1	09/12/2014	Grupo focal com os alunos do primeiro grupo do Ensino Médio
GF	GF/EM 2	09/12/2014	Grupo focal com os alunos do segundo grupo do Ensino Médio

PL	PL/MARÇO	03/2014	Roteiro Prática Leitora da obra do mês de março/2014
PL	PL/ABRIL	04/2014	Roteiro Prática Leitora da obra do mês de abril/2014
PL	PL/MAIO	05/2014	Roteiro Prática Leitora da obra do mês de maio/2014
PL	PL/AGOSTO	08/2014	Roteiro Prática Leitora da obra do mês de agosto/2014
PL	PL/SETEMBRO	09/2014	Roteiro Prática Leitora da obra do mês de setembro/2014
PL	PL/OUTUBRO	10/2014	Roteiro Prática Leitora da obra do mês de outubro/2014
PL	PL/NOVEMBRO	11/2014	Roteiro Prática Leitora da obra do mês de novembro/2014

## **APÊNDICE 1 - Roteiros das práticas leitoras multimídiais criadas e desenvolvidas pela pesquisadora**

### **1. Roteiro de prática leitora do mês de março/2014**

*Poeplano*

Dilan Camargo

A obra

40 poemas que falam de tudo aquilo que os garotos e garotas de hoje planejam, sentem, fazem e vivem: internet, romance, música, cidadania, política, escolhas. A leitura pode render boas conversas para troca de opiniões e experiências, colocando os jovens leitores para pensar.

O autor

Dilan Camargo nasceu em Itaqui. É escritor e compositor. Formado em direito na Universidade Federal de Santa Maria e Mestrado em Ciência Política na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Publicou 16 livros de literatura infanto-juvenil. É um dos fundadores da Associação Gaúcha de Escritores. Membro do Conselho Estadual de Cultura e da Associação Nacional de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil. Confrade da Confraria Reinações. Finalista do Prêmio Jabuti de Literatura Infantil 2013 e 2014. Recebeu o Troféu PALAVRA VIVA em 2012. Criou e coordenou a Oficina de Poesia do Instituto Fernando Pessoa. Jurado, por duas edições, do Prêmio RGE/Governo do Estado de Cinema Gaúcho. Jurado do Prêmio Nacional de Contos Josué Guimarães em 2005, promovido pela Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo em parceria com o Instituto Estadual do Livro. Jurado em vários festivais de música no Rio Grande do Sul. Patrono da 61ª Feira do Livro de Porto Alegre. Apresenta o programa Autores e Livros pela TV Assembleia Legislativa.

Materiais e recursos

Livro *Poeplano* (Editora Projeto), de Dilan Camargo.

Poemas dos autores: Carlos Drummond de Andrade, Mário Quintana, Sérgio Capparelli, Bruna Beber.

Música dos compositores Tom Jobim e Vinicius De Moraes.

Programa Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias.

Olimpíada de Língua Portuguesa.

Projektor multimídia.

Computador com acesso à internet.

#### Etapas propostas

1. Apresentar o Projeto Livro do Mês, a obra e o autor convidado para edição do mês de março de 2014.
2. Perguntar aos alunos: Vocês gostam de ler poema? Você conhece algum poeta?
3. Apresentar os poemas, usando a ferramenta *Power Point*, para a leitura coletiva: *Quadrilha* de Carlos Drummond de Andrade; *Bilhete* de Mário Quintana; *barragem* de Bruna Beber e alguns poemas do livro *Poeplano* de Dilan Camargo. Essa atividade tem como objetivo destacar as características estruturais e temáticas do poema e apresentar comparativamente poemas clássicos e contemporâneos, como os textos de Carlos Drummond de Andrade e de Bruna Beber.
4. Exibir, na linguagem sonora, o poema *O buraco do tatu* de Sérgio Capparelli, disponível no *site* da Olimpíada de Língua Portuguesa. ([https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno\\_virtual/caderno/poema/](https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/poema/)) E na linguagem audiovisual, a música *Pela luz dos olhos teus* dos compositores Vinicius de Moraes e Tom Jobim, disponível no Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=LI7lkS6OQ>
5. Exibir entrevista com o autor Dilan Camargo na qual ele fala sobre poesia e sobre algumas das suas obras publicadas pela Editora Projeto. Disponível no *Youtube*. <https://www.youtube.com/watch?v=t85mbvA2cCk>
6. Mostrar o *site* do autor (<http://www.dilancamargo.com>) para conhecer mais sobre sua biografia, outras obras, novos projetos e o seu contato.

7. Incentivar os alunos a elaborarem poemas apresentando o Programa “Crianças e Jovens do Rio Grande Escrevendo Histórias”, o qual visa estimular a auto expressão do aluno, valorizando sua produção gráfica e textual, consolidadas pelo hábito da leitura desenvolvido na escola, como possibilidade de discentes que têm a prática da escrita publicarem seus textos. [http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/criancas\\_escrevendo.jsp?ACAO=acao1](http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/criancas_escrevendo.jsp?ACAO=acao1)

8. Exibir o vídeo do poema “As Marias do meu lugar”, de Carlos Victor Dantas Araújo, da EMEF Urcesina Moura Cantídio, do município de Alto Santo/CE, vencedora da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o futuro*, em 2008. Outra possibilidade de produção e publicação de poemas. ([https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno\\_virtual/caderno/poema/](https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/poema/))

## Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do Mundo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

BEBER, Bruna. *Balés*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

Caderno da Olimpíada de Língua Portuguesa

CAMARGO, Dilan. *Poeplano*. Porto Alegre: Editora Projeto, 2010.

CAPARELLI, Sérgio. *Boi da Cara Preta*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

QUINTANA, Mário. *Esconderijos do tempo*. Porto Alegre: L&PM, 1980.

Site Youtube <https://www.youtube.com/watch?v=LI7IkS60Q>

Site Youtube <https://www.youtube.com/watch?v=t85mbvA2cCk>

[www.dilancamargo.com.br](http://www.dilancamargo.com.br)

[www.educacao.rs.gov.br](http://www.educacao.rs.gov.br)

[www.escrevendoofuturo.org.br](http://www.escrevendoofuturo.org.br)

## 2. Roteiro da prática leitora do mês de abril/2014

*Perdida*

Carina Rissi

A obra

Sofia vive em uma metrópole e está acostumada com a modernidade e as facilidades que ela traz. Ela é independente e tem pavor à mera menção da palavra casamento. Os únicos romances em sua vida são aqueles que os livros proporcionam. Após comprar um celular novo, algo misterioso acontece e Sofia descobre que está perdida no século dezenove, sem ter ideia de como voltar para casa – ou se isso sequer é possível. Enquanto tenta desesperadamente encontrar um meio de retornar ao tempo presente, ela é acolhida pela família Clarke. Com a ajuda do prestativo – e lindo – Ian Clarke, Sofia embarca numa busca frenética e acaba encontrando pistas que talvez possam ajudá-la a resolver esse mistério e voltar para sua tão amada vida moderna. O que ela não sabia era que seu coração tinha outros planos... Perdida é uma história apaixonante com um ritmo intenso, que vai fazer você devorar até a última página.

#### A autora

Carina Rissi é natural de Ariranha, interior de São Paulo, deixou a vida de funcionária pública para se dedicar à criação de sua primeira filha. Ela só não esperava que logo fosse unir a vida de mãe à de escritora. Lançou seu primeiro livro, *Perdida: Um Amor que Ultrapassa as Barreiras do Tempo*, em 2011, pela Verus Editora. Seu segundo romance, *Procura-se um Marido*, em 2012. *Encontrada – à espera do felizes para sempre*, série Perdida, Vol. 2, pela Verus Editora, em 2014. *O livro dos vilões*, com outros três escritores, pela Galera Record, em 2014. *No mundo de Luna*, em 2015, pela Verus Editora. Em 2015, *Destinado: as memórias secretas do Sr. Clarke*, também pela Verus Editora.

#### Materiais e recursos

Livro *Perdida: um amor que ultrapassa as barreiras do tempo* (Verus Editora), de Carina Rissi.

Filme *Encantada*.

Filme *Click*.

Acervo de fotografias do Projeto Passo Fundo.

Imagens produzidas pelo *Google Maps*.

Projeto multimídia.

Computador com acesso à internet.

Etapas propostas

1. Apresentar o Projeto Livro do Mês, a obra e a autora convidada para edição do mês de abril de 2014.
2. Fazer a contação da história de forma parcial sem revelar o desfecho.
3. Apresentar o gênero literário *Chick lit*, comparando-o com o Conto de Fadas.
4. Exibir o *trailer* do filme “Encantada”.
5. Perguntar aos alunos se eles conhecem outras histórias de viagem no tempo em livros, filmes.
6. Projetar o *trailer* do filme “Click”.
7. Proporcionar uma viagem no tempo em Passo Fundo, mostrando fotografias antigas da cidade, fazer com que os alunos tentem identificar ruas, avenidas, locais e, logo a seguir mostrar a mesma foto no momento atual.
8. Refletir com os alunos as diferenças de linguagem presentes na obra, trazendo para a discussão comparações como a linguagem formal e o internetês.
9. Indicar obras para leitura citadas no livro *Perdida – Orgulho e preconceito, Razão e sensibilidade*, apresentando a autora das obras Jane Austen.

#### Referências

AUSTEN, Jane. *Orgulho e preconceito*. São Paulo: Martin Claret, 2013.

AUSTEN, Jane. *Razão e sensibilidade*. São Paulo: Scipione, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática, 1991.

Fotos antigas de Passo Fundo. Disponível em: <http://www.projetoportunidade.com.br/>. Acesso em 31/03/2014.

Fotos atuais de Passo Fundo. Disponível em: <https://www.google.com.br>. Acesso em 31/03/2014.

KOREN, Steve; O’KEEFE, Mark. *Click*. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Q5C0HqXQcuk>. Acesso em 31 mar. 2014.

Lingagem de internet e celular. Disponível em:

[http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/perguntas\\_respostas/linguagem-internet-celular/idioma-escrita-abreviada-jovens-adolescentes.shtml](http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/perguntas_respostas/linguagem-internet-celular/idioma-escrita-abreviada-jovens-adolescentes.shtml). Acesso em: 31 mar. 2014.

RIBAS, Elisângela; RIBAS, Ângela; PINHO, Denise da Sena; LAHM, Regis Alexandre. *A influência da linguagem virtual na linguagem formal de adolescentes*. Disponível em: 31 mar. 2014.

Rissi, Carina. *Perdida: um amor que ultrapassa as barreiras do tempo*. São Paulo: Verus Editora, 2013.

SANTANA, Ana Lucia. *Chick-Lit*. Disponível em: [www.infoescola.com/literatura/chick-lit](http://www.infoescola.com/literatura/chick-lit). Acesso em: 31 mar. 2014.

WALT DISNEY PICTURES. *Encantada*. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=5c5pwCoY3U4>. Acesso em 31/03/2014

### **3. Roteiro da prática leitora do mês de maio/2014**

*Simbá, o marujo*

Stela Barbieri

A obra

Pássaros gigantes, homens que pescam diamantes dentro da toca de cobras monstruosas, bandidos caçadores de elefantes, cavalos do mar, tempestades mortais... Esses são apenas alguns dos desafios enfrentados por Simbá, o marujo. Agora, o herói milenar do oriente ganha uma edição à altura de suas aventuras, com texto saboroso da exímia contadora de histórias Stela Barbieri e ilustrações do premiado Fernando Vilela, em lançamento caprichado da Cosac Naify.

Stela Barbieri se debruçou sobre mais de trinta traduções das viagens de Simbá para escrever a sua versão das histórias. Outro cuidado da autora foi se manter fiel ao estilo de narrativa oral: “Escrevi este texto como se um filme interno se criasse em minha mente, cena após cena”. Fernando Vilela presenteia os leitores com ilustrações deslumbrantes que preenchem as páginas. Inspirado pela arquitetura, cores e formas orientais, o artista criou barcos ornados



de arabescos, reinos exóticos e animais fantásticos. Vilela fez uso de carimbos de madeira e borracha para recriar em detalhes o universo de Simbá. Para representar tempestades e tufões, optou por pintura a nanquim, aplicado com canetas, pincéis e sopros do próprio ilustrador.

A autora

Stela Barbieri é artista plástica e consultora nas áreas de educação e artes. É conselheira da Fundação Calouste Gulbenkian desde 2012. Foi curadora educacional da Bienal de Artes de São Paulo (2009-14) e diretora da Ação Educativa do Instituto Tomie Ohtake (2002-13). É assessora de artes plásticas na Escola Vera Cruz há vinte e cinco anos, autora de livros infantis e contadora de histórias. Dirige o Binah Espaço de Artes, um ateliê vivo, com aulas, palestras e formações.

Materiais e recursos

Livro *Simbá, o marujo* (Editora Cosac Naify), de Stela Barbieri.

História *As mil e uma noites*.

Projeter multimídia.

Computador com acesso à internet.

Etapas propostas

1. Apresentar a autora Stela Barbieri e sua obra *Simbá, o marujo*, comentando as ilustrações e destacando que o texto é recontado pela autora.
2. Contar a história *As Mil e uma Noites*, lembrando que as aventuras do Simbá integram as histórias desses contos.
3. Discutir com os alunos sobre a cultura árabe, apresentando como exemplo, a dança do ventre com a espada e sua representação por meio da telenovela *O Clone* disponível no *youtube*.
4. Apresentar as características do conto, mostrando a estrutura desse gênero narrativo, e especificamente do conto maravilhoso, para caracterizar o texto das aventuras de Simbá.

5. Ler em voz alta uma das viagens da obra *Simbá, o marujo* como forma de exemplificar a apresentação anterior.
6. Exibir a *Segunda viagem de Simbá* por meio da animação feita pelos alunos da Faculdade Anhembí Morumbi, do segundo semestre de *Games*, Felipe Alvarenga Schmidt, Otávio Camanho Lopes Colavito, Luiz Gustavo disponível no *Youtube*.
7. Apresentar o ilustrador Fernando Vilela responsável pelas ilustrações da obra, sugerindo o seu *site* [http://www.fernandovilela.com.br/\\_como](http://www.fernandovilela.com.br/_como) forma de aprofundar o conhecimento sobre as técnicas utilizadas por ele.
8. Exibir o vídeo *O segredo da ilustração*, produzido pela revista Crescer, para que os alunos conheçam o ateliê de Fernando Vilela, que ganhou o Prêmio Jabuti de 2007, a fim de que descubram como é feita uma ilustração.
9. Incentivar os alunos a fazerem leituras, de histórias como: *Aladim e a lâmpada maravilhosa* e *Ali Babá e os quarenta ladrões*.

#### Referências

BELINKY, Tatiana. *Aladim e a lâmpada maravilhosa*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2013.

Dança sagrada de Ísis. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b54VvrcXAFw>. Acesso em 30/04/2014.

GALLAND, Antoine. *As mil e uma noites*. V. 1 e 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. Gêneros literários – conto – Associação de Escritores de Bragança Paulista. Disponível em: <http://www.asesbp.com.br/literatura/conto.htm>. Acesso em: 30 de abr. 2014.

GREGORIN FILHO, José Nicolau (Org.). *Literatura infantil em gêneros*. São Paulo: Editora Mundo Mirim, 2012.

LOBATO, Monteiro. *Ali Babá e os quarenta ladrões*. São Paulo: Editora IBEP Nacional, 2002.

REVISTA CRESCER. O segredo da ilustração. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=32PMKUQ14Fk>. Acesso em: 30 de abr. 2014.

SCHMIDT, Felipe Alvarenga; COLAVITO, Otávio Camanho Lopes; GUSTAVO, Luiz. *A segunda viagem de Simbá*. Animação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=84GCGNdkEcE>. Acesso em: 30 de abr. 2014.

VILELA, Fernando. Biografia. Disponível em: <http://www.fernandovilela.com.br/>. Acesso em: 30 de abr. 2014.

#### **4. Roteiro da prática leitora do mês de agosto/2014**

*Nem eu nem outro*

Suzana Montoro

A obra

Adolescente vítima de um AVC perde a memória e passa por uma crise de identidade. O conflito entre a personalidade que emerge após o apagão e a existência pregressa, reconstituída a partir do relato de terceiros, dá margem a uma discussão filosófica sobre os nexos entre memória e identidade, realidade e consciência, mundo sensível e mundo inteligível.

A autora

Suzana Montoro nasceu em São Paulo. É contista, romancista e autora de livros infanto-juvenis. Entre os seus livros destacam-se *Em busca da sombra* (SM), selecionado pelo FNDE para o Programa Nacional da Biblioteca Escolar 2013, *Nem eu nem outro* (SM), finalista do Prêmio Jabuti 2012, e *Os húngareses*, que conquistou o Prêmio SP de Literatura 2012 na categoria Autor Estreante. Também tem publicações em antologias, revistas e *sites*. Além de escritora é psicóloga e trabalha como psicoterapeuta.

Materiais e recursos

Livro *Nem eu nem outro* (Edições SM), de Suzana Montoro.

A caixa de pandora.

Filme *Harry Potter e a ordem da fênix*.

*Game God of War*

Quadrinhos de Maurício de Souza.

Projektor multimídia.

Computador com acesso à internet.

Etapas propostas

1. Apresentar a autora Suzana Montoro e sua obra *Nem eu nem outro*, publicada pela Edições SM.
2. Realizar a contação da história da obra *Nem eu nem outro*, preservando o final.
3. Perguntar aos alunos o que chamou a atenção deles no livro.
4. Descrever o que são os mitos, destacando que são formas de manifestação do gesto vocal, evidenciando a oralidade e o pensamento mágico.
5. Apresentar sobre o Mito da Fênix, citado pela personagem no livro, e mostrar a fênix por meio de recorte do filme *Harry Potter e a ordem da fênix*.
6. Apresentar os dramaturgos da Grécia Antiga, referidos na obra, e que utilizam os mitos em seus enredos: Ésquilo (c.525-456 a.C.), Sófocles (c.490-406 a.C.) e Eurípedes (480-406 a.C.).
7. Ler a história *A caixa de Pandora*, texto de Adriana Bernardino.
8. Apresentar e explicar para os alunos sobre o *Mito da Caverna*, de Platão. Mostrando o mito por meio do trabalho de Maurício de Souza denominado *As sombras da vida*, disponível no site <http://nead.uesc.br/arquivos/Letras/historia-educacao/pensamento-complexo-piteco.pdf>.
9. Indicar o *game God of War*, no qual aparece Prometeu, titã grego, da obra de Ésquilo (c. 525 AC-456 AC), *Prometeu Acorrentado*, que no livro *Nem eu nem outro* é a peça teatral escolhida pelos alunos para ser representada.
10. Disponibilizar aos alunos obras sobre mitologia e com outros mitos.
11. Indicações de leitura: *Dicionário básico de mitologia*; *O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis*; *A caixa de Pandora*.

Referências

BASEIO, Maria Auxiliadora Fontana. Mitos e lendas. In: GREGORIN FILHO, José Nicolau (Org.). *Literatura infantil em gêneros*. São Paulo: Editora Mundo Mirim, 2012. p. 9-17.

BERNARDINO, Adriana. *A beleza de Narciso*. São Paulo: FTD.

- BERNARDINO, Adriana. *A caixa de Pandora*. São Paulo: FTD.
- BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- God of War II. Kratos e Prometeu. Disponível em:  
[https://www.youtube.com/watch?v=asLBU\\_GJ4ow](https://www.youtube.com/watch?v=asLBU_GJ4ow). Acesso em 01/08/2014.
- MONTORO, Suzana. *Nem eu nem outro*. São Paulo: Edições SM, 2011.
- RIORDAN, Rick. *A batalha do labirinto*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.
- RIORDAN, Rick. *A casa de Hades*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.
- RIORDAN, Rick. *O ladrão de raios*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.
- RIORDAN, Rick. *Os arquivos do semideus*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.
- RIORDAN, Rick. *Os diários do semideus*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.
- ROWLING, J. K. *Harry Potter e a ordem da fênix*. Dirigido por David Yates. EUA, Reino Unido: Warner Bros, 2007.
- SOUZA, Maurício. *As sombras da vida*. Maurício de Souza Produções Ltda, 2002.  
 Disponível em: <http://nead.uesc.br/arquivos/Letras/historia-educacao/pensamento-complexo-piteco.pdf>. Acesso em: 01 de ago. 2014.
- VICTORIA, Luiz A. P. *Dicionário básico de mitologia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

## 5. Roteiro da prática leitora do mês de setembro/2014

*Dias perfeitos*

Raphael Montes

A obra

O protagonista do livro é Téo, um jovem e solitário estudante de medicina que divide seu tempo entre cuidar da mãe paraplégica e dissecar cadáveres nas aulas de anatomia. Num churrasco a que vai com a mãe, contrariado, Téo conhece Clarice, uma jovem de espírito livre que sonha tornar-se roteirista de cinema. Clarice está escrevendo um *road movie* de nome “Dias perfeitos”. O texto ainda está cru, mas ela já sabe a história que quer contar: as desventuras de três amigas que viajam de carro pelo país em busca de experiências amorosas.

Téo fica viciado em Clarice: quer desvendar aquela menina diferente de todas que conheceu. Começa, então, a se aproximar de forma insistente. Diante das seguidas negativas, opta por uma atitude extrema: desfere um golpe na cabeça dela e, ato contínuo, sequestra a garota. Elabora então um plano para conquistá-la: coloca-a sedada no banco carona de seu carro e inicia uma viagem pelas estradas do Rio de Janeiro - a mesma viagem feita pelas personagens do roteiro de Clarice. Passando por cenários oníricos, entre os quais um chalé em Teresópolis administrado por anões e uma praia deserta e paradisíaca em Ilha Grande, o casal estabelece uma rotina insólita: Téo a obriga a escrever a seu lado e está pronto para sedá-la ou prendê-la à menor tentativa de resistência. Clarice oscila entre momentos de desespero e resignação, nos quais corresponde aos delírios conjugais de seu sequestrador.

#### O autor

Raphael Montes nasceu em 1990, no Rio de Janeiro. Advogado e escritor, publicou contos em diversas antologias de mistério, inclusive na *Playboy* e na prestigiada revista americana *Ellery Queen Mystery Magazine*. *Suicidas* (2012) é o primeiro romance do autor, nascido de um projeto de mesclar subgêneros clássicos do policial em roupagem contemporânea.

#### Materiais e recursos

Livro *Dias perfeitos* (Companhia das Letras), de Raphael Montes.

Filme *O Corvo*.

Filme *Sherlock Holmes – O Jogo de Sombras*.

Quadrinho de Ivan Zigg.

Série *Dupla Identidade*.

Projeter multimídia.

Computador com acesso à internet.

#### Etapas propostas

1. Apresentar o autor Raphael Montes e sua obra, destacando o romance policial contemporâneo.
2. Realizar a contação da história da obra *Dias perfeitos*, instigando sua leitura ao desfecho final.
3. Perguntar aos alunos o que chamou a atenção deles na história.
4. Expor sobre o romance policial clássico, como surgiu, suas características e aspectos relevantes desse gênero literário.
5. Apresentar os principais autores do Romance Policial clássico e suas obras – Edgar Allan Poe, Arthur Conan Doyle, Agatha Christie.
6. Exibir o trailer do filme *O Corvo*, baseado no conto de Edgar Alan Poe disponível no *Youtube*.
7. Contar o conto *O Gato Preto*, de Edgar Allan Poe.
8. Projetar o trailer do mais recente filme sobre *Sherlock Holmes, 2, O Jogo de Sombras* disponível no *Youtube*.
9. Mostrar na linguagem de quadrinhos a representação de história com detetive, *O mistério dos bolinhos*, de Ivan Zigg.
10. Descrever as características do romance policial contemporâneo, situando a obra de Raphael Montes, cotejando-a com o romance policial clássico.
11. Exibir a apresentação do seriado *Dupla Identidade*, de Glória Perez, apresentando na linguagem televisiva as características do romance policial contemporâneo.
12. Indicações de leitura: *Mr. Xadrez em o desaparecimento do diamante*; *Aventuras inéditas de Sherlock Holmes*; *Os Assassinatos da rua Morgue*; *Para gostar de ler*: histórias de detetive; *Contos de imaginação e mistério*.

## Referências

- LIVINGSTON, Ben; SHAKESPEARE, Hannah. *O Corvo*. EUA: Relativity Media, 2012.  
Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qQExe9S8gyk>. Acesso em: 01 set. 2014.
- MONTES, Raphael. *Dias perfeitos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

PEREZ, Glória. *Dupla Identidade*. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2014. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=jgpAS\\_Uwzac](https://www.youtube.com/watch?v=jgpAS_Uwzac). Acesso em: 01 set. 2014.

POE, Edgar Allan. *Contos de imaginação e mistério*. São Paulo: Tordesilhas, 2015.

RITCHE, Guy. *Sherlock Holmes 2 – O Jogo de Sombras*. EUA, 2012. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6ZHfJ9KWGs8>. Acesso em: 01 set. 2014.

ZIGG, Ivan. *O mistério dos bolinhos*. Rex Holme ajuda a solucionar o sumiço das gostosuras. Disponível em [chc.cienciahoje.uol.com.br/o-misterio-dos-bolinhos/](http://chc.cienciahoje.uol.com.br/o-misterio-dos-bolinhos/). Acesso em: 01 set. 2014.

## 6. Roteiro da prática leitora do mês de outubro/2014

*Diário de Pilar em Machu Picchu*

Flávia Lins e Silva

A obra

Onde será que o gato Samba se meteu? É o que Pilar e Breno precisam descobrir! Num pulo, os dois entram na rede mágica e... lá se vão para uma aventura de tirar o fôlego. No alto das montanhas do Peru, eles desbravarão os segredos de Machu Picchu, a Cidade Sagrada, e tentarão evitar que a jovem Yma, escolhida do deus Sol, fique ali para sempre.

Ao mesmo tempo em que conhecem as tradições e lendas da civilização inca, Pilar, Breno e Samba vivem momentos tão inesquecíveis quanto perigosos – trilham as margens do rio Urubamba, enfrentam o poderoso Sacerdote Supremo, escondem-se nos templos de pedra, deliciam-se com choclos e quinoa e aprendem um monte de palavras no idioma quéchua.

Essa edição traz dicionário de palavras inventadas por Pilar, um pequeno dicionário de quéchua (o idioma dos incas), mapa de Machu Picchu e da trilha inca e mapa da América do Sul. E mais: a partitura do “Samba do Samba”, composto por Pilar e Breno.

A autora

Flávia Lins e Silva, assim como sua personagem Pilar, está sempre de malas prontas para uma nova viagem. É escritora, roteirista, documentarista e autora de vários livros infanto-juvenis. Foi vencedora do Prêmio de Melhor Livro Juvenil de 2010 pela FNLIJ com Mururu no



Amazonas. É autora das séries *Diário de Pilar* e *Os detetives do Prédio Azul*, além de *Nas folhas do chá*, entre outros.

#### Materiais e recursos

Livro *Diário de Pilar em Machu Picchu* (Pequena Zahar), de Flávia Lins e Silva.

Música *Samba do Samba*.

*Facebook* da Pilar.

*Blog* da Pilar.

Filme *As Crônicas de Nárnia*.

Projektor multimídia.

Computador com acesso à internet.

#### Etapas propostas

1. Apresentar a obra *Diário de Pilar em Machu Picchu*, destacando que faz parte de uma série, e sua autora Flávia Lins e Silva.
2. Apresentar a personagem Pilar por meio do *site* da autora <http://www.flavialinsesilva.com.br/pilar/>.
3. Fazer a contação da história da obra com o auxílio dos alunos que a leram, não revelando o final.
4. Exibir o vídeo da música o *Samba do Samba*, presente na obra com letra e partitura.
5. Falar sobre o gênero textual diário, enfatizando os aspectos relevantes dessa narrativa.
6. Mostrar o *facebook* e o *blog* da Pilar, destacando que, no meio eletrônico, essas redes sociais se comparam ao diário impresso.
7. Contar para os alunos um mito do Peru, Os pequenos gêmeos e o malvado Wakon, adaptação de Pilar Ortiz de Zevallos e Patrícia Camino de Orlandini.
8. Apresentar a ilustradora Joana Penna e sua obra por intermédio do *site* <http://www.joanapenna.com/joanaweb.html>. Conversar sobre a técnica utilizada na ilustração da obra *Diário de Pilar em Machu Picchu* - personagens desenhados sobre as imagens de Machu Picchu - em fotografias.

9. Exibir o trailer do filme *As Crônicas de Nárnia - A viagem do peregrino da alvorada*, em que as crianças viajam via quadro na parede, assim como Pilar e os amigos viajam pela rede de descanso.

10. Indicações de leituras: *Fica ficando*; *Diário de Pilar na Amazônia*; *Caderno de Viagens da Pilar*; *O Colapso dos bibelôs*; *Diário Inventado*; *Diário de Pilar na Grécia*; *As Crônicas de Nárnia*; *Contos, mitos e lendas para crianças da América Latina*; *Minha caixa de sonhar: histórias de viagens para jovens de qualquer idade*, *O Diário de Anne Frank*.

## Referências

*Blog Diário de Pilar*. <https://diariodepilar.wordpress.com/>. Acesso: em 01 out. 2014.

*Facebook Diário de Pilar*. <https://www.facebook.com/DiariodePilar/?fref=ts>. Acesso em: 01 out. 2014.

LEWIS, C.S. *As crônicas de Nárnia – A viagem do peregrino da alvorada*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d7Crs-1cQqE>. Acesso em: 01 out. 2014.

PENNA, Joanna. *Site oficial*. Disponível em: <http://www.joanapenna.com/joanaweb.html>. Acesso em: 01 out. 2014.

PINEDO, Sofia Laferrere de; SANTOS, Joel Rufino dos; PERDOMO, Lucia Rojas de; SODJA, et al. *Contos, mitos e lendas para crianças da América Latina*. São Paulo: Ática, 1997.

SILVA, Flávia Lins e. *Diário de Pilar em Machu Picchu*. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2014.

SILVA, Flávia Lins e. *Pilar*. Disponível em: <http://www.flavialinsesilva.com.br/pilar/>. Acesso em: 01 out. 2014.

SILVA, Flávia Lins e. *Samba do Samba*. Disponível em: <http://www.zahar.com.br/livro/di%C3%A1rio-de-pilar-em-machu-picchu>. Acesso em: 01 out. 2014.

## 7. Roteiro da prática leitora do mês de novembro/2014

*Feérica*

Carolina Munhóz

#### A obra

E se uma fada se revelasse em um *reality show*? Violet Lashian tem apenas um objetivo: ser famosa em seu mundo. Mas quem nunca se seduziu por esse pensamento? Ignorada pelas fadas de uma sociedade que preza a padronização, a jovem de cabelos roxos decide abandonar seu sofrimento em busca de um lugar entre as estrelas de Hollywood. Bastidores de *reality shows*. Festas badaladas. Encontros amorosos com jovens milionários. Entrevistas em rede mundial. Fama instantânea, dinheiro e poder. De repente, a feérica se vê cercada pela realidade com que sempre sonhou. Mas será que Violet é capaz de manter a pureza de sua raça mágica em um mundo corrompido pelo deslumbre material? E quais seriam as reais consequências de sua revelação para a existência oculta de seu povo?

#### A autora

Carolina Munhóz é jornalista, romancista e fanática por *reality shows* desde a adolescência, onde participou do Ídolos. Em um momento de depressão, sonhou com uma fada e escreveu um livro pelo qual recebeu o Prêmio Jovem Brasileiro. Viciada em livros graças a pergaminhos de J.K. Rowling, tornou-se correspondente do *site Potterish*. Visitou a plataforma 9 ¾ de Londres e, por pouco, não conseguiu burlar a entrada para *Hogwarts*. Em Los Angeles, conheceu os atores Daniel Radcliffe, Emma Watson e Ruppert Grint. Também visitou vários países como mochileira, chegando a parar na *Ilha de Lost*. Suas aventuras chamaram a atenção de diversos meios de comunicação, foi capa do jornal Folha de São Paulo como referência na literatura fantástica atual e fez um *tour* com a escritora Alyson Noël. Autora dos livros *A fada* e *O inverno das fadas*, hoje é escritora em tempo integral, membro do *Rapduracast* e viciada em redes sociais.

#### Materiais e recursos

Livro *Feérica* (Fantasy Casa da Palavra), de Carolina Munhóz.

Música da banda Linkin Park.

Apresentações do *Cirque de Soleil*.

Clip da música *Fairy Tale*.

Projektor multimídia.

Computador com acesso à internet.

#### Etapas propostas

1. Apresentar a autora Carolina Munhóz e sua obra, enfatizando o gosto pelo mundo feérico presente em suas obras.
2. Contar a história do livro *Feérica*, destacando os elementos presentes na obra que fazem referência à cultura pop, observando que o final não seja revelado.
3. Fazer a contação da história da obra com o auxílio dos alunos que a leram, não revelando o final.
4. Explanar sobre o gênero literário contemporâneo *Chick-Lit*, suas características e referências de obras do estilo.
5. Exibir entrevista com a autora Carolina Munhóz, que fala sobre a produção da obra *Feérica* disponível no endereço eletrônico <https://www.youtube.com/watch?v=fL2dTxVMMOw>.
6. Discorrer sobre a cultura pop, conceito, surgimento, influências e destaques dados pela autora na obra.
7. Apresentação da banda *Linkin Park* disponível no *Youtube*, banda que abre o espetáculo do *reality show* da fada na obra.
8. Projetar as duas apresentações do *Cirque du Soleil* mencionadas na obra, espetáculos *O* e *The Beatles LOVE*, disponível no *Youtube*.
9. Exibir o *clip* da música *Fairy Tale*, da banda de rock brasileira *Shaman*, lembrando que esta foi a música da audição da personagem Violet na obra.
10. Falar sobre a mitologia celta e germânica, apresentando alguns dos seres da natureza, como: elfos, fadas, goblins, duendes, gnomos.
11. Indicações de outras leituras: *Onde tem bruxa tem fada*; *As fadas da areia*; *As melhores histórias da mitologia Celta*; *O príncipe sapo e outras histórias*; *Harry Potter e a pedra filosofal*; *Harry Potter e a ordem da fênix*; *As aventuras de Pinóquio: história de um boneco*;

*Fadas; Peter Pan; Magos, fadas e bruxas: quase tudo o que você queria saber; A Bela Adormecida e outras histórias; Harry Potter e o cálice de fogo; Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban; Harry Potter e as relíquias da morte; Em busca da terra do nunca; As Fadas; A Fada que tem idéias; Harry Potter e a câmara secreta.*

## Referências

Chick-Lit. Disponível em: <http://www.universodosleitores.com/2013/07/materias-literarias-literatura-chick.html>. Acesso em: em 03 nov. 2014.

Cirque du Soleil. *Espetáculo "O"*. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Vm11jzx7Ka0>. Acesso em: 03 nov. 2014.

Cirque du Soleil. *Espetáculo The Beatles LOVE*. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=qtn3m7F4Vog>. Acesso em: 03 nov. 2014.

FRANCHINI, A. S. *As melhores histórias da mitologia Celta*. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 2014.

Linkin Park. *Burn it down*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dxytyRy-01k>. Acesso em: 03 nov. 2014.

MALAM, John. *Fadas*. São Paulo: Nobel franquias, 2010.

ROWLING, J. K.. *Coleção Harry Potter*. Rio de Janeiro: Rocco.

SHAMAN. *Fairy Tale*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-0SbwokIF4Y>. Acesso em: 03 nov. 2014.

## CIP – Catalogação na Publicação

- 
- D218f D'Arienzo, Maria Augusta  
A formação de leitores pelo Projeto Livro do Mês na  
percepção de discentes e docentes de Escolas Públicas Estaduais  
de Passo Fundo/RS / Maria Augusta D'Arienzo. – 2016.  
171 f.; 30 cm.
- Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adriana Dickel.  
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Passo  
Fundo, 2015.
1. Leitura. 2. Leitura - Desenvolvimento. 3. Livros de leitura.  
I. Dickel, Adriana, orientadora. II. Título.

CDU: 372.41

---

Catalogação: Bibliotecária Cristina Troller - CRB 10/1430